CRISE POLÍTICA QUEM GANHA E QUEM PERDE COM AS ELEIÇÕES

A NEWSMAGAZINE MAIS LIDA DO PAÍS HÁ 31 ANOS

WWW.VISAO.PT

VISÃO

N.º 1672 . 20/3 A 26/3/2024 . CONT. E ILHAS: €4,20 SEMANAL

POLÉMICA
PARLAMENTO "ENGORDA" ANTES DE CAIR

DEBATE
26 IDEIAS PARA COMBATER O RESSENTIMENTO

120 ANOS DE JÚLIO VERNE
O ESCRITOR QUE "VIU" O FUTURO

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

DOSSIER ESPECIAL

Como o duelo EUA-China pode mudar as nossas vidas

As armas da guerra fria tecnológica

O poder do mundo digital

Os riscos do algoritmo editor

CHATGPT · DEEPSEEK · GEMINI · COPILOT
META AI · QUARK · PERPLEXITY · CLAUDE
TULU 3 · ERNIE X1 · JASPER · CHATSONIC

GUIA PARA USAR AS MELHORES APLICAÇÕES

5 160278 000383 01672

TUTORIAL APRENDA A TIRAR TODO O PARTIDO DA **APP**

VISÃO

AS NOTÍCIAS DO DIA

Aceda à VISÃO online através do menú inicial e explore as últimas histórias e opiniões

BIBLIOTECA DE REVISTAS

Ao ser assinante da VISÃO pode aceder a todo o arquivo de edições digitais da revista. Em cima, a edição mais recente, disponível em primeira-mão a partir das 18h de quarta-feira

TRUST IN NEWS

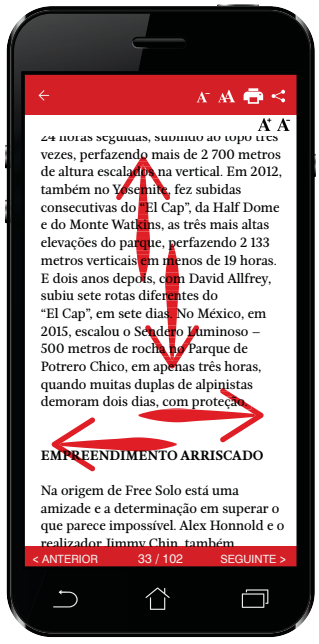
DUAS OPÇÕES DE LEITURA DA REVISTA

Pode escolher como prefere ler a edição semanal: em **formato pdf**, com primazia para o grafismo, ou em **formato de texto**, para uma leitura mais confortável do texto

A EVOLUÇÃO FORÇADA
Uma investigadora portuguesa está a estudar a resposta dos animais para se adaptarem às mudanças provocadas pelo aquecimento global
LUÍS RIBEIRO
Diana Madeira quer saber se as alterações climáticas podem acabar com uma espécie de minhocas marinhas do género científico Ophryotrocha. Olhando para elas, uns vermes minúsculos que mais parecem centopeias viscosas, é fácil pensar que a sua extinção, seja por que razão for, não
< ANTERIOR
33 / 102
SEGUINTE >

CLIQUE PARA ABRIR FORMATO DE TEXTO

Para leitura mais confortável dos artigos ou caixas completos, basta carregar.
Pode escolher o corpo de letra mais adaptável ao seu gosto


vezes, perfazendo mais de 2 700 metros de altura escalados na vertical. Em 2012, também no Yosemite, fez subidas consecutivas do "El Cap", da Half Dome e do Monte Watkins, as três mais altas elevações do parque, perfazendo 2 133 metros verticais em menos de 19 horas. E dois anos depois, com David Allfrey, subiu sete rotas diferentes do "El Cap", em sete dias. No México, em 2015, escalou o Sendero Luminoso – 500 metros de rocha no Parque de Potrero Chico, em apenas três horas, quando muitas duplas de alpinistas demoram dois dias, com proteção.
EMPREENDIMENTO ARRISCADO
Na origem de Free Solo está uma amizade e a determinação em superar o que parece impossível. Alex Honnold e o realizador Jimmy Chin, também
< ANTERIOR
33 / 102
SEGUINTE >

NAVEGAÇÃO INTUITIVA

- Deslize para navegar entre páginas
- Aproxime e afaste para ver detalhes

PESQUISA DE ARTIGOS

Pode **pesquisar** um tema que lhe interesse nos artigos publicados na edição semanal da VISÃO. Na barra de navegação em cima, à direita, encontre o menu com opção de pesquisa. Procure por palavra chave na última edição ou na biblioteca de revistas anteriores

Lisbon Digital School®

Inside LDS

Líder em formação profissional de **Marketing Digital, Inovação e IA**

- ✓ Cursos de curta e longa duração
- ✓ Para particulares e empresas
- ✓ Presencial e Online

Inteligência Artificial Generativa | Strategic IA: Inteligência Artificial para Gestão
Design & Generative Artificial Intelligence | Data & AI: From Vision to Value
Inteligência Artificial e Conformidade Jurídica
Uso de IA na Construção de Estratégias Digitais | Microsoft Copilot

lisbondigitalschool.com

VISÃO

20 MARÇO 2025 — Nº 1672

ENTREVISTA
Ângela Morgado 8

RADAR
A semana em 7 pontos
Assim que passarem cinco anos 12

Holofote
Manuel Santana Lopes, golpe entre celebridades 14

Próximos capítulos
A última hipótese de Miguel Albuquerque 18

Fotos com História
Barragem de Castelo de Bode 20

Transições
Miguel Macedo, respeitado por todos ... 22

Periscópio
Populista, vírgula!... 23

Imagens
Ondas coletivas 24

VISÃO DOS FACTOS
Portugueses ricos em ouro? 114

FOCAR
AR: Secretaria-Geral contrata que se farta 78

Habitação: o drama de Ana Paula 82

Imprensa: 45 anos de *JL* 84

Miúdos a Votos!: os miúdos já foram votar 88

Lewis Hamilton e o seu Ferrari vermelho 54
Ao trocar a Mercedes pela equipa mais bem-sucedida da história da Fórmula 1, o piloto britânico igualou o recorde de vitórias de Michael Schumacher. Exclusivo *Time*

Quem ganha e quem perde com estas eleições .. 26
Montenegro joga o tudo ou nada, Pedro Nuno acelera o calendário, Ventura pensa em Passos, Rocha mostra autonomia, Tavares quer ir sozinho e Raimundo e Mortágua disputam o voto de protesto à esquerda

IA: O grande duelo tecnológico 36
Numa espécie de nova Guerra Fria, a China e os EUA lutam pelo domínio da Inteligência Artificial. As grandes empresas norte-americanas colocam todas as fichas nesta tecnologia, lutando contra startups chinesas que prometem criar novas soluções ainda mais eficazes, como foi o caso do DeepSeek

Combater o ressentimento 62
Historiadores, sociólogos, académicos, pensadores e comunicadores sugerem 26 ideias para contrariar a frustração e a indignação

A viagem interminável de Júlio Verne 70
Cento e vinte anos depois da sua morte, o que tem o escritor francês mais traduzido de sempre para nos dizer? Não previu o futuro, mas faz parte dele

VISÃO SETE
Bem-vindos ao MACAM 92

Cinema: 25 anos de Monstra 104

Pequenos livros, grandes mundos 106

Comprar: a arte de Joana Dornellas 107

Festival do Ouriço-do--Mar, na Ericeira 108

O Gosto de... Rita Andringa 111

OPINIÃO
Rui Tavares Guedes
Entre a amnésia da pandemia e a ação alemã 6

Pedro Marques Lopes
O Bloco Central é a solução 16

Filipe Luís
André Ventura vota PS 35

Sofia Santos Machado
Enfrentar o algoritmo editor 53

José Carlos de Vasconcelos
PS e PSD: responsabilidade pela defesa da democracia 90

Interdita a reprodução, mesmo parcial, de textos, fotografias ou ilustrações sob quaisquer meios, e para quaisquer fins, inclusive comerciais.

ESCOLHA 2025 Nº1 DO CONSUMIDOR
IMPRENSA - SEMANAIS
3 MARCAS AVALIADAS

www.visao.pt

ONLINE
Últimos artigos de opinião no site da **VISÃO**

José Brissos-Lino
VESTÍGIOS DE AZUL
A novela Mar Negro

Tiago Veloso
OPINIÃO
Serviço Nacional de Apoio ao Idoso – dignidade até ao fim da vida

João Garcia
OPINIÃO
Não vale atacar todos, quando o mal é só de alguns

Eleições legislativas: o tudo ou nada

A vida tem destas coisas e, no jornalismo, a atualidade muitas vezes impõe-se de forma absolutamente implacável: há um mês nada o fazia prever, mas pela segunda semana consecutiva dedicamos um dos temas principais da VISÃO às consequências da crise política motivada pela rejeição da moção de confiança apresentada pelo Governo de Luís Montenegro. Nesta edição, a jornalista Margarida Davim assina o artigo, que poderá ler a partir da página 26. Ainda falta muito para começar a campanha oficial, mas não há como negá-lo: Governo, líderes partidários e, no fundo, o País entraram em contagem decrescente para o tudo ou nada. Descubra, nesta edição, o que é que os protagonistas têm a ganhar e a perder com as legislativas antecipadas de 18 de maio.

Afinal, o ano 2025 está transformado num autêntico superano eleitoral: depois das eleições regionais na Madeira, que se realizam já no próximo fim de semana, os portugueses irão a votos mais duas vezes: legislativas estão marcadas para 18 de maio, autárquicas deverão ocorrer entre setembro e outubro e, depois, logo no princípio de 2026, a 22 de janeiro, os eleitores ainda escolhem o sucessor de Marcelo Rebelo de Sousa na Presidência da República.

No entanto, para os leitores que preferirem fazer uma pausa da leitura dos temas políticos mais quentes, temos uma edição recheada de outros motivos de interesse: Paulo Santos é o jornalista responsável pelo artigo principal de um dossier exclusivamente dedicado à Inteligência Artificial e que faz a capa da VISÃO desta semana. Nessas 18 páginas, publicamos ainda uma entrevista com o investigador Neil Lawrence e um artigo de opinião da jurista Sofia Santos Machado. Na VISÃO Se7e, poderá ainda descobrir razões para ocupar os seus tempos livres: por exemplo, uma visita ao novo Museu de Arte Contemporânea Armando Martins, a inaugurar no próximo sábado, 22, em Lisboa, ou ao Festival Internacional do Ouriço-do-Mar, que vai realizar-se na Ericeira nos dois próximos fins de semana. visao@visao.pt

Subscreva as nossas newsletters

A melhor informação, gratuitamente, na sua caixa do correio.
www.visão.pt

ANTEVISÃO
VISÃO SETE
VISÃO PLUS
VISÃO VERDE

Nas bancas

O NEGÓCIO DO ESPAÇO
Entrevista com Ivo Vieira, da Lusospace

ARMA DE COMBATE
Um século de propaganda

MÁRIO SOARES
O combatente pela liberdade

– CORREIO DO LEITOR

Um desentendimento evitável com custos para o País e consequências imprevisíveis
– Diamantino Reis, *Portimão*

CRISE POLÍTICA
O Presidente da República, pessoa sábia e observadora, mesmo antes da queda do governo, não nutria simpatia pelo primeiro-ministro. Devido à difícil tarefa de não "saber" lidar com Luís Montenegro, esta queda do Governo, para o Presidente da República, foi um alívio, evitando dissabores amargos entre ambas as partes.
– Mário da Silva Jesus, *Odivelas*

Luís Montenegro procurou fugir da Comissão de Inquérito, relacionada com a sua empresa, como o diabo da cruz. Até a moção de confiança chegou a ser envolvida como moeda de troca. Que mistérios podem, no fundo, ainda existir? Situação que urge esclarecer.
– Eduardo Augusto de Sousa Dias Fidalgo, *Linda-a-Velha*

Contactos
visao@visao.pt
As cartas devem ter um máximo de 60 palavras e conter nome, morada e telefone. A revista reserva-se o direito de selecionar os trechos que considerar mais importantes.

Morada
CORREIO: Av. Jacques Delors, Edifício Inovação 3.1, Espaço nº 511/512, 2740-122 Porto Salvo

TENHA MAIS VISÃO

Assine a VISÃO, a newsmagazine mais lida em Portugal, em formato digital, e leia como, quando e onde quiser

ISALTINO, O INFLUENCER
NA RUA DE FACA E GARFO
A NEWSMAGAZINE MAIS LIDA DO PAÍS HÁ 31 ANOS
WWW.VISAO.PT
VISÃO
UCRÂNIA
JOGAR À ROLETA COM AS BOMBAS
ANTÓNIO COSTA SILVA
"TRUMP PODE CRIAR TARIFAS PARA TUDO, MAS NÃO AO NOSSO TURISMO"
JSD
A MÁQUINA DE FORMAR EXÉRCITOS "LARANJA"
ARTE
JOANA VASCONCELOS ENCANTA EM MADRID
ANSIEDADE
Como as falsas perceções fazem aumentar a incerteza e o medo
O que saber para combater os sintomas e recuperar a calma

4 EDIÇÕES POR €6,90

ESCOLHA Nº1 DO CONSUMIDOR 2025

ASSINAR:

NEWSLETTERS EXCLUSIVAS

CONTEÚDOS ILIMITADOS NO SITE

LEITURA EM PRIMEIRA MÃO

ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL

ASSINE EM **LOJA.TRUSTINNEWS.PT**

Campanha válida até 31/12/2025. Conheça todas as opções em loja.trustinnews.pt.

EDITORIAL

Rui Tavares Guedes

— Diretor

Entre a amnésia da pandemia e a ação alemã

Nestes tempos de perceções aceleradas e de substituição permanente de emoções – ao correr do feed de publicações constantemente atualizadas numa qualquer rede social –, deixámos de valorizar a importância da memória e, tantas vezes até, daquilo que vivemos. Presos ao algoritmo e à ditadura que nos obriga a estar a par de tudo o que ocorre em todo o lado ao mesmo tempo, esquecemo-nos depressa daquilo que considerámos importante e deixamo-nos arrastar pela corrente das indignações do momento, sem pararmos para pensar ou refletir no que diferencia o importante do supérfluo.

Só isso explica que a catadupa de emoções que vivemos, coletivamente, há cinco anos, no início dos confinamentos durante a pandemia de Covid-19, estejam hoje quase perdidas no fundo da memória. Com os resultados que se veem todos os dias. Ao contrário do que se prometia nesses tempos, a solidariedade voltou a ser engolida pelo primado do individualismo, e os discursos sobre a importância de se terem bons serviços públicos, nomeadamente na Saúde, foram substituídos, mais uma vez, pelo princípio da "eficiência" – fria e desligada da realidade de quem fica perdido nas listas de espera dos hospitais.

No meio disto tudo, o imenso exército dos trabalhadores dos chamados serviços essenciais voltou ao anonimato de sempre – embora todos eles continuem a ser fundamentais para garantir o abastecimento regular de bens alimentares, as ruas limpas e seguras, os transportes públicos, o funcionamento dos serviços de eletricidade, de água e de saneamento básico, o transporte de mercadorias e até o apoio a idosos ou a outros grupos desfavorecidos.

Quando olhamos para estes cinco anos pós-pandemia é fácil perceber como tanta coisa mudou, nalguns casos até de uma forma que, nos primeiros dias de isolamento, repletos de apelos à esperança e de gritos por mais solidariedade, jamais pensaríamos ser possível. Vivemos hoje em sociedades mais crispadas, onde se multiplicam os exemplos de intolerância, crescem os sinais de extremismo e em que são cada vez mais visíveis as fraturas no sentimento de comunidade. Vivemos também num mundo mais volúvel e perigoso, dominado outra vez pela lei do mais forte, em que a democracia está em retrocesso e em que assistimos ao pior ataque, em muitas décadas, à liberdade, ao pensamento crítico e até à ciência.

Cinco anos depois do início da pandemia, percebemos que o otimismo solidário, gerado nos primeiros dias, foi copiosamente derrotado. Mas também sabemos hoje quem ganhou claramente: os gigantes tecnológicos, que passaram a dominar o fluxo de informação e viram as suas fortunas crescer para níveis estratosféricos. E os maiores perdedores foram... os do costume: os trabalhadores dos serviços essenciais, que continuaram anónimos e ignorados, com os baixos salários de sempre e a ausência de reconhecimento social.

Ainda antes de assumir formalmente o cargo de chanceler, Friedrich Merz já começou a mudar a Alemanha e, porventura, a Europa. E, mais importante ainda, tem dado os sinais certos em relação àquilo que é preciso fazer. Mais do que anunciar reformas estruturais para as calendas ou grandes projetos de duvidosa concretização, ele tem sabido reunir as condições que permitam a mudança: acordos políticos com os partidos do centro democrático e com os Verdes, uma postura resoluta e decisiva em relação à necessidade de a Europa se libertar do escudo militar dos EUA e da dependência energética da Rússia e, pelo caminho, reforçar a fé na defesa do sistema democrático através de medidas que possam implicar diretamente com a vida das populações.

A forma como acabou com o "tabu" do travão do défice orçamental – permitindo que o país se endivide para reforçar a sua capacidade militar, mas também para melhorar as suas infraestruturas e continuar a apostar na transição energética – é o exemplo de que a Europa necessita: a criação de consensos alargados entre os partidos democráticos. Ou seja, criar os mecanismos que permitam encontrar uma forma de salvar a casa, quando tudo à volta está a arder. É disso que a Europa precisa neste momento: a união dos democratas contra o fogo do extremismo e do autoritarismo.

rguedes@visao.pt

Cinco anos depois do início da pandemia, percebemos que o otimismo solidário, gerado nos primeiros dias, foi copiosamente derrotado. Mas também sabemos hoje quem ganhou claramente: os gigantes tecnológicos

A SUA ESCOLHA
É O NOSSO MELHOR PRÉMIO

VISÃO VISÃO JÚNIOR Exame CARAS EXAME INFORMÁTICA

A Trust in News foi distinguida em 2025
com 5 das suas publicações.

OBRIGADO AOS NOSSOS LEITORES

Ângela Morgado

Diretora-executiva da WWF Portugal

“Temos de continuar a ter coragem, inovar nos projetos, colaborar mais com outras ONG, empresas, institutos. É muito difícil operar num mundo assim. Nós sabemos disso, e as outras ONG também”

— POR **LUÍS RIBEIRO** TEXTO **JOSÉ CARLOS CARVALHO** FOTO

A

A ANP/WWF abandonou este mês a designação ANP (Associação Natureza Portugal) e passou a ser um braço de pleno direito da WWF, a maior associação conservacionista do mundo. Uma transição que veio num momento desafiante, para usar um eufemismo – a diretora-executiva da WWF Portugal admite que estes são tempos difíceis e de grande incerteza para a proteção da natureza.

Por que razão era importante oficializar o escritório português da WWF?

Nós tínhamos a visão de ser um escritório nacional da rede WWF. Quando abrimos a operação independente em Portugal, optámos por um passo intermédio: em 2018, criámos uma associação que fez um acordo de cooperação com a WWF. Entretanto, fomos criando a estrutura financeira, de recursos humanos, de procedimentos e de organização do trabalho, que nos permitiu depois criar a WWF Portugal. É o nosso sonho concretizado, depois de, enquanto Associação Natureza Portugal, nos termos fortalecido como equipa, como organização na sociedade portuguesa, e termos ganhado autonomia financeira, para podermos ser um parceiro mais sólido e credível perante a rede WWF.

O que muda em relação ao trabalho que têm estado a fazer nos últimos anos?

Já não somos mais um parceiro associado da rede, mas sim um escritório nacional da rede, tal como é a WWF Espanha, França, Colômbia, Itália, Reino Unido, Holanda... Temos um estatuto diferente, que, por exemplo, nos permite usar apenas o logo do panda, que é agora o nosso logotipo. Pensamos que isso traz menos confusão às pessoas e mais clareza sobre o alinhamento com a rede internacional. Será positivo para constituirmos esta base social de apoio alargada e continuarmos o trabalho com os nossos apoiantes. Ao nível de parceiros doadores, também tudo fica mais claro. Mas, enquanto programa de conservação, muda muito pouco, porque já tínhamos um alinhamento a 100% com o programa de conservação da WWF Internacional.

E discutiam os projetos com eles.

Tudo. Todos os escritórios nacionais são obrigados a calcular o contributo para os objetivos da rede internacional, e nós já fazíamos isso. Calculávamos como contribuíamos e tínhamos pontos focais de todas as práticas em estreito alinhamento com as da WWF. Oceanos e florestas, água doce... A nossa estratégia de conservação está agora a ser reformulada, porque funciona por períodos de quatro anos. Estamos a preparar a nova, que vai de 2026 a 2030, e nessa estratégia mantêm-se as duas vertentes: como contribuímos a nível nacional para os principais desafios ambientais em Portugal e como contribuímos para o "road map 2030" da WWF.

Quais serão os focos da WWF Portugal? As espécies, a conservação, que estão no ADN da WWF desde a sua fundação?

A estratégia tem essas componentes. Primeiro, responder aos grandes desafios ambientais em Portugal – o restauro da paisagem florestal e dos ecossistemas prioritários, a reflorestação de áreas ardidas e degradadas. E vamos continuar a responder ao grande desafio que Portugal enfrenta, a água, trabalhando na gestão de recursos hídricos, na libertação de rios, de barreiras obsoletas. E vamos trabalhar em vida selvagem, nas espécies emblemáticas, que também cruzam com estes programas "terrestres": o lince, o lobo, o coelho-bravo, a boga-portuguesa, e outros em oceanos, como tubarões e raias, o golfinho... Vamos continuar a ter espécies-bandeira em todos os programas, defendendo *habitats* de qualidade para essas espécies poderem florescer, e trabalhar também no tema da alimentação, que é uma das principais causas da desflorestação e das alterações do clima. Também temos um projeto numa área em que trabalhávamos de uma forma mais incipiente, relacionado com os planos de transição climática de cidades. Finalmente, queremos criar alguma escala, colaborando com Espanha, integrando, por exemplo, como observador, a iniciativa Mediterranean Marine Initiative, para o Mediterrâneo.

Para marcar este arranque da WWF Portugal, distribuíram peluches de lobos e linces no metro de Lisboa. Foram escolhidos por serem espécies emblemáticas e com as quais as pessoas têm empatia? Porque, na realidade, ambos estão em recuperação.

Sim. A empatia é clara. Temos no nosso site campanhas da adoção simbólica, e o lobo é efetivamente a espécie que as pessoas mais adotam, seguida do lince. Temos outras que têm mais que ver com a biodiversidade em geral, não portuguesas, mas, de facto, são essas que as pessoas mais reconhecem. Outro fator decisivo na escolha é que, apesar dessa franca recuperação do lince, é preciso estarmos atentos e continuarmos a trabalhar no *habitat* do lince, na comunicação com associações de caçadores... O lobo é ao contrário. O estatuto [de proteção] foi diminuído, e daí haver uma maior preocupação. Tivemos durante alguns anos o projeto LIFE EUROLargeCarnivores, com vários escritórios da WWF da Europa, e o nosso "large carnivore" [grande carnívoro] era o lobo-ibérico, no qual trabalhámos em conjunto com Espanha no sentido da valorização do papel do lobo no ecossistema.

É possível conciliar o desenvolvimento de projetos como a exploração de lítio, que tem propósitos ambientais, com valores como a biodiversidade, nomeadamente na questão do lobo?

Há uns anos, lançámos uma pequena brochura com alguns factos e a nossa posição sobre a mineração do lítio em Portugal, com o apoio da WWF Alemanha. Dissemos na altura que era necessário perceber mais sobre o impacto dessa exploração. Temos de estudar mais e levar em conta os processos participativos. Não existe exploração que vá contra as comunidades. É a parte que nós chamamos de conservação inclusiva.

Mas esses impactos não estão já definidos nos estudos de impacto ambiental? Por exemplo, em relação ao lobo, o ICNF obrigou a uma série de alterações no projeto de Montalegre... O que há mais para estudar?

Naquela altura [da brochura], muita informação ainda não tinha saído. O que nós dizemos é que é preciso clarificar o que se quer verdadeiramente explorar, que minérios (porque se calhar não é só lítio), em que áreas podemos investir para que o lobo não seja afetado... A perspetiva da WWF não é de zero uso. Nós sabemos que há áreas que devem ser zero e outras que devem ser exploradas. Mas a forma como se explora, a participação da comunidade, tudo isso tem de entrar na equação.

Mas consideram que não há ainda informação suficiente sobre a exploração de lítio?

Temos de avaliar outra vez toda a situação, até porque, na altura, os movimentos das populações estavam a crescer. Ainda não se viam aquelas manifestações. Não há nenhum projeto que avance se for contra as comunidades.

Exige-se transição energética em prol do ambiente, mas depois impõem-se barreiras intransponíveis e pedem-se estudos *ad aeternum*, invocando a proteção ambiental, que acabam por deixar os projetos num limbo. Isso tem acontecido com projetos de energia solar. Como se conciliam as duas coisas?

Em conjunto com as comunidades, com todos os *stakeholders* interessados em participar nos projetos.

Mas eles participam. Nos estudos de impacto ambiental, por exemplo, as comunidades são chamadas a dar o seu contributo...

Quando se prevê um projeto que explora um determinado recurso natural, as comunidades deviam ser chamadas para cocriar o projeto. Se as populações, as partes interessadas, fossem envolvidas desde o início, poderia haver logo um maior consenso na criação do projeto. Tem de ser uma cocriação que depois é implementada. O problema é que um núcleo tem uma ideia, faz um projeto e depois esse projeto vai para consulta pública na fase de avaliação de impacto ambiental. Não: há uma ideia para um projeto? Tem de ser discutida logo aí com as comunidades, com os parceiros, com as ONG.

Portanto, numa fase prévia à consulta pública?

Exatamente. Participação pública a sério, que é uma das coisas que a WWF faz bem, não só em Portugal mas um pouco por todo o mundo. Temos conseguido sucesso em iniciativas como a do jaguar, apresentada pela colega do México na Conferência Global. Essas iniciativas têm sucesso porque são cocriadas com a população, com instituições, com a Ciência, com a academia. Não é um grupo que faz um projeto e depois mete-o a consulta pública. O que é que as populações podem dizer nessa altura, se já está tudo mais ou menos predeterminado? Se não for assim, os projetos correm sério risco de não serem aceites nem legitimados pela comunidade.

> **Se a natureza não estiver próspera, as pessoas como espécie vão ter mais problemas físicos, mentais e emocionais**

O clima domina os temas ambientais, com a ameaça climática concentrada nos impactos sobre os humanos. Como é que se chama a atenção das pessoas para a necessidade de não nos esquecermos dos animais? Dos riscos para a biodiversidade?

Penso que é um pouco ao contrário. O nosso Living Planet Report, publicado de dois em dois anos, que incide sobre a diminuição das populações de várias espécies e a degradação dos *habitat*, tem muita mediatização.

Sim, mas é um relatório que só surge de dois em dois anos. Se fosse mensal, não teria tanta atenção.

Obviamente. Mas o que eu acho que ainda não existe é uma suficiente mediatização de como a regressão das espécies impacta a nossa vida. A WWF e as outras ONGA [ONG de Ambiente] têm de fazer mais, demonstrar como a falta de natureza nos tem feito mal. Ainda agora saiu um estudo a dizer que obesidade em Portugal vai aumentar para níveis impressionantes – mais de 50% da população vai ser obesa. Há uma ligação que tem de ser explorada pelas ONGA, demonstrando como a natureza é importante para o exercício físico, como as populações só têm a ganhar em estar na natureza, caminhar e correr. Outra coisa, a poluição: quanto mais saudável estiver a natureza, menos infeções respiratórias temos. A ideia de que precisamos de mais espaços naturais por questões de saúde mental também devia ser mais incisiva. Se a natureza não estiver próspera, as pessoas como espécie vão ter mais problemas físicos, mentais e emocionais. Em termos de alimentação, é a mesma coisa, tal como economia. Sem natureza, não temos todas as coisas de que as pessoas gostam e que querem consumir, ou seja, falta fazer a ligação com a espécie humana. Demonstrar que nós também somos natureza.

A WWF Portugal tem estado empenhada no restauro de ecossistemas. Tem projetos, por exemplo, na serra do Caldeirão, em Boticas e em Cascais. Porquê esta aposta na recuperação e renaturalização? E como são estes projetos financiados?

O nosso pilar florestas, que inclui o restauro ecológico, é o mais antigo. Quando ainda éramos WWF Mediterrâneo, foi o programa por onde começámos, com a certificação florestal FSC [Forest Stewardship Council] na parte dos montados, ligada às propriedades de grandes empresas do setor da pasta e do papel. Além da gestão responsável baseada na certificação florestal, sempre entendemos que era preciso restaurar a paisagem, devido aos incêndios. Até agora, restaurámos cerca de 330 hectares em Portugal, o que corresponde a 455 campos de futebol. A maior parte foi na serra do Caldeirão, com o apoio da Fundação Coca-Cola, que acaba de nos entregar a terceira fase desse projeto, que se chama "Plantar água". Temos também um projeto na região centro, na zona de Alvares, patrocinado por uma empresa portuguesa, a Finerge, outro nas Pedras Salgadas, patrocinado pela Super Bock, e ainda outro mais a norte, na zona de ocorrência do lobo-ibérico, em Boticas. Estes projetos demonstram como fazemos restauro à escala da paisagem, envolvendo, comunidades, as empresas locais que fazem o restauro, associações locais, criando emprego,

devolvendo natureza, devolvendo água. E são todos patrocinados por empresas.

A lei do restauro da natureza obriga ao restauro de 20% dos ecossistemas degradados da UE até 2030 e 90% até 2050. O governo já publicou, em outubro, um despacho que determina o processo de elaboração do plano nacional de restauro da natureza. Em que ponto estamos hoje?

Para já, sabemos que há uma data – agosto de 2026 – até à qual o governo português tem de ter pronto o plano de restauro para Portugal. Também sabemos que o governo disse na comissão de acompanhamento do plano que vai integrar cinco ONGA portuguesas. Isso é fundamental, porque quem faz restauro na natureza, em Portugal, são as ONGA.

Têm experiência.

Temos *know-how* e trazemos investimento, que é uma coisa que faz falta, não é? É preciso dinheiro para tornar a natureza próspera, e nós somos veículos e facilitadores de investimento para o terreno. As ONGA têm de estar envolvidas. E tem de se começar a trabalhar para não resvalar o prazo, e para que o nosso plano seja bom e não seja apenas teórico.

Há agora uma crise política nacional, o que pode atrasar estes processos, mas acima de tudo temos uma situação política internacional marcada por instabilidade e retrocesso em compromissos climáticos. Esta situação afeta os esforços de conservação, os projetos de restauro, os compromissos climáticos e até o próprio trabalho das ONG?

Afeta, com toda a certeza. Para já, com aquela questão do investimento da agência dos Estados Unidos [USAID]. Há muitos recursos que iam para o terreno e deixam de ir. Outro problema é que, quando os conflitos aparecem, além de ocuparem a agenda mediática, destroem tudo. A Ucrânia, por exemplo: a natureza está a ser destruída, e os projetos que tínhamos no terreno estão a ser postos em causa. A Rússia, por seu lado, fechou o nosso escritório, porque fomos considerados organização não amiga. O mundo está assim, bipolarizado, e é óbvio que as guerras, os conflitos, a agenda política muda, o investimento centra-se aí e os conflitos provocam extremas perdas de natureza. O que se mantém é que a natureza está em declínio. Seja numa sociedade mais aberta com um sistema multilateral seja nesta sociedade bipolarizada, há conflitos, há problemas, mas o maior problema é a degradação da natureza. As ONGA têm de ter coragem para operar nestes tempos.

Os próximos anos vão ser difíceis para os ativistas, para qualquer organização dedicada à proteção do planeta?

Falámos disso na última conferência global da WWF: como é que vamos operar em Estados frágeis, com conflitos, com menos investimento na conservação da natureza por parte dos Estados Unidos... Temos de continuar a ter coragem, trazer outros tipos de investimentos, inovar nos projetos, colaborar ainda mais com outras ONG, empresas, institutos. É muito difícil operar num mundo assim. Nós sabemos disso, e as outras ONG também, e não só as ambientais. tribeiro@visao.pt

VISÃO BRAILLE
EDIÇÃO MENSAL GRATUITA, EXCLUSIVA PARA INVISUAIS

Porque é bom ler

Com o apoio de:

SANTA CASA Misericórdia de Lisboa · NTT DATA · VINCI AIRPORTS · ANA Aeroportos de Portugal · AstraZeneca · P&G · DAVI · El Corte Inglés · Montepio · Fundação Oriente · edp · novobanco · IKEA · L'ORÉAL PARIS · CA Crédito Agrícola · Cork Supply · fundação ageas · Santander

Papel fornecido por: The Navigator Company

Para mais informações: **frc6@sapo.pt** ou ligue **913 998 221**

7
PONTOS
DA SEMANA

ALEXANDRA CORREIA*

MARCOS BORGA

Assim que passarem cinco anos

Roubamos o título deste artigo a uma das "comédias irrepresentáveis" de Federico García Lorca porque o que nos aconteceu há justamente cinco anos, naquele março de 2020, também se tornou irrepresentável, impossível de levar ao palco, tal como Lorca dizia desta sua comédia trágica.

O palco da nossa consciência coletiva quis esquecer depressa a pandemia de Covid-19, deixar de contar mortos e novos casos, fartinhos de saber de cor nomes de variantes e subvariantes, um enjoo permanente das notícias sobre a vacinação, uma náusea de máscaras e álcool-gel. Foi como se a repulsa tivesse ocupado o lugar do medo, uma reação de aversão perante o que nos queria impedir a vida, o que nos confinava a um passar lento de horas a olhar para a janela, como num regresso ao passado mas cheio da cacofonia dos ecrãs.

O que nos levou para dentro de quatro paredes, há cinco anos, depois de vermos as terríveis imagens que nos chegavam do Norte de Itália, com idosos a morrerem em casa por falta de meios de socorro, não foi o decreto do Governo – foi o medo. Na verdade, mal o Executivo de António Costa decretou o encerramento das atividades letivas a partir de 16 de março de 2020, muitas escolas nem esperaram pela data estipulada e fecharam dias antes, tanto privadas como públicas.

E assim vivemos um ano, até à chegada das vacinas. Os primeiros meses de 2021 foram os mais mortíferos. O confronto com a possibilidade da nossa morte, a perda de entes queridos, o pânico de contagiar algum dos nossos e provocar-lhe danos fatais... Um medo individual, partilhado coletivamente, que, na fúria de nos vermos finalmente livres dele, nos fez como que cancelar tudo o que nos recordasse desses tempos.

Os efeitos da pandemia na saúde mental vão sendo estudados, sendo notórios os agravamentos de situações de depressão, ansiedade ou stresse crónico. Já os efeitos do trauma coletivo ainda carecem de muita análise.

Num trauma coletivo, explicou à BBC David Trickey, psiquiatra e representante do Conselho de Trauma do Reino Unido, a maneira como vemos o mundo, como nos vemos a nós e aos outros são abalados por um acontecimento que nos revira os "sistemas de orientação" e nos deixa com um forte sentimento de impotência. Também por essa razão, construímos novos significados sobre o mundo e não faltam estudos a apontar que, depois de certos traumas coletivos, cresce uma apetência por líderes fortes ou regimes autoritários – entendidos como uma forma de proteger uma certa identidade do grupo social.

Depois da pandemia da Covid-19 começou de imediato a guerra na Ucrânia, os preços dispararam, tivemos uma crise inflacionária, um violento e aterrador ataque do Hamas a Israel, com a consequente e desproporcional resposta, um crescimento dos populismos pelo mundo ocidental.

O planeta não está para existências pacíficas – na verdade nunca esteve –, mas estes cinco anos têm sido prolíferos em situações que nos deixam sem chão, atirados ao medo.

Federico García Lorca foi assassinado em 1936, durante a Guerra Civil Espanhola, cinco anos depois de escrever *Assim que Passarem Cinco Anos*. É muito mais do que uma peça sobre um homem à espera da noiva; é sobre a vida que se adia enquanto o tempo passa, sem contemplações.

*Subdiretora
acorreia@visao.pt

13,6%

NÚMERO

A subida do preço das casas em Portugal em fevereiro, segundo a Confidencial Imobiliário

Desde setembro de 2023 que não havia uma subida assim. No passado mês de fevereiro os preços das casas dispararam, em relação ao mesmo mês de 2024, e a tendência é para valorizarem ainda mais.

EUA/RÚSSIA

Um "mundo mais seguro"

Donald Trump e Vladimir Putin falaram ao telefone na terça-feira. A conversa durou quase duas horas, tempo mais do que suficiente para que o mundo se tenha tornado "um lugar mais seguro", nas palavras de Kirill Dmitriev, enviado especial de Putin para cooperação económica e investimento internacional. Trump e Putin decidiram um cessar-fogo de 30 dias, na Ucrânia, apenas sobre as infraestruturas energéticas. O resto logo se verá e está dependente, exige Putin, do fim da ajuda militar internacional à Ucrânia. Promete-se ainda o início de negociações para uma trégua no mar Negro. Trump e Putin querem também negociar o fim da guerra em Gaza. Por último, mas incluído no comunicado do Kremlin, haverá jogos de hóquei no gelo entre Rússia e EUA.

MOHAMMED SABER

GAZA

Voltou a guerra

Na terça-feira, o exército de Israel anunciou a morte de Essam al-Da'alis, chefe de governo do Hamas, apanhado na ofensiva da noite anterior levada a cabo em Gaza. Outros três altos responsáveis, segundo o comunicado israelita, deverão também ter sido mortos. A guerra voltou na noite de segunda-feira, depois de uma trégua que durava desde janeiro. Os bombardeamentos terão feito mais de 400 mortos e 660 feridos. Segundo o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu, os ataques devem-se ao facto de o Hamas se recusar a libertar os reféns ainda em sua posse (cerca de 60). As famílias destes, no entanto, protestaram já contra os novos ataques, temendo que deitem tudo a perder na recuperação dos seus entes queridos.

FRASE

"Lisboa não pode ser uma cidade low cost"

JOSÉ LUÍS ARNAUT, presidente do conselho de administração da ANA – Aeroportos, durante a CNN Summit

HABITAÇÃO

Da miséria

A PSP entrou esta semana num antigo colégio de Massamá, Sintra, edifício encerrado há vários anos, onde viviam cerca de 50 pessoas em condições precárias. Na sua maior parte, são imigrantes legalizados que se distribuíam pelas quatro dezenas de "quartos" improvisados. No grupo há várias crianças de tenra idade e idosos. No meio da miséria, pagavam rendas que iam dos 250 aos 500 euros.

NASA

Com os pés na terra

Butch Wilmore e Suni Williams deveriam ter estado no Espaço durante uma semana. Nove meses depois chegam à Terra, numa "aventura" cheia de peripécias. Os dois astronautas da NASA deviam ter regressado em junho na cápsula do Boeing Starliner, mas esta teve tantos problemas que voltou sozinha. Na terça-feira, foi um voo da SpaceX que finalmente os retirou da Estação Espacial Internacional, onde estiveram retidos.

"Sermos enganados por quem nos é próximo é ser roubado duas vezes. E dói duas vezes mais"

CAROLINA PATROCÍNIO
12 de março 2025

Manuel Santana Lopes Golpe no mundo dos famosos

Foi com choque que muitas das maiores celebridades nacionais receberam a notícia de que um dos principais agentes do meio terá desviado centenas de milhares de euros de uma apresentadora e de um ator

— POR **MANUEL BARROS MOURA**

Os programas de comentário sobre o mundo da fama não falam de outra coisa há uma semana. De repente, o apelido Santana Lopes saltou para a ribalta nas redes sociais e em sites, revistas e rubricas de televisão não por causa de uma qualquer questão política ou autárquica, mas por ter sido desvendado um caso de polícia no mundo das celebridades nacionais. Em causa está a acusação de que Manuel Santana Lopes, um dos cinco filhos de Paulo e sobrinho de Pedro, antigo líder do PSD, ex-primeiro-ministro e atual presidente da Câmara Municipal da Figueira da Foz, teria desviado cerca de 300 mil euros à apresentadora Carolina Patrocínio e ao ator Tiago Teotónio Pereira, de quem era agente, na condição de chefe de operações da agência de comunicação Notable, conhecida por representar diversas personalidades do

mundo artístico e televisivo em Portugal, como Cristina Ferreira, João Baião, João Manzarra, Rita Pereira, Pedro Teixeira e Carolina Loureiro.

FALSO EMAIL

O caso conta-se rapidamente. O agente dos famosos terá criado um email falso em nome de Gonçalo Uva, marido de Carolina Patrocínio, direcionando dessa maneira alguns pagamentos das marcas que eram devidos à apresentadora e a Tiago Teotónio Pereira (cunhado de Gonçalo e Carolina) diretamente para a sua conta bancária pessoal. Os desvios terão durado alguns anos, mas só recentemente a famosa que é uma das caras conhecidas da SIC descobriu a fraude, com a ajuda dos seus contabilistas, que identificaram discrepâncias entre a faturação e os montantes recebidos em 2024.

Mal foi conhecida a notícia, na última quinta-feira, 13, dispararam as reações. A agência Notable, da qual é sócia maioritária Inês Mendes da Silva (que surge na foto ao lado de Manuel Santana Lopes), apressou-se a tentar reparar os danos reputacionais, anunciando em comunicado que o seu funcionário tinha assumido a responsabilidade dos desvios e que abandonara, de imediato, a empresa. Além disso, fez saber da intenção de ressarcir os seus dois agenciados pelos montantes roubados, o que não deverá livrar, ainda assim, Manuel Santana Lopes de vir a responder perante a Justiça, seja por iniciativa dos lesados, seja por queixa da empresa para a qual trabalhava.

Além do alvoroço mediático, o caso causou o pânico nalguns dos restantes clientes e amigos de Santana Lopes, que, ao longo dos últimos oito anos, foi cimentando uma grande rede de contactos no mundo social e das celebridades. Formado em Comunicação Social, Manuel entrou para a agência Notable em 2017. Reconhecido pela sua competência, pela sua discrição e pela sua capacidade de trabalho, foi angariando clientes e fazendo amizades. Com Tiago Teotónio Pereira, um dos lesados, os laços eram de tal ordem que acabou por ser um dos padrinhos de casamento do ator com Rita Patrocínio, irmã de Carolina, a outra lesada. Além do respeito entre os famosos, ganhou também a confiança de Inês Mendes da Silva, a ponto de esta o convidar para associate partner & chief of operations, funções que desempenhou nos últimos três anos, tantos quantos, alegadamente, duraram as burlas.

FAMÍLIA MEDIÁTICA

Manuel é um dos quatro filhos de Paulo Santana Lopes que, por sua vez, é um dos cinco irmãos de Pedro Santana Lopes, uma das personalidades mais conhecidas da política nacional e, em tempos, figura de proa do jet set português, nomeadamente no período em que viveu com Cinha Jardim. Muito mais discreto do que o irmão, Paulo acabou por saltar, também, para a ribalta noticiosa em 2016 por ser um dos envolvidos no processo *Rota do Atlântico*, ao lado do ex-empresário de futebol José Veiga, no qual existem suspeitas de corrupção no comércio internacional, branqueamento de capitais, tráfico de influências, participação económica em negócio na compra e venda de ações de uma instituição financeira e fraude fiscal.

Nuno Wahnon Martins
No centro de novo escândalo em Bruxelas

Na última quinta-feira, o coração da União Europeia voltou a ser palco de um alegado escândalo de corrupção, que terá, desta vez, um português no seu epicentro. Um pouco mais de dois anos depois do *Qatargate*, um caso no qual deputados, assessores, lobistas e funcionários são acusados de receber subornos do Catar em troca de influência no Parlamento Europeu, esta organização volta a ser abalada por novas suspeitas de corrupção, desta vez envolvendo a tecnológica chinesa Huawei. Segundo as autoridades belgas que estão a investigar este caso, existem suspeitas de "corrupção", "falsificação e uso de falsificações", "branqueamento" e "organização criminosa", sendo visados em particular dois assistentes parlamentares com elos com a empresa chinesa e diversos eurodeputados. A procuradoria belga confirma que "a suposta corrupção ocorreu em benefício da empresa Huawei", que "sob o disfarce de lobby comercial" terá pago através de remunerações ou "presentes avultados", como despesas em restaurantes, viagens, ou convites regulares para jogos de futebol, em troca de tomadas de posição políticas favoráveis aos seus interesses.

De acordo com o inquérito, um consultor e lobista português foi detido em França. As suas residência e empresa terão sido alvo de buscas em Lisboa e espera agora extradição para a Bélgica. O seu nome é Nuno Wahnon Martins, homem com uma longa carreira em Bruxelas. Este consultor e lobista foi, entre 2015 e 2019, diretor para os Assuntos Europeus no Congresso Judaico Europeu, organismo que representa a comunidade judaica no Velho Continente. Durante o mesmo período, foi assessor do deputado europeu Fluvio Martusciello, eleito pelo Forza Italia, de Sílvio Berlusconi. Comentador regular na TVI/CNN e colunista de jornais como o *JN*, o *DN* ou o *Observador*, Wahnon era atualmente consultor do escritório de advogados Latin Legal Advisors e estava inscrito no Parlamento Europeu como lobista ao serviço do Instituto Milton Friedman, criado em Itália para promover as ideias ultraliberais.

POLITICAMENTE CORRETO

Pedro Marques Lopes

— Analista político

O Bloco Central é a solução

O primeiro-ministro decidiu que devíamos ter eleições antecipadas. Quis que o esclarecimento das fundadas suspeitas sobre possíveis comportamentos pouco éticos – o Presidente da República chamou-lhe julgamento moral – fosse feito pelos eleitores e não por uma comissão parlamentar de inquérito.

Como ainda vivemos numa democracia plena e não na sua versão húngara, aqui as eleições não servem para limpar falhas éticas, fugir ao devido escrutínio ou – não estando neste momento isso em causa – ultrapassar a lei, ou seja, a fuga para a frente de Luís Montenegro não é mais do que um adiar das respostas e esclarecimentos que tem de dar. Este permanente acumular de assuntos mal explicados e de ações que, segundo o primeiro-ministro, não têm mal nenhum e que passados uns dias são tratados por ele mesmo como problemas reais não pode ficar sem explicação.

Seja como for, vamos ter eleições e não parece que o quadro geral se vá alterar de forma significativa. Não é provável, pelos estudos de opinião que têm aparecido, que o PSD seja muito penalizado por ter atirado o País para uma crise política e um líder que levanta tantas dúvidas e mostra um tão enorme apego ao poder. A economia está bem, há paz social, os grupos sociais normalmente mais vocais no protesto estão apaziguados e, no limite, esta combinação é muito poderosa num confronto eleitoral. Já foi mais e há vários exemplos recentes que mitigam está lógica estabelecida, mas terá sempre efeito.

Por muito que o PS reclame méritos nestes resultados, os eleitores tendem a premiar quem está no poder. Digamos que o PS tem historicamente pouca moral para fazer esse discurso, já que o seu historial de contas certas e de deixar heranças pesadas é o conhecido.

Por outro lado, os socialistas têm estado no poder demasiadas vezes e, justa ou injustamente, isso traz sentimentos de rejeição primários difíceis de ultrapassar. No mesmo sentido, a sua liderança está longe de inspirar confiança. Os erros e precipitações de Pedro Nuno Santos enquanto governante ainda estão frescos na memória dos portugueses e não houve tempo para preparar uma proposta alternativa robusta.

Apesar das surpresas que temos tido nos últimos atos eleitorais, não é difícil prever uma vitória poucochinha do PS ou do PSD. Também não será preciso uma bola de cristal para se dizer que nem os socialistas terão uma maioria absoluta com os partidos à sua esquerda nem o PSD a atingirá com a IL. E convém lembrar que este quadro não aparenta ir mudar nos próximos anos. Bem sei que é uma opinião que hoje não é popular, mas estou convencido de que o Chega manterá a sua força eleitoral ou, pelo menos, não terá grandes oscilações.

Resumindo, o País vai ser confrontado com a hipótese de ter um novo governo de seis em seis meses (ou menos), um acordo entre o Chega e o PSD ou um entendimento PS/PSD.

Não é preciso discorrer longamente sobre as consequências para o País de uma instabilidade política permanente. Fiquemos apenas pela descrença na democracia que a impossibilidade de tomar decisões trará. Talvez lembrar que a conversa que se vai ouvindo de que a economia continuará a crescer e que tudo funcionará sem governos estáveis é das maiores barbaridades que se podem dizer. Em nenhum país isso aconteceu ou acontece, o que seria num em que tanta gente depende do Estado e que continua carente de reformas? Mais, um país sem uma liderança sólida no momento internacional em que vivemos é pouco menos que suicida.

A segunda hipótese é um acordo PSD/Chega. Luís Montenegro já voltou a anunciar que é impossível, só que não é certo de que ele seja líder do PSD depois das próximas eleições. Não me parece que saia mesmo que as perca – nunca um líder do partido teve tanto controlo sobre a máquina –, mas o fantasma de Massamá pode ser um problema para ele e recorrendo ao pouco otimismo que me resta sobre o partido diria que pode ser que haja uma réstia de vida inteligente que traga outras soluções.

Infelizmente, desconfio do empenho de Montenegro numa solução sem o Chega (voltando ao que disse nas eleições internas do PSD) e estou firmemente convicto de que Passos Coelho faria de imediato uma coligação com o seu delfim Ventura.

Um acordo destes teria duas consequências imediatas: a morte do PSD como o conhecemos e a chegada ao poder dum

O País vai ser confrontado com a hipótese de ter um novo governo de seis em seis meses (ou menos), um acordo entre o Chega e o PSD ou um entendimento PS/PSD

MARCOS BORGA

partido que quer acabar com a democracia. Sequer enunciar um entendimento entre um partido que se designa social-democrata com outro de extrema-direita basta para não me parecer debatível o que este possível acordo faria ao PSD – o aparecimento de um novo partido ao centro seria inevitável. Ver um partido antidemocrático no círculo do poder é suficiente para que qualquer democrata dentro do PSD rejeite esta hipótese. E só quem não conhece o historial recente e passado de acordos deste tipo é que consegue falar de assimilações das forças de extrema-direita pelo centro-direita.

A terceira possibilidade é o bloco central formal. O informal existiu e foi decisivo para o País. Foi o que permitiu, através de acordos de regime mais ou menos declarados, fazer a maior transformação social, económica e cultural da nossa história, foi o que criou as condições para que chegássemos a um bem-estar que as gerações anteriores nem conseguiam sonhar.

Sempre fui contra uma solução que juntasse os dois partidos numa coligação ou sequer com acordos de incidência parlamentar que fossem para lá de questões de regime. As razões são simples.

O ideal para o sistema é o PSD e o PS, os partidos do centro, alternarem na governação. Uma democracia só funciona e prospera quando os partidos centrais do sistema comungam princípios fundamentais e se consegue manter uma continuidade de políticas importantes. Mas é fundamental que mudem as pessoas, o modo de governar e que muitas das opções sejam diferentes.

Por outro lado, quando os partidos do centro se juntam, a oposição e a contestação fica nos extremos e isso quase inevitavelmente faz crescer projetos sem soluções, mas apenas de protesto. Pior, na presente conjuntura faz crescer mesmo movimentos contra a democracia.

O período que vivemos é, porém, particularmente grave.

Internamente, temos um crescimento sem precedentes de sentimentos antidemocráticos e tanto os acontecimentos recentes como a crise política contínua em que viveríamos, sem soluções estáveis de governação, fariam com que mais pessoas se desencantassem com a democracia. Sim, pior do que a contestação se concentrar nos extremos seria o abandono dos ideais democráticos por partes significativas das populações, causado pela instabilidade e pelo decréscimo das condições de vida (que tudo indica acontecerá).

Externamente, vivemos a maior transformação do panorama internacional desde o fim da II Guerra Mundial, um clima de pré-conflito global e um mundo que ninguém faz ideia para onde está a ir. Decisões fundamentais, duras e pouco populares vêm aí e vão exigir consensos alargados, que só os dois partidos centrais as podem implementar e promover.

Claro está, o nosso clima político está para tudo menos para consensos ou sequer acordos. Não exatamente porque as propostas políticas difiram muito, mas porque se trocou a troca de ideias pelos ataques pessoais. Já não há adversários, há inimigos. O normal e saudável clima de ter amigos no outro lado político parece ser um hábito que ficou nos anos 90.

Esperemos que as lideranças dos principais partidos recuperem algum bom senso ou que aquelas que apareçam o tragam.

Não há soluções perfeitas e riscos não faltam, mas não consigo discernir melhor solução para os próximos tempos do que a imperfeitíssima solução Bloco Central.

visao@visao.pt

Decisões fundamentais, duras e pouco populares vêm aí e vão exigir consensos alargados, que só os dois partidos centrais as podem implementar e promover.

Eleições regionais A última hipótese de Miguel Albuquerque

— POR FILIPE LUÍS

Uma sondagem da Intercampus, para o *Jornal da Madeira*, nesta última semana de campanha, colocava o PSD de Miguel Albuquerque no limiar da maioria absoluta, para as eleições regionais antecipadas que se realizam este domingo, 23, na Região Autónoma. Os rostos que se apresentam à frente dos principais partidos são os mesmos de há dez meses, as propostas políticas em nada variam e o principal irritante da campanha continua a ser o mesmo: o envolvimento do líder do PSD Regional e presidente do Governo, e de vários elementos da sua equipa, como arguidos, em investigações judiciais por suspeitas que vão do abuso de poder e prevaricação à corrupção passiva. Num limbo judicial há mais de um ano, a elite do PSD madeirense, no poder há quase 50 anos, revelou, em todo este transe, uma notória falta de capacidade de renovação do pessoal político, não obstante os esforços do adversário interno de Albuquerque, Manuel António Correia, o que faz da figura que sucedeu no poder a Alberto João Jardim o senhor quase incontestado dos "laranjinhas" para mais um ato eleitoral. Paradoxalmente, porém, ele é também o principal obstáculo ao regresso da estabilidade perdida, visto que o seu nome é rejeitado, por (quase) toda a oposição, como interlocutor válido para futuros entendimentos. Esta circunstância parece ter levado a política madeirense a um beco sem saída, o que, aparentemente, só é possível evitar mediante a remoção de Albuquerque da liderança social-democrata ou, lá está, através do regresso à maioria absoluta que, durante 40 anos, presidiu aos destinos do arquipélago.

A falta de renovação de que parece sofrer o PSD, afeta, também, os partidos que se apresentam a disputar-lhe o poder. É difícil perceber o que é que mudou para que o líder do PS, Paulo Cafofo, pretenda reverter o resultado medíocre obtido há apenas dez meses, em maio de 2024; ou como é que em apenas 10 meses acha que conseguiu convencer o eleitorado a mudar o sentido de voto – sendo que nada de significativo se alterou no panorama político da Madeira. O 3.º partido, o regionalista JPP (Juntos Pelo Povo), de Élvio Sousa – uma dissidência do PS... –, que apresenta as mesmas caras das duas eleições anteriores, parece ter, também, atingido o seu limite de crescimento. A citada sondagem da Intercampus, aliás, apresenta uma previsão de descida destes dois partidos, os únicos que, numa eventual "geringonça", teriam possibilidades da "varrer Albuquerque da Quinta Vigia", como proclamou, esta semana, Élvio Sousa. Ora, estas são as terceiras eleições em apenas um ano e meio e os observadores locais não vislumbram como, em tão pouco tempo, o eleitorado tenha mudado assim tanto de opinião, de forma a dar, agora, um mandato sólido a qualquer um dos *chalengers*. Pode acrescentar-se que isso também é válido para Miguel Albuquerque: porque lhe daria agora o eleitorado, depois de dez meses de ainda mais desgaste, uma maioria inequívoca? Ainda assim, como se diria no futebol (e esta sondagem confirma...), o PSD Madeira está mais perto de "marcar o segundo golo do que de sofrer o empate"... O próprio Chega, que apostou

Em caso de impasse político, teria de ser o PSD Madeira a resolver o seu problema, apresentando um segundo nome para formar governo

Miguel Albuquerque
Da possível maioria absoluta à explosão da "bomba-relógio"

GREGÓRIO CUNHA/LUSA

muito nas eleições anteriores, parece algo desmotivado – e nesta única sondagem conhecida também não arranca. O líder local, Miguel Castro, foi o principal responsável pela queda do Governo (tendo o PS, de forma polémica, ido a reboque, "demitindo-se", assim, do seu papel de liderança da oposição...) e arrisca-se a sofrer uma punição eleitoral por isso. Senão através da transferência de votos para outros partidos, ao menos, na não obtenção de novos eleitores. É curioso que André Ventura, que praticamente não saiu da Madeira, nas duas campanhas anteriores, tenha tido, desta vez, uma atuação discreta, demasiado ocupado com coisas "mais importantes", como as entrevistas diárias a todos os canais nacionais de televisão.

AS VÁRIAS "BOMBAS"

O cansaço dos madeirenses, que, nesta reta final da campanha, tem sido explorado por Miguel Albuquerque, pode explicar esta perspetiva de vitória clara, a melhor notícia, para o PSD Madeira, desde outubro de 2023. Pressentindo o sentimento popular, Albuquerque tem carregado na tecla da perplexidade do povo: "Os madeirenses não percebem porque é que o Governo foi derrubado."

Seja como for, o PS está a apostar tudo no apelo ao voto útil. Cafofo talvez tenha retratado bem a situação ao afirmar que "Miguel Albuquerque é uma bomba-relógio". Isto em alusão ao processo judicial que continua a ser conduzido pelo Ministério Público e que terá, mais tarde ou mais cedo, o seu desfecho, ou seja, mesmo que obtenha maioria absoluta, Albuquerque pode ver ser posta em causa a sua continuidade, caso venha a ser acusado (o que, diga-se, ninguém garante que venha mesmo a acontecer).

Por falar em "bombas", a capacidade constitucional do Presidente da República para fazer detonar a "bomba atómica" da dissolução do Parlamento regional esgota-se em setembro. Mas, tal como em termos nacionais, não se esgota a possibilidade da nomeação de um novo Presidente Regional, caso a primeira "bomba" expluda na Quinta Vigia. As possibilidades de entendimento do PSD Madeira com outros partidos, para chegar ao número de 24 deputados – o mínimo para garantir maioria absoluta – parece esgotada, com a possível exceção do CDS, cujo deputado – a sondagem confirma-o – poderá manter e que pode ser decisivo. Seja como for, o nome de Miguel Albuquerque parece ser o principal obstáculo a outro tipo de entendimentos, seja com a IL seja com o Chega – embora, do Chega, se possa esperar tudo. Uma nova maioria relativa do PSD, na Madeira, pode manter a governação do território completamente bloqueada e, neste caso, só mesmo o próprio PSD Madeira poderá desbloqueá-la, mediante a indicação de um segundo nome para assumir o Governo Regional. Uma hipótese pouco explorada, publicamente, mas que há vários meses tem sido alvitrada, em surdina, no interior das hostes "laranja". O laboratório político madeirense continua, assim, a fazer as suas experiências. Qual será a próxima descoberta?

visao@visao.pt

UM ANO CHEIO

Estes são os principais picos políticos dos próximos tempos

23 de março
Eleições regionais antecipadas. Sairá a Região Autónoma do impasse?

18 de maio
Eleições legislativas antecipadas. O País entre a clarificação e a indefinição.

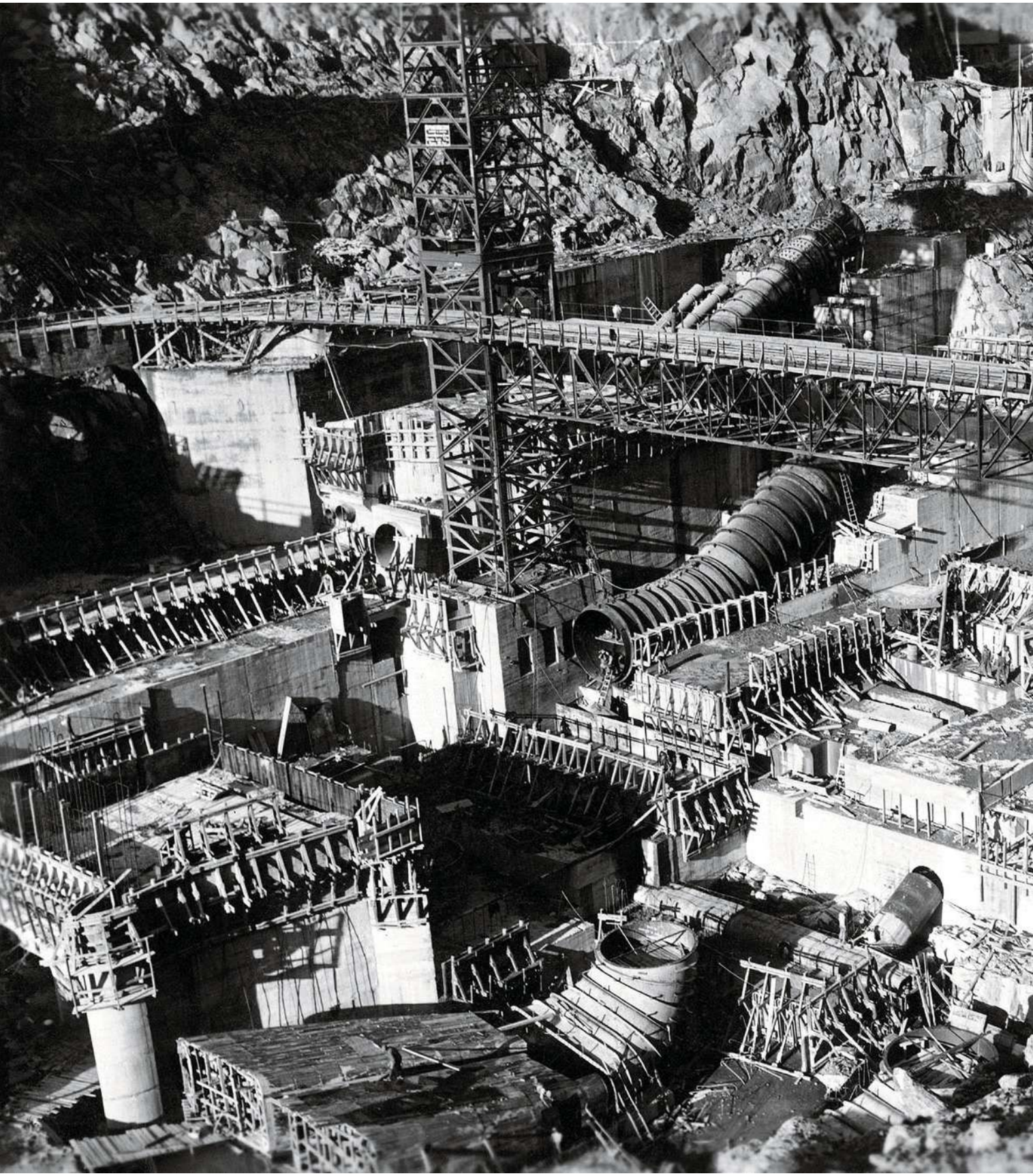
Setembro ou outubro
Eleições autárquicas. As batalhas de Lisboa e Porto são as mais importantes. Desafios difíceis para a CDU (manter relevância local) e para o Chega: terá quadros autárquicos?

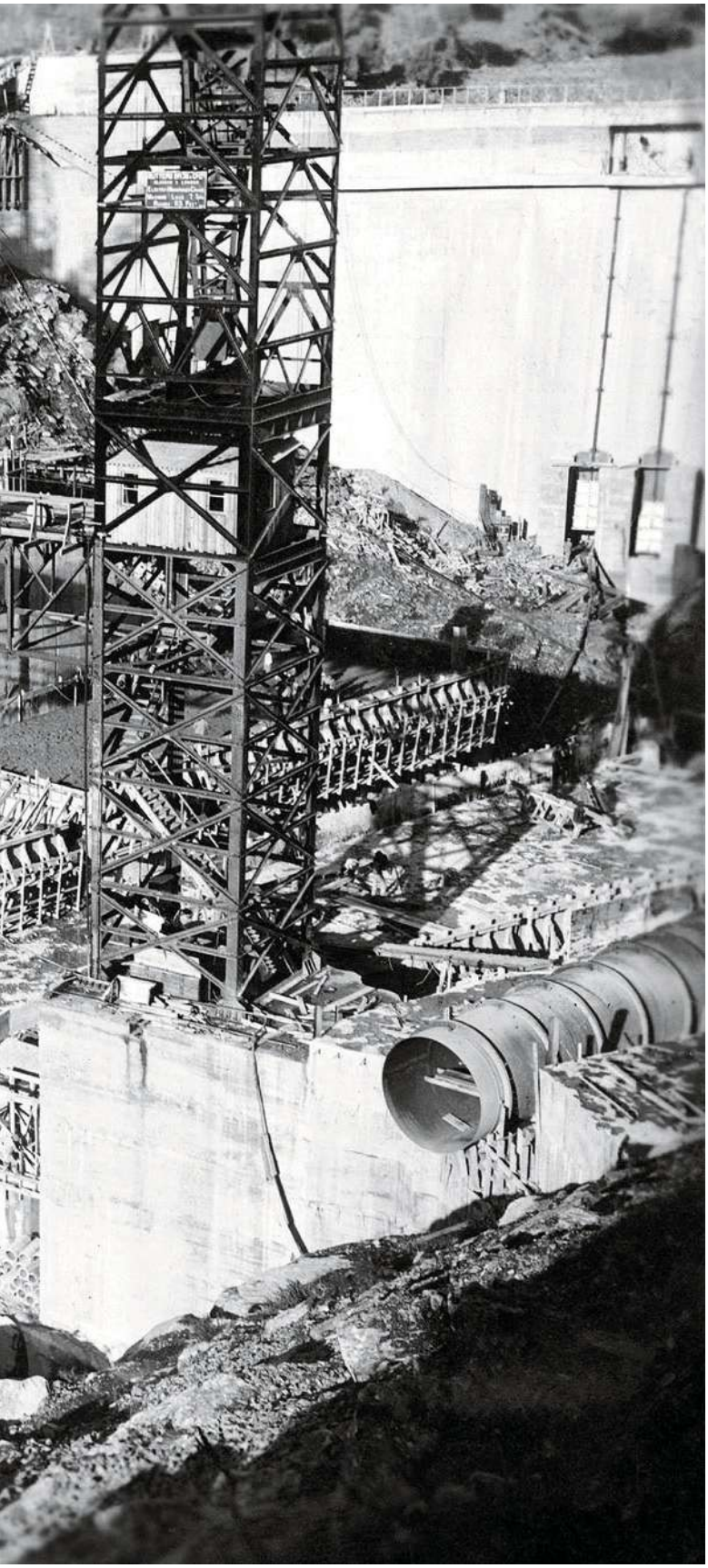
Até 10 de outubro
Apresentação do Orçamento do Estado para 2026. Votação na generalidade até final do mês

21 de novembro
Data provável da votação final (na especialidade) do **Orçamento do Estado para 2026**

22 de janeiro de 2026
Eleições para a Presidência da República

9 de março
Tomada de posse do novo Presidente da República





D.R.

CASTELO DE BODE

Toda a água é pouca

O Dia Mundial da Água é celebrado anualmente a 22 de março com o objetivo de chamar a atenção para a importância da água doce e defender uma utilização e um controlo sustentáveis dos recursos de água potável. Por via de uma época de chuvas mais intensa, este ano, Portugal vai assinalar esta data especial com uma sensação diferente das dos últimos anos, pois quase todas as suas barragens, mesmo as do Algarve, estão perto da máxima capacidade de armazenamento. Uma boa altura, portanto, para recordar aqui a construção da Barragem de Castelo de Bode, que se iniciou em 1945 e foi inaugurada a 21 de janeiro de 1951. Situada na bacia do Zêzere, nos limites dos concelhos de Tomar e Abrantes, no distrito de Santarém, esta que é uma das mais altas construções de Portugal permite reter e armazenar mais de 900 milhões de metros cúbicos de água, essencial para impedir cheias, produzir energia elétrica e garantir o abastecimento de uma vasta região, nomeadamente Lisboa.

— POR MANUEL BARROS MOURA

MORTES

Maria da Glória Padrão

Académica e investigadora, figura de referência da Faculdade de Letras da Universidade do Porto no período pós-25 de Abril, faleceu no sábado, 15, aos 83 anos. Durante mais de duas décadas, conciliou a docência com a investigação académica, tendo publicado ainda numerosas dissertações, na sua maioria sobre literatura portuguesa. *A Metáfora em Fernando Pessoa* foi uma das suas obras ensaísticas mais marcantes, tendo sido reeditada várias vezes. Teve ainda uma experiência política em 1985 como deputada na Assembleia da República pelo Partido Renovador Democrático, eleita pelo círculo do Porto.

Émilie Dequenne

Vencedora, com apenas 17 anos, do Prémio de Melhor Atriz no Festival de Cannes pelo seu papel em *Rosetta* (1999), filme realizado pelos irmãos Jean-Pierre Dardenne e Luc Dardenne, estava a lutar contra um cancro nas glândulas adrenais. Morreu no domingo, 16, em sua casa, nos subúrbios de Paris. Tinha 43 anos. Participou em filmes como *O Pacto dos Lobos* (2002) ou *A Ponte de San Luis Rey* (2004), contracenando, ao longo da carreira, com nomes como Vincent Cassel, Robert De Niro ou Catherine Deneuve.

Oliver Miller

Chamavam-lhe *Big O* e ficou famoso por ter chegado a jogar com 170 quilos, o que fez dele o jogador mais pesado da história da NBA. O antigo poste, que representou Phoenix Suns, Detroit Pistons, Toronto Raptors, Dallas Mavericks, Sacramento Kings e Minnesota Timberwolves, sofria de cancro e morreu na última quarta-feira, 12. Tinha 54 anos.

1958-2025

Miguel Macedo
Respeitado por todos

A consternação (e até a genuína comoção) comum a todas as bancadas parlamentares quando foi conhecida a notícia da morte de Miguel Macedo, 65 anos, vítima de um ataque cardíaco em Braga na quinta-feira, 13, é ilustrativa do sentimento de respeito que o antigo deputado e governante do Partido Social-Democrata despertava no seio da comunidade política e na sociedade portuguesas. Apesar de todas as divergências inerentes ao combate ideológico, de todos os quadrantes partidários surgiram reações dando conta das suas qualidades humanas, nomeadamente da seriedade, do respeito e da lealdade que sempre emprestou à sua atividade política.

Natural de Braga, Miguel Macedo formou-se em Direito na Universidade de Coimbra, onde foi dirigente da Associação Académica. Membro da Juventude Social-Democrata, foi vice-presidente nos mandatos de Carlos Coelho e de Pedro Passos Coelho. Pelo PSD, foi eleito deputado à Assembleia da República em 1987, 1991, 1995, 1999, 2002, 2005 e 2009, sempre pelo círculo de Braga. Foi secretário de Estado da Juventude do primeiro governo de maioria absoluta de Aníbal Cavaco Silva, entre 1990 e 1991. Mais tarde, entre 2002 e 2005, integrou os governos de coligação PSD/CDS-PP de Durão Barroso e de Pedro Santana Lopes, como secretário de Estado da Justiça. Mais recentemente, foi ministro da Administração Interna no governo de Pedro Passos Coelho, depois de ter sido líder da bancada parlamentar do PSD entre 2010 e 2011. Antes disso, entre abril de 2005 e outubro de 2007, ocupou o cargo de secretário-geral do PSD, na direção de Luís Marques Mendes, um dos seus grandes amigos.

A última experiência no governo foi interrompida abruptamente em 2014, quando fez questão de se demitir assim que surgiram as primeiras suspeitas de que estaria envolvido no caso dos Vistos Gold. Foi acusado por prevaricação e tráfico de influências em 2015, mas acabou absolvido quatro anos depois. Um período que o deixou desgostoso com a política, à qual apenas aceitou regressar como comentador, ao lado de Pacheco Pereira, Carlos Andrade e Alexandra Leitão, no programa *O Princípio da Incerteza*, na CNN. De resto, a sua vida passou a ser dedicada à advocacia, à família e ao seu FC Porto. — **M.BM:**

Populista, vírgula!...

Está o caldo entornado entre o anterior e o atual presidente do Parlamento. Comparação com Ventura é considerada ofensa grave...

"Pedro Nuno Santos prejudicou mais a democracia em seis dias do que André Ventura em seis anos"

JOSÉ PEDRO AGUIAR-BRANCO
Presidente da AR e dirigente do PSD

"É uma coisa de tal maneira infeliz, aquilo que foi dito, que alguma ponderação teria sido o mínimo dos indispensáveis. Quando eu era presidente da AR, evitava ir a essas reuniões partidárias, para não prejudicar o trabalho institucional."

FERRO RODRIGUES
Ex-deputado do PS e ex-presidente da AR

INDISCRETOS

Liberalismo musculado

Em cima das imagens que chegavam da violência policial, na Argentina, sobre as manifestações e protestos contra o governo de Javier Milei, com a ocorrência de, pelo menos, uma morte e vários feridos graves, o membro do Conselho Nacional da IL, Jorge Pires, publicou um comentário em que defende que "a esquerdalha só aprende assim". E rematou a mensagem com uns enigmáticos "beijinhos". O mínimo que se pode dizer é que o dirigente da IL defende o liberalismo, sim, mas um liberalismo... musculado (e osculado).

Duplexgate: Moedas na berlinda

Perante notícias, ainda não desmentidas, de que a operação da vistoria às obras do duplex de Luís Montenegro foi conduzida pelo chefe de gabinete da vereadora do Urbanismo, a perplexidade instalou-se no seio da oposição a Carlos Moedas, na Câmara de Lisboa. Na terça-feira, o presidente da Câmara estava a ser muito pressionado para não faltar à reunião de Câmara, para se explicar, tanto mais quando se soube que os serviços intervieram por terem sido alertados pelas notícias sobre aqueles trabalhos. O segredo, para os lisboetas que queiram fazer umas obras estruturais em casa, é certificarem-se de que isso não apareça nos jornais – e estarão dispensados de comunicar à CML seja o que for...

Não gastem "moedas" valiosas

André Ventura era um dos mais "assanhados", a pedir explicações a Moedas, sobre o caso do duplex de Luís Montenegro, com o deputado a ameaçar chamar o autarca ao Parlamento. Cuidado, dr. Ventura... É melhor não derrubar já as poucas pontes possíveis de entendimento que o Chega pode vir a ter com o futuro PSD...

Pedro Nuno, o bom partido

Pedro Nuno Santos respondeu a uma publicação feita por Lili Caneças, numa rede social. A socialite desabafava que não vota em partidos, mas em pessoas, "e este homem [Pedro Nuno] parece que está sempre a ralhar com toda a gente". Ora, o líder do PS respondeu que, de facto, perante problemas sérios, não reage com sorrisos, mas garantiu a LiLi que, se o conhecesse pessoalmente, constataria como ele é "bem-disposto, simpático e bom rapaz". Em suma: o genro que qualquer sogra gostaria de ter! — **F.L./M.D.**

Comments
For you
lilicaneca 5h
Eu não voto em partidos, voto em pessoas... este homem parece que está sempre a ralhar com toda a gente
Reply See Translation
View 3 previous replies
pnunosantos 1h
Boa tarde Lili, eu não dou ralhetes, mas quando os problemas são sérios não reajo com sorrisos, de facto. Se a Lili me conhecesse ia constatar que sou bem disposto, simpático e bom rapaz.

15 MINUTOS DE FAMA

O regresso de Sebastião

Longe vai o tempo em que o comentador Sebastião Bugalho era prata da casa da CNN, comentando a atualidade política. O "miúdo" cresceu, hem? E de que maneira: ao que parece, ele já está a dar a tática para, em campanha, o PSD responder na mesma moeda a Pedro Nuno Santos, quando se vier falar de transparência, elencando uma série de episódios, uns requentados, outros novos, sobre a empresa da sua família, ou mesmo a compra de uma casa pelo líder do PS. E também já fez umas alusões ao escritório de advogados fundado pelo marido de Alexandra Leitão... Quando a luta é na lama...

Aproveitar as ondas

Esta semana, as imagens que escolhemos mostram momentos de exaltação coletiva, seja em eventos desportivos extremos, celebrações religiosas, comemorações políticas ou levantamentos militares

LUSA

VRINDAVAN ÍNDIA
É uma festividade muito tradicional, sobretudo nos países com grandes comunidades hindus. O também chamado de Festival das Cores celebra a chegada da primavera e, este ano, o seu principal dia foi assinalado na sexta-feira, 14. Esta imagem mostra centenas de viúvas a festejar o Holi em Vrindavan, Uttar Pradesh, na Índia.

PENICHE PORTUGAL
A portuguesa Yolanda Hopkins esteve em ação, no sábado, 15, durante o Meo Rip Curl Pro Portugal, prova que faz parte da World Surf League (WSL), e está a realizar-se na Praia de Supertubos, em Peniche. Se a agitação marítima assim o permitir, a terceira das 12 etapas que constituem o circuito mundial de surf deverá terminar até à próxima terça-feira, 25.

BUDAPESTE HUNGRIA

Milhares de húngaros participaram, no sábado, dia 15, na manifestação organizada pelo Tisza, maior partido da oposição húngara, para comemorar o 177.º aniversário da eclosão da revolução de 1848 e da guerra da independência contra o domínio dos Habsburgos.

SANA'A IEMAN

De armas em riste, centenas de militantes hutis saíram às ruas na segunda-feira, 17, para protestar contra os ataques aéreos norte-americanos que tiveram como alvo posições em várias cidades iemenitas, no sábado anterior, 15 de março. Os hutis prometeram atingir navios dos EUA no mar Vermelho como retaliação a estes ataques, que mataram, pelo menos, 53 pessoas e feriram 98.

Caras de caso Bancada do Governo, no momento em que era chumbada a moção de confiança, o que conduziu ao seu derrube

HORA DA VERDADE

O que têm os líderes a ganhar e a perder com estas eleições

Montenegro joga o tudo ou nada, Pedro Nuno é forçado a acelerar calendário, Ventura faz contas a pensar em Passos, Rocha mostra autonomia, Melo perde espaço, Tavares quer ir sozinho e Raimundo e Mortágua disputam o voto de protesto à esquerda

— POR **MARGARIDA DAVIM** TEXTO **MARCOS BORGA** FOTOS

O País entrou em contagem decrescente para as eleições antecipadas de 18 de maio. Fora do tempo e baralhando as contas de todos os líderes partidários, as caravanas de campanha já se encontram a aquecer os motores e as estratégias já estão a ser desenhadas. Luís Montenegro deixou claras as linhas com que se vão coser os seus discursos nos próximos dois meses, quando disse ao Conselho Nacional do PSD que "a razão para esta situação é o sucesso do atual Governo e a popularidade do primeiro-ministro". Os sociais-democratas vão correr em duas pistas: enquanto Montenegro se vitimiza e puxa pelos galões dos resultados económicos da sua governação nas redes sociais, o PSD tenta recuperar casos antigos de Pedro Nuno Santos (da quota de 1% na empresa do seu pai que vendeu como governante à passagem pela TAP) e passar a ideia de que são os socialistas os responsáveis pela crise política.

A dramatização ensaiada nessa reunião foi tão grande que Manuela Ferreira Leite disse mesmo que o País está a assistir ao "caminho certo para a ditadura" e José Pedro Aguiar-Branco afirmou que "Pedro Nuno Santos fez pior à democracia nestes últimos seis dias do que André Ventura nos últimos seis anos". No meio desta estratégia de defesa ao ataque, só destoou (até agora) o silêncio de Aníbal Cavaco Silva, que se tem recusado a falar em público de Luís Montenegro e dos casos que levaram à queda do Governo. Segundo algumas fontes, Cavaco Silva terá saído em defesa de Montenegro no Conselho de Estado que antecedeu o anúncio da data das eleições pelo Presidente da República. Em julho, Cavaco deixou, contudo, claro numa entrevista ao *Observador* que não via com bons olhos que o Governo apresentasse uma moção de confiança que teria como desfecho quase certo a sua queda. "Na altura [em 1986], a oposição tinha colocado tantos impedimentos, tantos obstáculos à aprovação de medidas estruturais do meu Governo de então, que tomei uma decisão muito arriscada, e que não aconselho a outro Governo, de apresentar uma moção de confiança", lembrou então o social-democrata, que é tantas vezes apontado por Luís Montenegro como o seu modelo.

VEM AÍ PEDRO PASSOS COELHO?

Não é, porém, com a sombra de Cavaco Silva que Montenegro tem de se preocupar. O fantasma que o assombra é Pedro Passos Coelho. O seu nome começou a ser proferido em surdina nos corredores sociais-democratas, mal começaram a sair as notícias sobre a Spinumviva, a sociedade familiar de Luís Montenegro, e as suspeitas de que poderia ter violado o regime de exclusividade como primeiro-ministro. Por estes dias, foram muitos os que tentaram perceber se Passos Coelho poderia regressar. A todos, Passos terá dado a mesma resposta: estava fora de questão voltar ao governo sem passar por eleições, como também estava fora de questão afrontar Luís Montenegro no PSD.

Cavaco, que terá defendido Montenegro no Conselho de Estado, tem mantido um público silêncio. Mas a sombra, para o líder, vem de Passos Coelho...

Luís Montenegro A última ida ao Parlamento, antes da dissolução e da convocação de eleições antecipadas

Na prática, isso significa que Luís Montenegro tem uma espada em cima da cabeça. Se não ganhar as legislativas com uma maioria que lhe permita governar, é uma questão de tempo até o regresso de Passos começar a ser pedido de forma mais vocal dentro do partido. Montenegro já disse que está "para lavar e durar", mas sua permanência à frente do PSD só será possível com uma vitória expressiva. E essa vitória é tanto mais necessária quanto Luís Montenegro mantiver o "não é não" ao Chega.

Com sondagens que, por enquanto, mostram o Chega algures entre os 13% e os 17% das intenções de voto e a AD num empate técnico com o PS, André Ventura pensa já no dia a seguir, avisando que não pretende dar a mão a um PSD com Montenegro como líder. "Com Luís Montenegro não é de certeza, enquanto estas suspeitas estiverem sobre ele", disse esta semana Ventura numa entrevista à CNN Portugal, durante a qual se mostrou certo de que se o PSD perder nas urnas, "não será Montenegro a ficar, será outro". No fim de semana, já tinha começado a falar na oportunidade de formar "um Governo de direita".

A ideia de que Pedro Passos Coelho pode voltar para fazer um acordo com André Ventura começou a firmar-se quando o antigo primeiro-ministro se pôs ao lado do líder do Chega na apresentação do livro *Identidade e Família – Entre a Consciência da Tradição e as Exigências da Modernidade*, em abril do ano passado. Na altura, Passos ouviu elogios de Ventura e declarou que "quando há identidades firmadas"

Pedro Nuno Santos A poucos minutos de chumbar a moção de confiança, ele já sabia que iria ter de alterar os planos

não há que ter medo de os espaços políticos "se diluírem ou confundirem entre si". Foi a primeira vez que uma figura importante do PSD fez um gesto de aproximação tão claro ao Chega. Agora, não falta quem faça contas a um possível regresso de Pedro Passos Coelho, com um acordo com Ventura à vista.

Nestas eleições, o CDS mantém-se debaixo do chapéu da AD e perde cada vez mais a identidade, com Nuno Melo mais afastado da ribalta. Um erro estratégico que a IL não está disposta a cometer, arriscando ir a votos sem coligação. Os liberais até podem vir a fazer parte de uma solução governativa de direita, mas antes vão testar a sua força nas urnas, com um discurso muito crítico dos casos que envolvem Luís Montenegro e da sua governação, apostados em captar alguns dos descontentes da AD.

O próximo PR poderá dissolver a Assembleia, assim que chegar a Belém: já terão decorrido os primeiros seis meses sobre a tomada de posse do novo governo...

O próximo ciclo governativo pode efetivamente ser muito curto. Marcelo Rebelo de Sousa perde os poderes de dissolução do Parlamento seis meses antes das Presidenciais, ou seja, no final de agosto. Mas o próximo Presidente da República, que deverá tomar posse a 9 de março, poderá fazer uso desse poder mal chegue a Belém. É que nessa altura já terão passado os primeiros seis meses do Governo que sairá das eleições de maio, prazo findo o qual poderá ser dissolvida a Assembleia da República.

PEDRO NUNO, PRAZO DE VALIDADE

Pedro Nuno Santos é também um líder à prova nestas legislativas. A

A hora das grandes decisões

Os líderes partidários têm nestas eleições desafios decisivos. Alguns poderão cair, outros serão reforçados. Façamos as contas

Luís Montenegro

O mata-mata

O que é ganhar A única vitória que não o deixa a prazo é ter uma maioria, nem que seja com a IL. Sem isso, a pressão para o regresso de Passos subirá muito.

O que é perder Qualquer cenário que não passe por uma solução governativa com maioria acabará por conduzir à demissão.

André Ventura

A pedir uma oportunidade

O que é ganhar Manter ou aumentar os 50 deputados é ganhar, mas condicionar uma solução governativa será o pleno.

O que é perder Ficar abaixo dos 50 deputados é uma derrota para o líder que quer ter "uma oportunidade" no Governo. Mas André Ventura ficará de pedra e cal.

Pedro Nuno Santos

O sprint inesperado

O que é ganhar Ser o partido mais votado será sempre uma vitória. Sem maioria de esquerda, essa será, porém, uma vitória instável e a prazo.

O que é perder Ter menos votos do que a AD. Mas o PS deve esperar até depois das Presidenciais para trocar de líder.

moção de confiança apresentada por Luís Montenegro antecipou o calendário político e baralhou os prazos com que o líder do PS estava a trabalhar. Pedro Nuno tinha acabado de mudar a equipa de comunicação que trabalha consigo no Largo do Rato e contava nos próximos meses arrancar com uns Estados Gerais que pretendiam começar a consolidar o PS como uma alternativa à AD, virar a página da herança de António Costa, procurar novos protagonistas para o partido e, acima de tudo, dar a ideia de que os socialistas têm um líder preparado para ser primeiro-ministro. Agora, parte para a estrada apostado em aparecer com pose de estadista e com os trunfos do que correu mal com Montenegro, com os casos da Saúde e Habitação

Ventura já se disse convencido de que se a AD perder já não será Montenegro a liderar, "será outro". É nisso que apostará as suas fichas?...

à cabeça, embora sem o tempo necessário para se afastar tanto quanto gostaria do mau legado de Costa nesses dossiês.

Este não era o momento certo para Pedro Nuno Santos ir a eleições, mas, no Largo do Rato, ninguém hesitou perante a "chantagem" do Governo em relação à Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) ou perante a pressão para viabilizar a moção de confiança do Governo. "Não negociar com o Governo foi uma decisão unânime no PS", declarou ao *Expresso* Alexandra Leitão. Ouvindo vários dirigentes socialistas, percebe-se que a ideia de que era possível outra atitude ficou acantonada na ala mais à direita do partido, onde estão José Luís Carneiro e Fernando Medina.

Medina aproveitou mesmo o ensejo para apresentar uma declaração de voto na moção de confiança e assim marcar terreno, apesar de nela ficar claro que atribui as responsabilidades maiores da crise política a Luís Montenegro. "Resulta, essencialmente, de decisões do primeiro-ministro, aquando da sua tomada de posse e depois ao longo deste último mês, designadamente quanto à manutenção da empresa, ao *timing*, forma e conteúdo da comunicação, quer, sobretudo, quanto à decisão de avançar com uma moção de confiança num quadro que sabia ser da sua rejeição", lê-se no texto a que a VISÃO teve acesso.

Medina posiciona-se como reserva para o futuro, mas não só Pedro Nuno Santos controla ainda a máquina do partido, como é muito pouco provável que o PS mude de líder logo a seguir às legislativas, mesmo perdendo. "Vejo jornalistas certos de que se o Pedro Nuno Santos perder vai ser corrido. Nada de mais errado. O PS tem autárquicas em setembro e ninguém vai esticar-se pondo em causa a vitória nessas eleições. Depois, temos presidenciais e depois o PS terá o seu congresso. Nessa altura se verá quem vai a jogo", diz à VISÃO o socialista Ascenso Simões. Pedro Nuno até pode estar a prazo, mas o prazo não se esgota já no final de maio.

No PS, Fernando Medina posicionou-se, ao apresentar uma declaração de voto na moção de confiança. Mas as notícias da "morte" de Pedro Nuno são "claramente exageradas"...

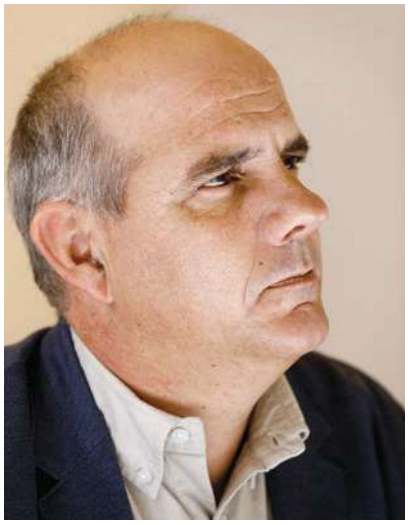
Sabendo como podem ser renhidas as eleições, há quem no PS não desdenhasse a possibilidade de um acordo pré-eleitoral com o Livre, um partido capaz de apanhar o voto jovem urbano que tem escapado aos socialistas e que, fora de Lisboa, pelas contas do método de Hondt, acaba desperdiçado, quando podia ajudar a reforçar a bancada do PS. Há distritos, como em Leiria, nos quais esse acordo, segundo as contas socialistas, podia conseguir mais um eleito. Mas Rui Tavares fechou logo a porta, antes de qualquer conversa.

Paulo Raimundo

A prova de vida

O que é ganhar Manter ou aumentar a bancada no Parlamento será uma vitória.

O que é perder Perder um deputado que seja será uma derrota, mas ninguém no PCP pedirá por isso a sua saída.



Inês Sousa Real

A prova de fogo

O que é ganhar Eleger um grupo parlamentar outra vez.

O que é perder Sair do Parlamento pode significar o fim da liderança, num partido já fragilizado e dividido internamente.

Rui Rocha

Oportunidade de crescer

O que é ganhar Aumentar a votação e ser determinante para uma solução governativa à direita, captando os descontentes com Montenegro.

O que é perder
Descer a votação será dramático para o partido e pode ditar o fim da liderança de Rui Rocha.

Mariana Mortágua

O "timing" errado

O que é ganhar Manter ou aumentar o número de deputados, depois do abalo da polémica dos despedimentos e das críticas da oposição interna.

O que é perder Qualquer descida de votação será dramática para o BE, mas é improvável que a cabeça de Mortágua role.

Nuno Melo

O invisível

O que é ganhar Manter pelo menos dois deputados, para assegurar um grupo parlamentar.

O que é perder Um desaire eleitoral da AD que faça os deputados centristas desaparecer pode ser o início do fim do CDS.

Rui Tavares

O tira-teimas

O que é ganhar Manter o grupo parlamentar será uma vitória importante, para perceber se o Livre se consolidou.

O que é perder Perder deputados e não contribuir para uma solução de esquerda pode pôr em causa a liderança.

"O Livre avança sozinho nas eleições", disse à Rádio Observador na semana passada.

PCP E BE COM VIDA DIFÍCIL

Mais à esquerda, as eleições também não vieram na melhor altura. Mal refeito da polémica sobre o despedimento de trabalhadoras que tinham acabado de ser mães, o Bloco de Esquerda teria preferido ter tempo para dar a volta ao texto. No PCP, também se contava com a possibilidade de fazer caminho com mais tempo, continuando na senda do trabalho que os comunistas têm feito para chegar a outros setores, através da cooperação com movimentos como o Vida Justa ou a Iniciativa dos Comuns.

A grande dificuldade para bloquistas e comunistas está em lidar com a possibilidade de sofrer com o voto útil no PS, arrastado pela ideia do empate técnico com a AD, numa altura em que a direita parece sociologicamente maioritária no País e as sondagens dão como improvável qualquer hipótese de uma nova geringonça, mesmo que os estudos de opinião mostrem que esse governo minoritário socialista com o apoio parlamentar da esquerda foi um dos de melhor memória para os portugueses.

A grande dificuldade para bloquistas e comunistas será a de lidar com a possibilidade de sofrer com o voto útil no PS, perante o risco de empate técnico com a AD, como há um ano

Apesar disso, e temendo ver encolher ainda mais as suas bancadas parlamentares, não se espera que um desaire possa ter outras consequências nestes partidos. No PCP, uma quebra eleitoral será sempre avaliada em termos coletivos e não fará cair Paulo Raimundo, como secretário-geral. No BE, os bloquistas adiaram a Convenção Nacional que estava prevista para 31 de maio e 1 de junho, mas também não é previsível que os resultados eleitorais sirvam para que Mariana Mortágua deixe de ser coordenadora do partido, tendo em conta a expressão minoritária que tem tido a oposição interna e o anúncio de que essa oposição não pretendia ir a votos no próximo conclave bloquista. visao@visao.pt

LUÍS BARRA

Conselho de Ministros Os dinheiros do PRR não ficam em causa com a queda do Governo. Só com a baixa taxa de execução...

Governo de gestão, modo de usar

O que pode e não pode fazer o Governo de Luís Montenegro, até à posse do próximo Executivo?

"A atividade económica anda por si, independentemente daquilo que são os fenómenos naturais em democracia." A frase é de Marcelo Rebelo de Sousa à CNN Portugal e vem ao arrepio da ideia de que Portugal ficará paralisado pela crise política. Marcelo fez, aliás, questão de lembrar que a última crise não fez sequer cair o *rating* da República, como também explicou que Governo em gestão pode executar PRR "como se fosse pleno de poderes".

Luís Montenegro também disse o mesmo quando garantiu que "o PRR não está em causa" por causa da queda do Governo. O que pode fazer com que Portugal não receba todos os fundos é a baixa taxa de execução do programa.

Se o PRR não cai nem é previsível que a economia desacelere por causa das eleições antecipadas, há forçosamente decisões que terão de esperar por um governo legitimado pelos votos. É o caso da privatização da TAP, do contrato com a ANA para a construção do Novo Aeroporto de Lisboa ou da reestruturação do INEM anunciada pelo Governo. Outros anúncios que foram feitos também podem nunca ver a luz do dia, até por falta de tempo para os ver concretizados. É o caso das novas PPP na Saúde, nomeadamente no que toca à entrega a privados de 174 centros de saúde. Um anúncio que nunca poderá ser concretizado antes de uma negociação com os privados, que, neste momento, nem se mostram muito entusiasmados com o negócio, com o presidente da Associação Portuguesa de Hospitalização Privada, Óscar Gaspar, a dizer ao *Expresso* que a experiência no passado foi "traumatizante" e há pouco entusiasmo para a repetir. Também deve ficar na gaveta a reestruturação dos serviços do Governo, que estava a ser preparada pelo novo secretário-geral Carlos Costa Neves.

O que é certo é que com as eleições a 18 de maio, o Orçamento do Estado para 2025 está em vigor e o novo governo que vier a tomar posse terá tempo de apresentar o seu Orçamento para 2026 nos prazos normais, entre o final de setembro e o início de outubro. Resta saber se terá maioria para o fazer aprovar. Mas isso já dependerá de como votarem os portugueses. **M.D.**

OPINIÃO

Filipe Luís

— Subdiretor

Ventura vota útil no PS

O "não é não" inverteu-se. Agora, é André Ventura que o diz. Depois de ter colocado, lado a lado, em cartazes, Luís Montenegro e José Sócrates, o líder do Chega não pode admitir ser parte de um governo com o atual líder do PSD. E isto limita-lhe o argumentário, que não pode ser o mesmo da última campanha. De "nós somos parte da solução para a mudança e vamos para o Governo com Luís Montenegro" passou a "nós não vamos para o Governo com Luís Montenegro". Então, que utilidade terá o voto no Chega? Ventura está a torcer-se para resolver esse dilema. Numa entrevista televisiva, já comentou que, se Montenegro perder, virá outro. E essa parece ser a sua aposta: com um Montenegro vitorioso, o Chega fica mais longe do Poder. Com um Montenegro derrotado – e afastado –, o Chega fica a "um bocadinho assim" de atingir o "poleiro". Claro que André Ventura vai pedir "uma oportunidade" e candidatar-se a primeiro-ministro, em pé de igualdade com Montenegro e com Pedro Nuno Santos. Mas ele sabe que ainda é cedo para lá chegar, se é que algum dia lá chegará. Portanto, a sua melhor hipótese é a vitória do PS (que muito dificilmente terá uma maioria de esquerda à sua disposição). O voto útil de Ventura é, pois, no PS.

O que é que sucederia a seguir? O Presidente da República indigitaria Pedro Nuno como primeiro-ministro. Nesse caso, das duas uma: ou a direita avançaria com uma moção de rejeição do programa do Governo, apresentando uma alternativa (já com outro líder do PSD, mais aberto a um acordo com o Chega) ou, mais provável, o PSD não terá tempo de efetuar a mudança de liderança, seguindo todos os passos dos estatutos – convocação de eleições diretas, campanha interna, congresso extraordinário – e haverá, dali a seis meses, o chumbo do Orçamento e/ou uma moção de censura. Nessa altura, com Marcelo impedido de voltar a convocar eleições, restará ao Presidente indigitar o (novo) líder do segundo partido mais votado, o PSD (ou a AD), que garantirá o apoio maioritário dos deputados, com o precioso contributo do Chega. E André Ventura é vice-primeiro-ministro. Na secretaria.

Esse novo líder, porém, não será Pedro Passos Coelho, que só aceitará ir para o Governo depois de novas eleições – e essas seriam daqui a um ano. Neste cenário, tão provável como o primeiro, André Ventura terá de ter paciência. E esperar mais um ano. Para o líder do Chega, porém, seria preferível ter, como interlocutor, no PSD, alguém menos forte – o ideal, seria, digamos, Carlos Moedas. Passos Coelho tem tudo para roubar eleitorado a Ventura. E Ventura não sabe se gosta muito dessa ideia...

As peças, aliás, encaixam-se. Na semana em que se comemoravam os 50 anos do 11 de Março, voltou a ocorrer uma "Assembleia Selvagem", em Portugal. Desta vez, não protagonizada pelo MFA, mas sim pelo PSD, no seu Conselho Nacional. Numa reunião emotiva, com Luís Montenegro visivelmente perturbado, com uma intervenção que, no tom, fez lembrar o célebre discurso de Vasco Gonçalves, em Almada, e um ambiente estalinista na sala – uma tímida voz a interpelar o primeiro-ministro sobre as suas condições para se recandidatar foi abafada por apupos – chamou-se de tudo a Pedro Nuno Santos. Sinal dos tempos, foi o presidente da AR, o cordato e moderado Aguiar-Branco, a encabeçar a turba. Pouco depois, o ministro dos Assuntos Parlamentares, Pedro Duarte, admitia, publicamente, que o PSD poderá constituir Governo, mesmo que perca. O ministro referia-se a uma maioria possível com a IL (sem referir o Chega), mas a declaração vai ao arrepio de tudo o que Luís Montenegro sempre prometeu e voltou, agora, a prometer: que só governa, se ganhar, ou seja, implicitamente, Duarte admite a substituição do líder.

Já o Presidente falou num "choque sobre um juízo ético", como causa direta desta crise. "Não se pode confiar e desconfiar ao mesmo tempo", disse Marcelo. Dito de outro modo, ele não podia fazer nada para evitar isto. Não se trata de um Orçamento do Estado, por exemplo, em que tudo é negociável. A confiança não se negoceia. É como no futebol: um penálti é suscetível de interpretação, mas um *offside* não tem discussão. Um jogador não está "um bocadinho fora de jogo": ou está ou não está. Em última análise, são as linhas tecnológicas do VAR que decidem isso e não o árbitro de campo, neste caso, o Presidente. Nesta crise, para Luís Montenegro, o VAR é o voto popular. Para PS, o VAR é a Comissão Parlamentar de Inquérito, E a Justiça, com a "averiguação preventiva" do Ministério Público, ainda está a analisar o lance.

visao@visao.pt

Marcelo não podia fazer nada: "Não se pode confiar e desconfiar ao mesmo tempo." É como no futebol: não se está um bocadinho fora de jogo. Ou se está, ou não se está. Para Montenegro, o VAR é o voto popular. Para o PS, o VAR é a CPI. E a Justiça, com a "averiguação preventiva", ainda está a analisar o lance

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

O GRANDE DUELO TECNOLÓGICO

Numa espécie de nova Guerra Fria, a China e os EUA lutam pelo domínio da Inteligência Artificial. As grandes empresas norte-americanas colocam todas as fichas nesta tecnologia, lutando contra startups chinesas que prometem criar novas soluções ainda mais eficazes, como foi o caso do DeepSeek

— POR PAULO M. SANTOS

A guerra pelo domínio da Inteligência Artificial (IA) está ao rubro e as grandes potências investem vastos recursos para não perder a corrida. Até agora, esta era uma tecnologia dominada pelos norte-americanos. A começar pelo lançamento do ChatGPT, o primeiro chatbot de IA, criado pela OpenAI, que se tornou um elemento quase indispensável para quem queria aceder a este novo e fascinante recurso tecnológico.

Mas não só. Os EUA tinham consigo o fabrico de semicondutores avançados, indispensáveis para a IA, nomeadamente da Nvidia, empresa que se tornou uma das mais valiosas do mundo devido à capacidade dos seus chips. E, por outro lado, tinha as poderosas Big Tech, como a Google, Apple, Meta e Amazon, que começaram a desenvolver os seus modelos de IA. E para reforçar ainda mais a força destes empresários, surgiu um novo Presidente norte-americano, Donald Trump que depressa se tornou um forte aliado das ambições dos líderes das grandes tecnológicas.

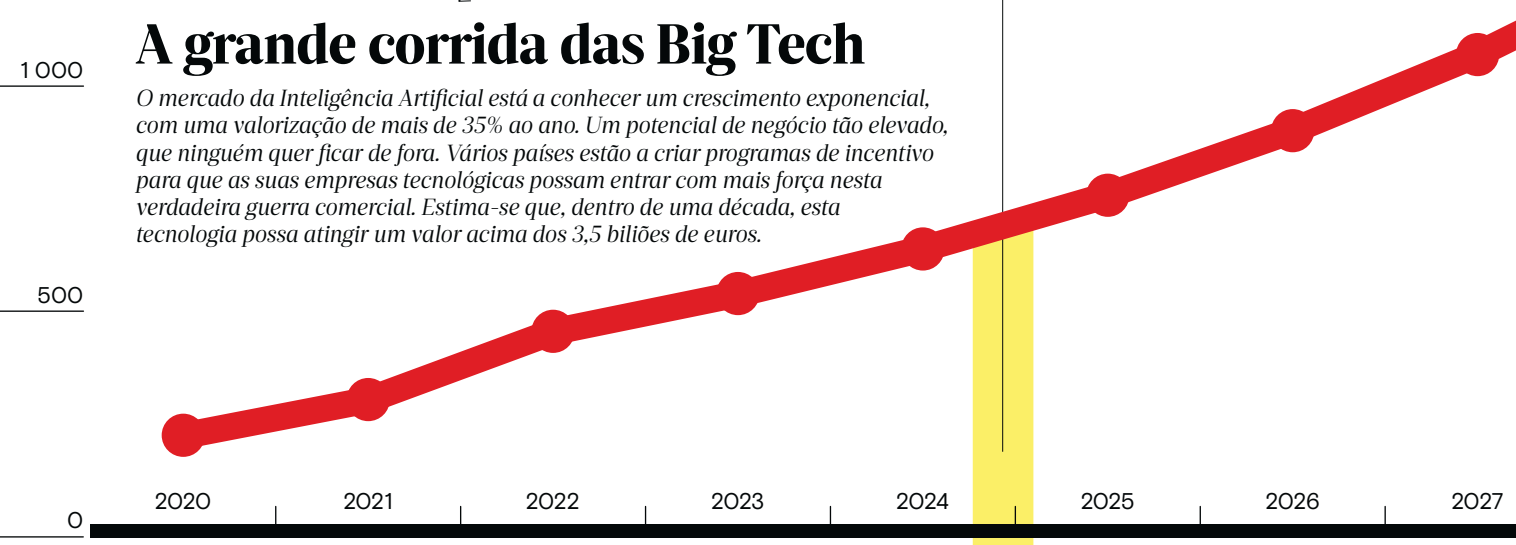
Bastou olhar para a cerimónia da sua tomada de posse, na qual o novo Presidente se fez rodear de nomes como Mark Zuckerberg, dono da Meta, Jeff Bezos, fundador da Amazon, Sundar Pichai, CEO da Google, e o seu aliado Elon Musk, o homem mais rico do mundo, dono da Space X e um dos fundadores da OpenAI.

Com todo este poderio financeiro, capacidade tecnológica e apoio do líder da maior potência do mundo, esta parecia uma guerra sem história.

Mas, em janeiro deste ano, tudo mudou. Uma simples notícia de que uma empresa chinesa, que até então poucos conheciam, conseguiu em apenas um mês conquistar mais de 40 milhões de pessoas em todo o mundo com o seu novo modelo de IA generativa, o DeepSeek-R1, superando em muitos aspetos as grandes inovações norte-americanas, causou

A grande corrida das Big Tech

O mercado da Inteligência Artificial está a conhecer um crescimento exponencial, com uma valorização de mais de 35% ao ano. Um potencial de negócio tão elevado, que ninguém quer ficar de fora. Vários países estão a criar programas de incentivo para que as suas empresas tecnológicas possam entrar com mais força nesta verdadeira guerra comercial. Estima-se que, dentro de uma década, esta tecnologia possa atingir um valor acima dos 3,5 biliões de euros.



Fonte: Precedent Research

© SIMON LEHMANN | DREAMSTIME.COM

€15
BILIÕES
Valor do contributo da IA na economia mundial em 2030, segundo um relatório da consultora PwC

uma verdadeira hecatombe na supremacia norte-americana da IA.

Mais surpreendente foi o facto desta nova aplicação ter sido feita por uma pequena e ágil startup sediada em Hangzhou, na China.

Fundada, em 2023, por Liang Wenfeng, a Hangzhou DeepSeek Artificial Intelligence Basic Technology Research existia há menos de dois anos antes de deixar a sua marca no cenário global. O que diferenciou o DeepSeek não foi apenas a sua habilidade técnica, mas a audácia com que chegou ao mercado com um produto que custou apenas uma fração do investimento feito pelos gigantes da tecnologia dos EUA para conseguirem chegar a um resultado semelhante.

EFEITOS COLATERAIS

Os efeitos de cascata não se fizeram esperar. O índice Nasdaq, que agrupa as maiores empresas tecnológicas dos EUA, perdeu mais de 3% em dois dias, e as ações da Nvidia baixaram quase 17%, o que representou uma quebra do valor da empresa de quase 600 mil milhões de dólares, a maior perda da história de uma empresa em bolsa.

A reação norte-americana foi imediata e Donald Trump assinou o projeto *Stargate*, um programa que servirá para acelerar esta nova tecnologia, com uma verba total de 500 mil milhões de dólares, quase duas vezes o PIB português.

O foco do Stargate será a construção de centros de dados avançados, necessários para o aperfeiçoamento de modelos de IA, e o desenvolvimento das soluções de energia que estes precisam para operar.

Numa nota revelada recentemente, a OpenAI diz que os investimentos em infraestrutura de IA nos EUA visam garantir que os modelos e aplicativos de IA norte-americanos ganhem vantagem sobre a tecnologia chinesa.

Trata-se de uma "estratégia fundamental" para garantir que os EUA sejam um destino atraente para investidores de IA de todo o mundo, afirma o documento. Há 175 mil milhões de dólares em fundos globais atualmente à espera de serem investidos em projetos de IA. "Se os EUA não atraírem esses fundos, eles fluirão para projetos administrados pela China – fortalecendo a influência global do Partido Comunista da China", escreve a OpenAI.

Donald Trump também já se comprometeu a fazer tudo o que estiver ao seu alcance para criar novos centros de dados.

"Queremos que isso aconteça neste país e queremos torná-lo acessível", disse o Presidente norte-americano, nomeando explicitamente a China como rival.

Mas, do outro lado do Pacífico, o mercado de Inteligência Artificial está a passar por um crescimento sem precedentes. Por um lado, devido à grande população do país e, por outro, pelo apoio que o governo tem dado para novos investimentos em avanços tecnológicos.

E este foco na investigação e desenvolvimento de IA, acabou por fazer da China o líder global em número de utilizadores.

Além disso, a combinação única de uma força de trabalho altamente qualificada e uma grande base de consumidores levou à implementação bem-sucedida de tecnologias de IA em vários setores, como na saúde, finanças e indústria.

UMA NOVA FORÇA

E a DeepSeek não está sozinha nesta guerra. Outras pequenas startups estão a dar cartas em matéria de IA ou em tecnologias associadas, como é o caso da Unitree, empresa que desenvolve robôs humanoides, ou a Manycore, que atua na área da inteligência espacial. Estas três estão todas sediadas em Hangzhou, uma espécie de Silicon Valley chinês, e fazem parte de uma geração de novas startups, os chamados "tigres da tecnologia", que ganham peso em diversas tecnologias.

2028 2029 2030 2031 2032 2033 2034

Os “generais” da IA

Os poderosos líderes das grandes tecnológicas norte-americanas começam a dividir o palco com os jovens chineses que vão conquistando o seu espaço no mundo da Inteligência Artificial

JENSEN HUANG
Idade: 62
Empresa: Nvidia
Ano da fundação: 1983
Valor: €2,93 biliões
Produtos: Semicondutores
Cofundador da Nvidia, empresa que produz os melhores semicondutores. para IA

TIM COOK
Idade: 64
Empresa: Apple
Ano da fundação: 1976
Valor: €3,22 biliões
Produtos: Eletrónica
Gere a empresa tecnológica mais valiosa do mundo. Homem da casa, escolhido por Steve Jobs, assumiu a liderança em 2011, pouco antes da morte de Jobs.

MARK ZUCKERBERG
Idade: 40
Empresa: Meta
Ano da fundação: 2004
Valor: €2,19 biliões
Produtos: Redes sociais
Gere três das maiores empresas tecnológicas do planeta – Facebook, WhatsApp e Instagram – e está a desenvolver diversas formas de Inteligência Artificial.

ELON MUSK
Idade: 53
Empresa: Space X
Ano da fundação: 2002
Valor: €350 mil milhões
Produtos: Tecnologia espacial
Além da Space X, a maior empresa privada aeroespacial, Musk tem ainda interesses na Tesla e na Open AI, empresa responsável pelo ChatGPT.

SATYA NADELLA
Idade: 57
Empresa: Microsoft
Ano da fundação: 1975
Valor: €2,89 biliões
Produtos: Software
Lidera a Microsoft, fundada por Bill Gates, uma das empresas mais ativas no desenvolvimento de IA, nomeadamente com o Microsoft Copilot.

JEFF BEZOS
Idade: 61
Empresa: Amazon
Ano da fundação: 1994
Valor: €2,07 biliões
Produtos: Comércio eletrónico
O fundador de uma das maiores empresas de comércio eletrónico dedica cada vez mais o seu tempo à empresa aeroespacial Blue Origin.

SUNDAR PICHAI
Idade: 52
Empresa: Alphabet
Ano da fundação: 1998
Valor: €2,02 biliões
Produtos: Motor de busca
Controla um conglomerado de grandes empresas tecnológicas, que incluem a Google, Android, YouTube, entre outras.

LIANG WENFENG
Idade: 40
Empresa: DeepSeek
Ano da fundação: 2023
Valor: -
Produtos: Inteligência Artificial
O criador da DeepSeek começou a sua carreira nas apps financeiras. Em 2019, lançou a High-Flyer AI que chegou a gerir mais de 10 mil milhões de euros.

WANG TAO
Idade: 45
Empresa: DJI
Ano da fundação: 2006
Valor: €11 mil milhões
Produtos: Drones
Mais conhecido por Frank Wang, este engenheiro aeroespacial controla cerca de 90% do mercado mundial de drones equipados com sistemas de fotografia e vídeo, usados em várias atividades.

ZHANG YIMING
Idade: 42
Empresa: ByteDance
Ano da fundação: 2012
Valor: €400 mil milhões
Fundou a ByteDance em 2012 e, mais tarde, foi responsável pelo desenvolvimento da rede social TikTok, o que fez dele o homem mais rico da China.

WANG XING-XING
Idade: 35
Empresa: Unitree
Ano da fundação: 2016
Valor: €1,1 mil milhões
Produtos: Robots Humanoides
Na adolescência, tinha como hobby construir modelos de aviões. Mais tarde, passou para os foguetes e, atualmente, gere uma das maiores empresas de robótica do mundo.

JACK MA
Idade: 60
Empresa: Alibaba
Ano da fundação: 1999
Valor: €329 mil milhões
Produtos: Comércio online
Apesar dos seus atritos com o executivo chinês, Jack Ma foi agora chamado pelo governo para assumir um papel ativo na "guerra fria" da IA.

E o governo chinês não baixa os braços e parece disposto a tudo. Recentemente, o Presidente da China, Xi Jinping, chamou de novo o fundador da Alibaba, o magnata Jack Ma, para ter um papel ativo nesta luta tecnológica. Uma decisão que não terá sido fácil para o líder chinês, tendo em conta que Jack Ma teria, alegadamente, deixado o país, durante três anos, devido a críticas que fez à forma como a política era dirigida na China.

O encontro entre ambos ocorreu no dia 17 de fevereiro deste ano, no qual o Presidente chinês quis juntar, em Pequim, os principais empresários da área tecnológica. Além de Jack Ma, estiveram presentes o fundador da Huawei, Ren Zhengfei, o CEO da BYD, Wang Chuanfu, o CEO da CATL, Zeng Yuqun, e o CEO da Xiaomi, Lei Jun.

"Com a economia doméstica a desacelerar e as pressões geopolíticas a crescer, o governo está a deixar claro que valoriza e depende do setor privado para impulsionar a inovação e estimular o crescimento", disse à CNN Angela Huyue Zhang, professora de Direito na Universidade do Sul da Califórnia que escreveu um livro sobre a regulamentação de empresas de tecnologia na China.

Apesar de o setor empresarial do Estado ser maior do que o privado, este último representa cerca de 60% da geração de riqueza e emprega mais de 75% da população ativa.

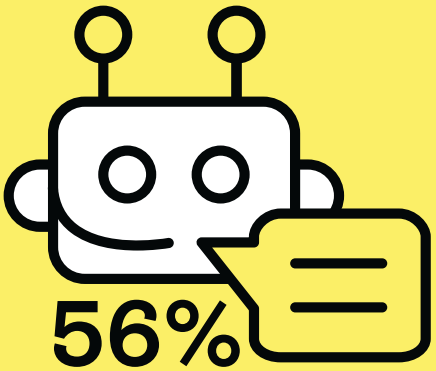
Segundo Fred Hu, presidente da empresa de investimentos Primavera Capital, o encontro de Xi Jinping com empreendedores privados "representa claramente uma grande correção de rumo" nas políticas da China em relação às empresas privadas.

Segundo alguns estudos, a repressão das autoridades chinesas à iniciativa privada eliminou mais de um bilião de euros de valor de mercado de muitas empresas chinesas poderosas, bem como contribuiu para a estagnação de alguns projetos de inovação tecnológica.

"O setor privado, que por muito tempo foi a espinha dorsal da economia chinesa e o motor mais importante do crescimento, tem sido prejudicado nos últimos anos pelas crescentes incertezas políticas e regulatórias, que têm gerado consequências graves para o desenvolvimento chinês", afirmou Fred Hu, em declarações à Reuters.

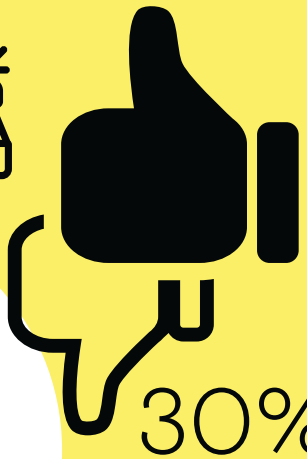
IA para que te quero?

O lançamento do ChatGPT de forma gratuita, em novembro de 2022, alterou a forma como as empresas lidam com as suas operações do dia a dia. Estas são as 10 atividades em que, atualmente, a Inteligência Artificial é mais utilizada no mundo empresarial



56%
SERVIÇO AO CLIENTE

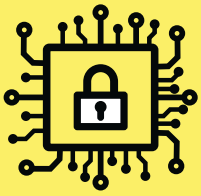
40%
GESTÃO DE INVENTÁRIO



33%
RECOMENDAÇÃO DE PRODUTOS

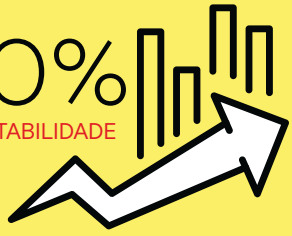
Ao ritmo da Inteligência Artificial

Para as grandes empresas, a Inteligência Artificial deixou de ser apenas uma ferramenta, tornando-se um imperativo estratégico. E a sua adoção está a crescer de forma exponencial

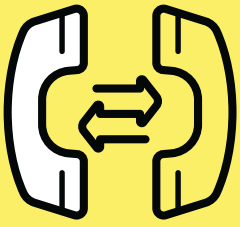


51%
CIBERSEGURANÇA E PREVENÇÃO DE FRAUDE

30%
CONTABILIDADE



47%
ASSISTÊNCIA DIGITAL



46%
GESTÃO DE RELAÇÃO COM CLIENTES

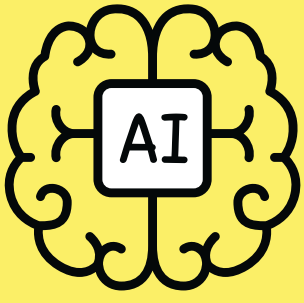
35%
CRIAÇÃO DE CONTEÚDOS

30%
OPERAÇÃO DE REDES DE ABASTECIMENTO

26%
RECRUTAMENTO

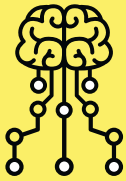
Tecnologia de topo

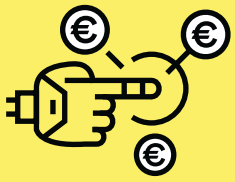
A Inteligência Artificial é hoje em dia uma norma em muitas das grandes empresas de todo o mundo, segundo um estudo internacional da IBM



81%
DOS GESTORES DE GRANDES EMPRESAS JÁ INCORPORARAM INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NOS SEUS PROCESSOS OPERACIONAIS

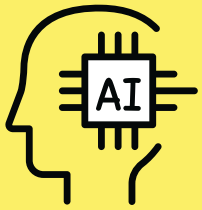
82%
DOS GESTORES INQUIRIDOS PRETENDEM ADOTAR MODELOS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL MAIS SOFISTICADOS AO LONGO DESTE ANO





3,32%
PERCENTAGEM DA FATURAÇÃO QUE AS EMPRESAS DE RETALHO OU COMÉRCIO ELETRÓNICO PRETENDEM INVESTIR EM INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL, EM 2025

31%
PERCENTAGEM DE FUNCIONÁRIOS QUE TERÃO DE MELHORAR AS SUAS CAPACIDADES PARA PODEREM TRABALHAR COM INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL



SHAWN THEW / POOL

O PLANO CHINÊS

Apesar de estar agora mais à vista de todos, a corrida pela supremacia da Inteligência Artificial entre os EUA e a China começou já em 2017, quando a China aprovou o Plano de Desenvolvimento em Inteligência Artificial. que previa o domínio desta tecnologia em todo o mundo até 2030.

Aliás, foi nessa altura que surgiu o termo "Guerra Fria da IA", referindo-se "à rivalidade tecnológica e estratégica entre grandes potências", principalmente os EUA e a China no campo da Inteligência Artificial, traçando um paralelismo com a histórica Guerra Fria entre os EUA e a União Soviética.

Ao contrário dos tempos da União Soviética, quando a competição entre sistemas ocorria principalmente no Espaço e no armamento nuclear, desta vez ambos os lados também reconheceram a importância da IA para a futura força económica, militar e política. Até mesmo o nome da iniciativa de infraestrutura de IA em Washington, *Stargate*, que lembra os filmes *Star Wars*, pretende sugerir a ideia da batalha do "bem contra o mal".

O anúncio deste projeto foi feito pelo Presidente norte-americano, tendo a seu lado o CEO da Softbank, Masayoshi Son, o cofundador da Oracle, Larry Ellison, e do CEO da OpenAI, Sam Altman.

> **"O controlo das exportações dos EUA para a China, incluindo os chips de IA da Nvidia, aparentemente não funcionou como se pretendia", escreve a *MIT Technology Review***

Antes disso, os EUA já tinham iniciado o boicote de fornecimento de chips avançados, sobretudo os da Nvidia, para tentar travar o avanço da China.

"O setor onde esta guerra teve mais repercussão foi nos semicondutores. Esta tecnologia de base define o poder computacional de todo o hardware, que por sua vez define o poder do software. Os EUA já levam este assunto muito a sério há algum tempo e colocaram fortes restrições nesta área a semicondutores oriundos da China, como foi o caso da Huawei no 5G", diz Pedro Schuller, gestor da LPTlabs.

Na opinião deste especialista em Inteligência Artificial, os EUA ainda têm uma grande vantagem em matéria de semicondutores, no entanto, a China tem vindo a acelerar fortemente o desenvolvimento de chips mais avançados.

"Eles não só têm muita experiência em processos fabris como também têm uma cultura de desenvolver a tecnologia em open source, o que lhes permite acelerar os processos de desenvolvimento", salienta Pedro Schuller.

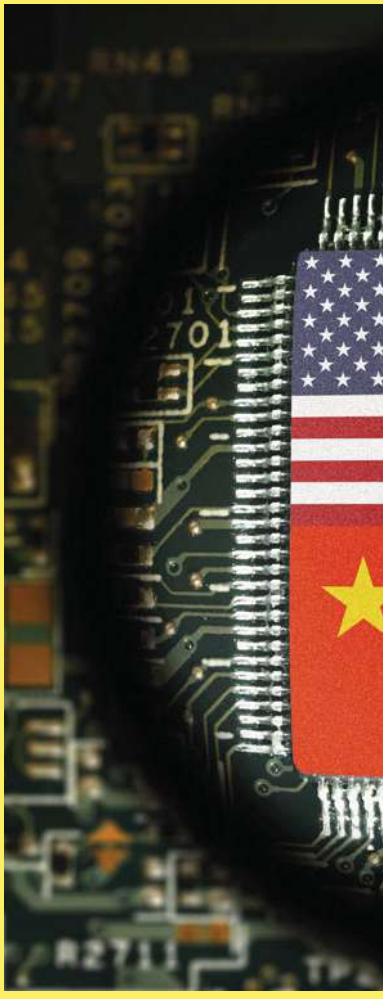
Alguns analistas defendem que a proibição de exportar estes chips para a China acabou por ter consequências imprevistas, pois levou a que os chineses fossem forçados a desenvolver o seu próprio caminho nesta matéria.

"O controlo das exportações dos EUA para a China, incluindo os chips

Análise

É necessário um modelo da Guerra Fria para a superinteligência artificial

Se estamos a caminhar para um mundo com superinteligência, deveríamos estar conscientes do potencial de instabilidade política



© TOMASRAGINA | DREAMSTIME.COM

O lançamento, em janeiro deste ano, do DeepSeek-R1, o mais sofisticado modelo de Inteligência Artificial da China [que desafia a OpenAI, a Google e a Meta, com um custo muito mais baixo], sinaliza um ponto de viragem perigoso na corrida global à IA. Este avanço, como alertou o Presidente Donald Trump, representa um alerta para a liderança dos Estados Unidos da América. O que está em causa não é apenas competitividade económica, mas também uma tecnologia geopoliticamente mais precária desde a era nuclear.

Após a criação da bomba atómica [em 1945], o monopólio tecnológico dos EUA durou apenas quatro anos, até os cientistas soviéticos terem conseguido a paridade. Este equilíbrio do terror, combinado com o potencial destrutivo sem precedentes de novas armas, deu origem à doutrina de estratégia militar "Destruição Mútua Assegurada" [MAD, Mutual Assured Destruction, em inglês] – um quadro de dissuasão que, apesar das suas falhas, evitou conflitos catastróficos durante décadas.

A atual competição no campo da Inteligência Artificial tem potencial para ser ainda mais complexa, em parte porque a IA abrange quase tudo, da medicina às finanças e à defesa. Uma IA poderosa talvez consiga automatizar a própria investigação da IA: uma melhoria recursiva da IA melhora também as suas capacidades sem necessidade dos humanos. Uma nação prestes a utilizar uma IA superinteligente, uma IA muito mais inteligente do que os humanos em praticamente todos os domínios, representaria uma emergência de segurança nacional para os seus rivais, tentados a recorrer a ameaças de sabotagem em vez de cederem o poder.

Se estamos a caminhar para um mundo com superinteligência, deveríamos estar conscientes do potencial de instabilidade política.

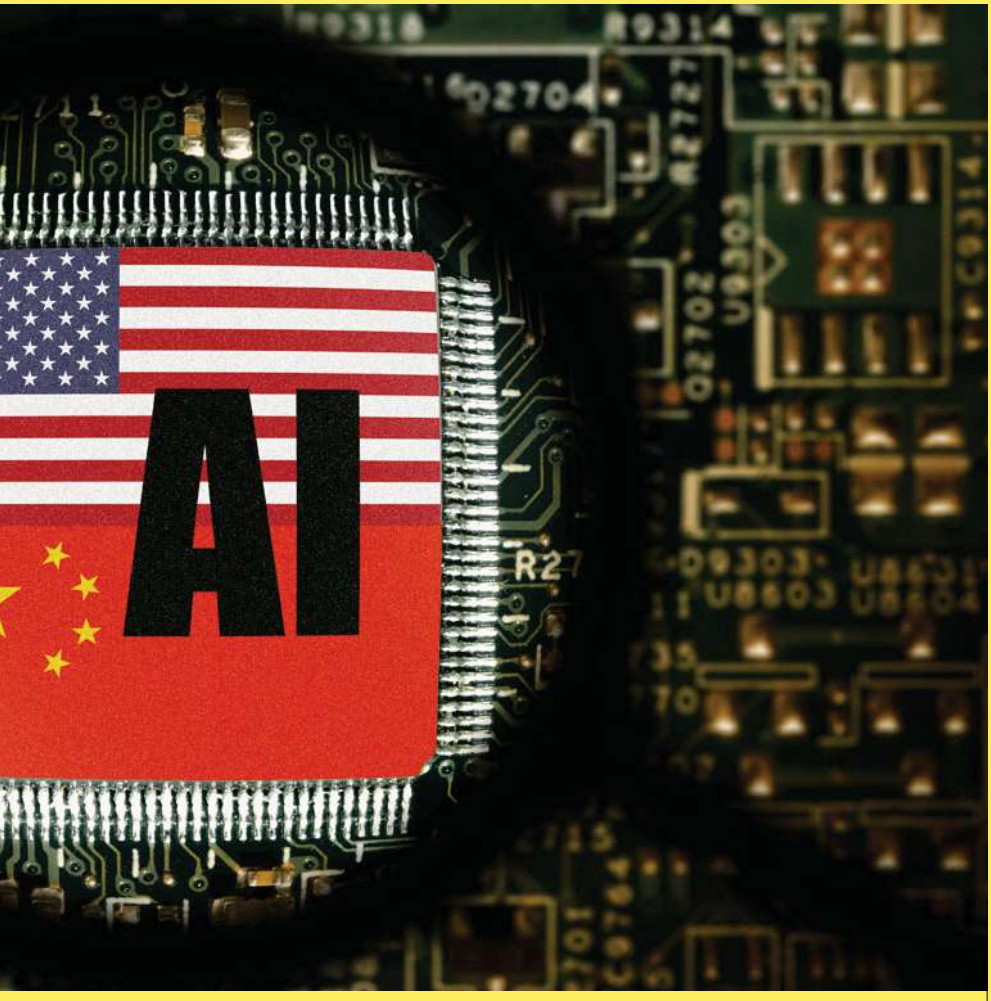
Imaginemos como os Estados Unidos poderiam responder razoavelmente a países rivais que procurem uma vantagem invencível da IA. Suponhamos que Pequim já ultrapassou a superioridade dos laboratórios de IA americanos e chegou ao limite de melhorar recursivamente a superinteligência antes dos EUA. Mesmo que a China consiga manter o controlo sobre o que está a construir, a segurança nacional dos Estados Unidos estaria existencialmente ameaçada. De um ponto de vista racional, a América poderia recorrer a ameaças de sabotagem sob a forma de ataques cibernéticos contra centros de dados de IA na China. De igual modo, poderíamos esperar que Xi Jinping – ou Vladimir Putin, que tem poucas hipóteses de obter primeiro esta tecnologia – respondesse de forma semelhante caso abordássemos a melhoria recursiva da superinteligência. Não ficariam de braços cruzados estando iminente um monopólio de poder dos EUA.

Tal como a procura desestabilizadora do monopólio nuclear deu lugar à estabilidade da MAD [durante a Guerra Fria, entre os anos 1950 e 1990], poderemos em breve entrar num regime de dissuasão paralelo para a IA. Se um Estado que pretenda obter a supremacia da IA puder esperar pela ameaça de sabotagem preventiva, outros Estados poderão ser dissuadidos de exercer o poder unilateralmente. Chamemos a este desfecho Mutual Assured AI Malfunction ["Mau Funcionamento da IA com Garantia Mútua"].

O MAIM seria concebido como um mecanismo para manter vantagem estratégica, prevenir uma escalada e restringir ambições de rivais e intervenientes malévolos. Para que resulte, os EUA devem deixar claro que qualquer projeto rival e desestabilizador da IA, especialmente um que vise a superinteligência, provocará retaliações.

Enquanto edificam este mecanismo de dissuasão, os EUA devem avançar, simultaneamente, em duas frentes adicionais: a não proliferação da Inteligência Artificial e a competitividade interna.

No que respeita à não proliferação, os EUA deveriam implementar controlos e monitorização mais rigorosos de exportação de chips de IA, para impedir que o poder computacional caia nas mãos de gente perigosa. Os chips de IA deveriam ser tratados como o urânio, mantendo registos rigorosos dos movimentos de cada produto, impondo limitações ao que os chips de IA com tecnologia de ponta estão autorizados a fazer e concedendo às agências federais americanas autoridade para rastrear e encerrar rotas de distribuição ilícitas.



Por fim, para manter uma vantagem competitiva, os EUA deveriam concentrar-se em tornar resilientes as suas cadeias de abastecimento de tecnologia militar e poder computacional. A dependência em relação a Taiwan para os chips de IA, em particular, é uma vulnerabilidade flagrante e um ponto de estrangulamento crítico. Mesmo que o Ocidente tenha uma vantagem decisiva em termos de chips de IA, a disrupção chinesa poderá inverter esta situação. Os EUA deveriam intensificar as suas próprias capacidades nacionais de design e fabricação de chips.

A IA superinteligente constitui um dos maiores desafios que os decisores políticos já enfrentaram. É o que os teóricos Horst Rittel e Melvin Webber designaram de "problema perverso", um problema que evolui continuamente sem qualquer fórmula para a sua resolução definitiva.

O MAIM, complementado com uma não proliferação robusta e um investimento renovado na indústria americana, oferece uma estratégia baseada nas lições das corridas ao armamento do passado. Não existe uma solução puramente técnica que possa domar estas forças, mas a conjugação certa de medidas de dissuasão, não proliferação e competitividade pode ajudar os Estados Unidos a navegar na realidade geopolítica emergente da superinteligência.

DAN HENDRYCKS
Diretor do organismo de investigação Centro para a Segurança da IA, com sede em São Francisco, Califórnia

ERIC SCHMIDT
Ex-CEO da Google

de IA da Nvidia, aparentemente não funcionou como se pretendia. Ao contrário do enfraquecimento das capacidades de IA da China, as sanções parecem levar startups como a DeepSeek a encontrar maneiras inovadoras que priorizem a eficiência, a agrupar recursos e a colaborar mais entre si", escreveu a *MIT Technology Review*.

Outro dos campos fundamentais para esta batalha é o controlo de terras raras, essenciais para o desenvolvimento de tecnologias cada vez mais avançadas. E, nesta matéria, a China é o maior produtor mundial destes componentes. Os EUA necessitam de terras raras e não podem estar dependentes da China como fornecedor, o que explica a razão que levou Trump a tentar negociar estes minérios com a Ucrânia, em troca de apoio militar, para se defenderem dos ataques russos. Um braço de ferro que ainda não terminou e que o Presidente norte-americano faz questão de levar até ao fim.

Também as conversas com as anexações do Canadá ou da Gronelândia estão, segundo os analistas, relacionadas com esta matéria. Ambos têm algumas das maiores reservas mundiais de terras raras e, além disso, o Canadá é o maior fornecedor de energia dos EUA, um bem necessário para que os novos centros de dados que Trump quer construir possam funcionar sem problemas.

GUERRA DE PODER

Apesar de a "Guerra Fria da IA" estar a vários níveis no processo da sua criação, desde os semicondutores até aos centros de dados, é na IA generativa que a grande maioria das tecnológicas coloca um grande investimento, para ganhar supremacia do mercado. E a explicação é simples. "A tecnologia é cada vez mais um vetor de poder político. A IA generativa é aquela que assume a forma mais humana, porque fala connosco, que mostra imagens, traduz linguagem etc., e tem maior impacto para poder alterar a perceção dos eventos a nível global. Foi notório, quando saiu o DeepSeek, que o modelo tinha um óbvio pré-condicionamento por motivos políticos", explica Pedro Schuller.

Mas este pré-condicionamento não é exclusivo dos chineses. O próprio ChatGPT, após a eleição de Donald Trump, fez algumas alterações, tornando-se, segundo alguns

Amal.IA em pausa?

O primeiro Chatbot português com Inteligência Artificial, que deveria estar operacional já em 2026, poderá ser adiado

Anunciado durante a cerimónia de abertura da Web Summit, no dia 11 de novembro de 2024, por Luís Montenegro, o primeiro sistema de conversação através de Inteligência Artificial, denominado Amália – ou Amal.IA –, poderá agora estar em causa devido a atrasos nas contratações de todos os intervenientes no projeto.
"Estou a falar português para vos poder dizer, aqui e agora, em primeira mão, que no primeiro trimestre de 2025 vamos lançar um LLM [Large Language Model] português para inovarmos em português, preservando o nosso idioma e utilizando a nossa cultura ao serviço da inovação", disse Luís Montenegro na altura.
O primeiro-ministro admitiu ainda que o projeto teria uma versão beta já em 2025 e entraria em funcionamento completo em 2026, mas, segundo o *Público*, o Ministério da Juventude e Modernização terá revelado, na semana passada, que "o procedimento de contratação ainda está a ser preparado" pelo que "não existe envolvimento de quaisquer entidades privadas, como é o caso da Unbabel".
No projeto-base, a ideia era que o sistema fosse desenvolvido por um consórcio colaborativo de centros de investigação ligados a universidades de Lisboa (Faculdade de Ciências e Tecnologia da Nova e Instituto Superior Técnico, da Universidade de Lisboa), em articulação com a Fundação para a Ciência e a Tecnologia, o Centro para a IA Responsável e a Unbabel, sendo a Agência para a Modernização Administrativa a principal responsável pela execução operacional do projeto.
O desenvolvimento do Amália envolve um custo total de 10 a 20 milhões de euros e terá um financiamento de 5,5 milhões de euros do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR).

especialistas, mais "propagandista". E tal como acontece hoje nas redes sociais, as empresas que dominem estas tecnologias terão vantagens claras sobre os seus utilizadores. A IA é uma ferramenta poderosa de influência a todos os níveis e, para as grandes corporações, esse poder representa muito dinheiro.

EUROPA A REBOQUE

À semelhança dos planos criados nos EUA e na China, a União Europeia veio recentemente anunciar a criação de um pacote de 200 mil milhões de euros para investimento em Inteligência Artificial.

Cerca de 10% deste bolo será destinado às chamadas "gigafábricas" de IA, o que, segundo a Comissão Europeia, são necessárias para permitir o "desenvolvimento colaborativo" dos modelos de IA mais complexos.

"Vamos fazer este investimento através da nossa própria abordagem europeia – baseada na abertura, na cooperação e em excelentes talentos. Mas a nossa abordagem ainda precisa de ser reforçada. É por isso que, juntamente com os nossos Estados-membros e com os nossos parceiros, mobilizaremos capital sem precedentes através da InvestAI para gigafábricas europeias de IA", disse Ursula von der Leyen, presidente da Comissão Europeia.

O caminho pode ter começado a ser feito tardiamente, mas a União Europeia necessita de criar o seu lugar nesta nova tecnologia.

O primeiro passo está a ser feito com a criação de um quadro regulatório simplificado para esta tecnologia com o objetivo de "desbloquear todo o potencial da Europa no domínio da IA".

> **Juntamente com os nossos Estados-membros e com os nossos parceiros, mobilizaremos capital sem precedentes para gigafábricas europeias de IA", garante Ursula von der Leyen, presidente da Comissão Europeia**

Uma medida essencial para a Europa não perder definitivamente um lugar nesta corrida que, quer queiramos quer não, irá representar uma mudança radical na sociedade, na política e na economia.

E o poder de modelar a sociedade é uma arma tão poderosa que nenhuma das grandes potências se pode dar ao luxo de a perder. pcsantos@visao.pt

O seu negócio é juntar pessoas?

Ainda bem.

A Vodafone Business também pode ligar fornecedores, clientes, colaboradores e parceiros. Com as nossas Soluções Smart de Colaboração, que aumentam a produtividade, o seu negócio pode tudo.

vodafone.pt/business

Together we can

vodafone business

A Inteligência Artificial ao alcance de todos

Existem aplicações que usam a Inteligência Artificial para as mais variadas atividades, mas foi a Inteligência Artificial generativa, como os chamados chatbots, que acabou por massificar esta tecnologia. Atualmente, existem inúmeras opções no mercado, com diferentes características e capacidades. Eis algumas delas:

— POR PAULO M. SANTOS

CHATGPT
Foi a primeira aplicação a ser usada de forma gratuita e, assim que ganhou reputação internacional, muitas das empresas tecnológicas quiseram criar soluções semelhantes. Lançado em novembro de 2022 pela OpenAI, o ChatGPT consegue realizar inúmeras tarefas, como conversação ou resolver complicados problemas matemáticos.

No final do ano passado, já contava com mais de 200 milhões de utilizadores. Em janeiro deste ano, a aplicação criou o Operators, uma função que permite fazer compras online, marcar hotéis ou encomendar comida. No entanto, esta função apenas está disponível para os utilizadores Pro, ou seja, mediante uma mensalidade de 190 euros.

DEEPSEEK
Em apenas um mês, conseguiu mais de 40 milhões de novos utilizadores, tornando-a a aplicação de Inteligência Artificial com maior crescimento de sempre.

Além de ter a sua informação limitada até julho de 2024, a aplicação tem sido algo controversa. Primeiro, pelo algoritmo de autocensura que pode desvirtuar a conversação em temas como, por exemplo, a política chinesa.

Numa segunda fase, esteve envolvida em suspeitas sobre a forma como utilizava os dados pessoais dos seus subscritores, o que levou alguns países, como a Coreia do Sul, Austrália e Taiwan, a suspender o download da aplicação enquanto analisavam a forma como os dados eram processados.

GEMINI
A aplicação de Inteligência Artificial generativa da Google é considerada uma das melhores para apoio escolar. Por exemplo, em testes feitos com várias destas aplicações, foi pedido para serem criados exercícios com equações. Todas as aplicações deram exemplos, alguns apenas básicos, outros já com as respostas incluídas.

O Gemini não só mostrou o que era pedido como criou perguntas com vários níveis e ainda deu dicas sobre quais as melhores formas para colocar os problemas aos alunos, tornando-se uma ferramenta de muita utilidade para professores.

O Gemini está disponível de forma gratuita ou através de uma subscrição de 19,90 euros, por mês, no caso do Gemini Advance, que disponibiliza funcionalidades mais complexas.

COPILOT
Em fevereiro de 2023, a Microsoft revelou uma grande transformação no motor de busca Bing com a introdução de Inteligência Artificial. Em outubro, volta a fazer melhorias tornando a interação entre homem e computador mais simples, nomeadamente a capacidade de conversação, e dá-lhe o nome de Copilot. O sistema utiliza a tecnologia GPT-4 Turbo, ou seja, a similar à do ChatGPT, que funciona com GPT-4o.

Atualmente, a Microsoft está a integrar a Inteligência Artificial em todos os sistemas em que opera. Por exemplo, há alguns meses, lançou um novo plugin para smartphones na versão web do Copilot, o que permite aceder a conteúdos Android. Agora, prepara-se para introduzir o Copilot na consola de jogos Xbox, que irá dar conselhos durante os jogos ou gerir outras tarefas quando se termina ou começa um jogo.

META AI
"Este será o ano em que um assistente de IA, altamente inteligente e personalizado, alcançará mais de mil milhões de pessoas, e espero que a Meta AI seja esse assistente líder", disse Mark Zuckerberg em janeiro, durante a teleconferência para apresentação de resultados do quarto trimestre da empresa.

Atualmente, o Meta AI, ao contrário das ferramentas concorrentes de Inteligência Artificial generativa, está apenas disponível como um serviço opcional dos principais produtos da Meta, como o FaceBook, Whatsapp e Ins-

tagram, o que traz sérias limitações ao seu funcionamento.

A ideia da Meta é criar agora uma aplicação própria para Inteligência Artificial que funcionará como empresa separada. O lançamento deverá acontecer já no segundo trimestre deste ano e Zuckerberg está apostado em tornar-se líder mundial desta tecnologia até ao final de 2025.

QUARK
Pertence ao gigante chinês Alibaba e lançou recentemente uma nova versão da App que a torna um assistente de Inteligência Artificial completo, pois permite a função de Chatbot e a realização de pesquisas e pensamentos complexos, conseguindo realizar tarefas que vão desde pesquisa académica até à elaboração de documentos, geração de imagens, apresentações, diagnósticos médicos, planeamento de viagens e resolução de problemas.

"Este upgraded do Quark é só o começo. À medida que as capacidades do nosso modelo forem evoluindo, nós iremos ter uma aplicação que será uma porta de entrada para possibilidades inimagináveis, através da qual as pessoas poderão explorar praticamente tudo", disse Wu Jia, CEO da Quark e vice-presidente do Grupo Alibaba.

PERPLEXITY
É uma das aplicações mais usadas por estudantes ou profissionais de setores que necessitam saber de onde a informação foi obtida ou ter a certeza da sua veracidade. O sistema pesquisa a informação na internet em tempo real e utiliza posteriormente o seu modelo de Inteligência Artificial para converter os resultados num relatório fundamentado. Além disso, cita todas as fontes que usa na pesquisa. Como resultado, a aplicação fornece um documento extenso, que pode ter dezenas de páginas com tópicos elaborados, resumo e conclusão.

Esta forma de operar torna a aplicação mais lenta que alguns dos seus concorrentes. O Perplexity está disponível em versão gratuita, que é limitada a um determinado número de pesquisas diárias. Já a versão paga permite uma utilização ilimitada.

CLAUDE
Lançou a sua mais recente atualização, no final do ano passado, com a funcionalidade de "uso de computador" através do qual o assistente cumpre instruções complexas, sendo inclusive capaz de interagir diretamente com as aplicações do computador, como "olhar para o ecrã, mover o cursor, clicar em botões e escrever texto".

Criada pela empresa Antrophic, a Claude destacou-se pela sua capacidade de visão e de linguagem que permitem analisar ao detalhe todos os elementos de uma imagem, dando-lhe a possibilidade de, por exemplo, transcrever ao pormenor uma foto ou um gráfico.

Está disponível na versão gratuita, e nas pagas Pro e Team. A primeira é focada no uso de clientes individuais, enquanto a segunda visa o mercado empresarial.

TULU 3
Lançado pela Ai2, o Tulu 3 tem vindo a ganhar peso dentro do mercado da Inteligência Artificial generativa. Com uma abordagem inovadora para o desenvolvimento de IA, o Tulu 3 adota um design de código aberto que permite uma maior colaboração e escrutínio das fontes que utiliza para dar as suas respostas, tornando-o num sistema mais inclusivo e eficaz para um público em geral.

Com base nesta abordagem, a aplicação consegue explicar aos utilizadores como tomou a decisão para chegar a uma determinada resposta. Segundo a Ai2, esta interação permite uma maior clareza e ajuda a ganhar confiança por parte do utilizador, tornando-o um sistema mais justo, inclusivo, prático, ético e confiável.

ERNIE X1
Lançada no passado domingo, 16, é talvez a mais jovem aplicação para Inteligência Artificial disponível no mercado. Pertence à empresa chinesa Baidu, a líder de pesquisas na internet naquele país, e funciona de forma semelhante ao DeepSeek.

O seu modelo de raciocínio suporta várias ferramentas, incluindo pesquisa avançada, perguntas e respostas sobre documentos, entendimento da imagem, geração de imagens da IA, interpretação de código, leitura da página da web, entre outros. A Baidu pretende, a partir de 30 de junho, tornar a sua tecnologia Ernie em código aberto, o que poderá permitir a sua integração em outros serviços.

JASPER
Mais do que um chatbot de Inteligência Artificial, o Jasper é considerado uma das melhores ferramentas de escrita atualmente existentes. Utiliza processamento de linguagem natural e vai aprendendo à medida que interage com o utilizador. Para muitos profissionais, esta é a aplicação perfeita para pessoas que lidam com a criação de conteúdos, como técnicos de marketing, bloggers, entre outros.

Segundo os especialistas, os textos produzidos pelo Jasper são originais e exclusivos, sem qualquer tipo de plágio das fontes de informação a que recorre para a sua pesquisa profunda. A aplicação integra-se perfeitamente no Chrome ou no Edge, permitindo que as ferramentas de IA sejam utilizadas diretamente nos seus fluxos de trabalho.

CHATSONIC
Surgiu em 2023 e prometia, na altura, ser um dos principais concorrentes do ChatGTP. A empresa descreve-o como "o seu tudo-em-um chatbot de Inteligência Artificial, que combina outros modelos líderes (ChatGPT, Claude e Gemini) com soluções de marketing, como a Ahrefs ou a WordPress, para uma melhor produtividade. Pesquisa, criação e publicação de conteúdos serão mais fáceis com o Chatsonic, que é mais do que uma simples alternativa ao ChatGPT".

Atualmente, é mais utilizado pelos profissionais de marketing, devido às suas capacidades de eliminar tarefas corriqueiras, que acabam por consumir muitas horas aos trabalhadores deste setor.

Neil Lawrence, investigador de IA

“O poder passou para o mundo digital, para os engenheiros de software e para as grandes empresas tecnológicas”

Escreveu um livro onde denuncia o poder das oligarquias digitais, mas avisa que a culpa não é da IA. E que os medos existenciais apregoados por muitos não têm fundamento porque os humanos não vão ser substituídos pela tecnologia

— POR **CLARA TEIXEIRA** TEXTO **MARCOS BORGA** FOTOS

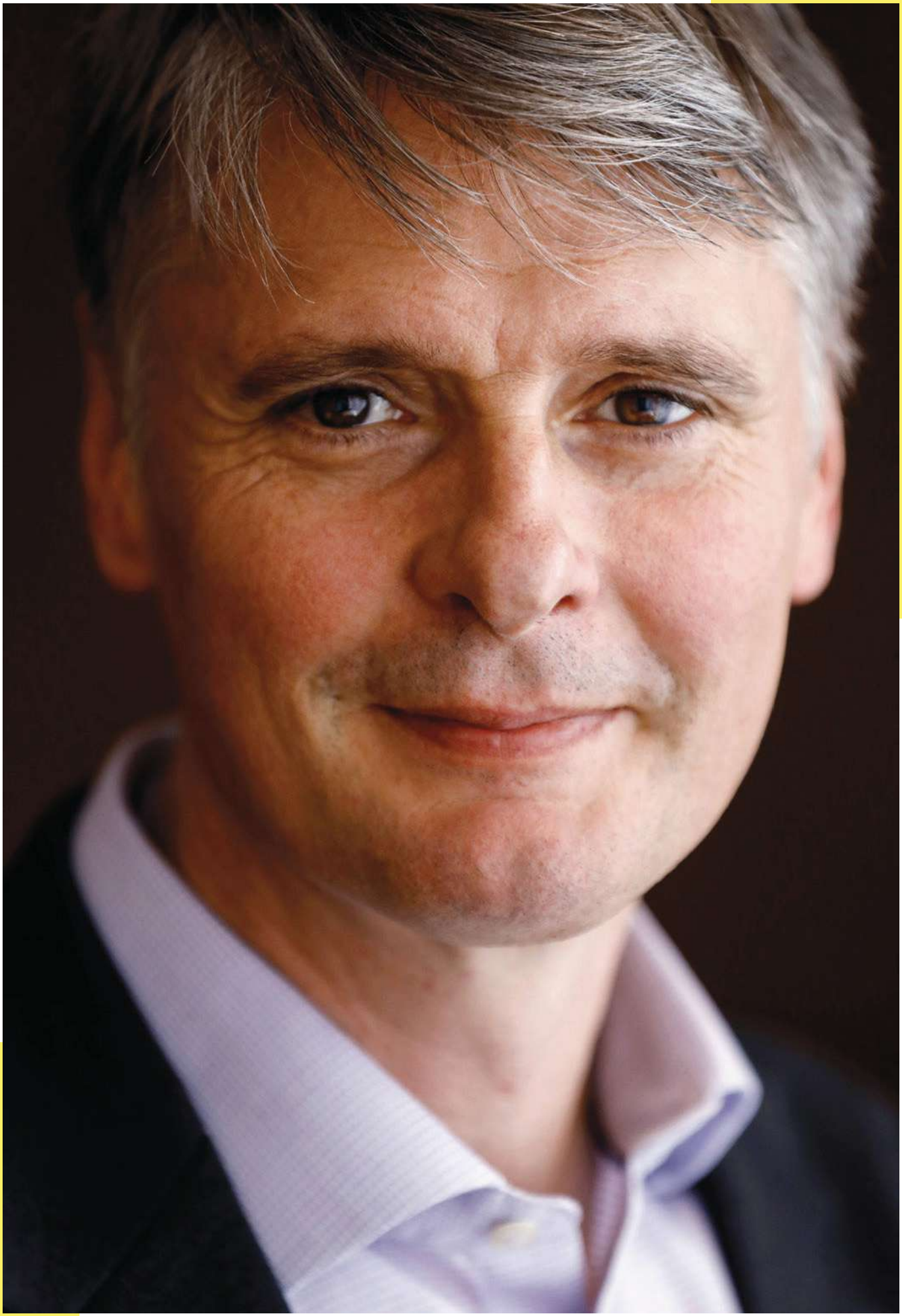
Professor catedrático de Inteligência Artificial na Universidade de Cambridge, investigador sénior no Alan Turing Institute, antigo diretor de machine learning (aprendizagem automática) na Amazon, Neil Lawrence tem focado a sua investigação na relação dos seres humanos com os grandes sistemas de Inteligência Artificial (IA). Escreveu o livro *Humano, Demasiado Humano – O que nos Torna Únicos na Era da Inteligência Artificial* (Gradiva) para contrariar as ideias “simplistas” sobre os riscos da IA e apontar o dedo às grandes empresas tecnológicas, as quais acusa de entrarem no jogo da ameaça existencial unicamente para protegerem os seus mercados. O investigador lamenta também que a regulamentação europeia seja “desajeitada” e feita por pessoas com conhecimento limitado da tecnologia.

Afirma, no livro, que os humanos não podem ser substituídos pela tecnologia. Mas não estaremos a criar algo mais inteligente do que nós, que possa escapar ao nosso controlo? A regulamentação é suficiente para nos proteger desse risco?
Já criámos, com as redes sociais. A ironia é essa. Não são mais inteligentes, mas têm muita informação sobre nós. Só por terem acesso a tanta informação, compreendem-nos, em alguns aspetos, melhor do que nós próprios. As pessoas presumem que não são um perigo, mas estão a prejudicar a nossa sociedade. Em vez de orientarmos a tecnologia para o benefício do cidadão, temos tentado ser os primeiros a regular, como se fosse uma questão de orgulho, e temos regulado de uma forma desajeitada, tanto na Europa como no Reino Unido. Na verdade, a incapacidade de compreender a nossa complexidade é a razão pela qual a regulação é tão desajeitada. Embora critique a pressa em legislar, também compreendo as razões dessa pressa. Mas o objetivo do legislador não é ser o primeiro a fazer alguma coisa. É uma tarefa muito mais complicada do que redigir uma lei. O poder já não está nas mãos das pessoas porque passou para o mundo digital, para os engenheiros de software e para as grandes empresas tecnológicas.

Em *Nexus*, Yuval Noah Harari descreve a IA como uma arma social de destruição em massa...
Sim...

Essa ameaça é maior agora que temos Trump de regresso à Casa Branca?
Harari cai na armadilha de pensar que isso tem algo a ver com a IA. Quando se olha para a tomada da administração civil por um corpo não eleito, não há IA a acontecer. É apenas tecnologia digital. Embora eu simpatize com Harari, acho que não podemos culpar a IA. No meu livro, refiro-me à oligarquia digital, algo para o qual ando a alertar há dez anos. As grandes empresas de tecnologia têm falado sobre estas questões, não por quererem destruir a sociedade, mas porque é do seu interesse usar os medos sobre a IA para nos distrair da legislação preparada para lidar com o seu poder, como a Regulamentação dos Mercados Digitais [na União Europeia]. O poder dessas empresas, assim como o poder de Donald Trump, não resultam da capacidade de fazer IA. Resultam do poder que historicamente construíram através de sistemas digitais sem IA.

Como vê a associação entre Donald Trump e Elon Musk, um multimilionário da tecnologia? Como é que esse novo poder ameaça a democracia?
A tendência não é de agora. Temos de olhar para o que o governo chinês fez em relação a Jack Ma [fundador do grupo Alibaba] e a outros multimilionários. Os chineses adotaram uma espécie de economia de mercado e também criaram oligarcas. Curiosamente, o mesmo aconteceu na Rússia, a partir da década de 1990, com o surgimento de uma classe de oligarcas. A natureza dos governos não é comparável, mas em ambos os casos houve um movimento para assimilar ou controlar a oligarquia. E isso foi feito de maneiras completamente diferentes. O que acontece agora nos EUA é muito interessante. Em 2019, participei numa cimeira entre França, EUA e China, que



foi desdobrada logo no início porque o representante do Departamento de Estado dos EUA disse que não colaborava com a China. Estava num painel com Edward Luce, correspondente do *Financial Times* em Washington, e ele disse-me algo que me ficou na memória.

E o que foi?
Disse-me que a posição dos norte-americanos nada tinha a ver com IA, mas sim com geopolítica global entre a China e os EUA. Era como o que tinha acontecido entre a Alemanha e a Grã-Bretanha na véspera da I Guerra Mundial, quando a Alemanha era uma potência em ascensão e a Grã-Bretanha se preocupava muito com isso. A questão levou-me a ler um livro de Brendan Simms, intitulado *Europa – A Luta pela Supremacia* [ed. portuguesa das Edições 70], sobre as lutas históricas em torno da governação dos países. Foi como se a política não fosse sobre as diferenças entre esquerda e direita, mas sim sobre as diferenças entre liberais democráticos e autocráticos. Se olharmos para a evolução da Europa nos últimos 500 anos, as lutas são feitas entre poderes mais autocráticos e poderes mais liberais democráticos. Nos EUA também é assim. A governação é, ou tem sido, liberal democrática, mas as grandes tecnológicas têm-se comportado autocraticamente. O alinhamento entre os oligarcas e o governo acontece tal como no passado sucedia entre a Companhia das Índias Orientais e o governo da Grã-Bretanha. São entidades separadas, mas há interconexões complexas entre elas. Há muitos precedentes no passado a ilustrarem porque é que as empresas não devem administrar países. O meu livro foi escrito há mais de um ano, mas alerta para este tipo de coisas. A minha expectativa é a de que Trump e Musk não vão desentender-se. É muito conveniente para ambos trabalharem juntos.

Humano, Demasiado Humano – O que nos Torna Únicos na Era da Inteligência Artificial (Gradiva). Um livro que pretende contrariar as ideias "simplistas" sobre os riscos da IA

> **O alinhamento entre os oligarcas e o governo acontece tal como no passado sucedia entre a Companhia das Índias Orientais e o governo da Grã-Bretanha. São entidades separadas, mas há interconexões complexas entre elas**

As cinco grandes empresas de tecnologia vão investir este ano 320 mil milhões de dólares em IA. Há semelhanças com a bolha das dot-com nos anos 2000?
Muito desse investimento em tecnologia vem das petroeconomias com excedentes comerciais. Esse dinheiro tem de ir para algum lugar. Em vez de ser distribuído pela economia, está a ser cada vez mais aplicado num setor, ou numa empresa, através do capital de risco ou do mercado bolsista. Sim, é uma forma da bolha. É uma aposta enorme num futuro distópico por parte dessas forças globais dos excedentes comerciais. Estamos a ver novas empresas a surgirem, algumas a sobreviverem, e estamos a apostar na ideia de que serão as futuras Amazon. E alguns desses investidores estão a obter retornos enormes. Só não é um esquema de pirâmide porque esta é uma tecnologia de transformação massiva. É potencialmente a tecnologia mais transformadora que já vimos. Mas, para ser usada em benefício da sociedade e dos cidadãos, precisa de apoiar as vidas e as ambições das pessoas, em linha com o que consideramos ser uma democracia. O jogo que está a ser feito pelas grandes tecnológicas, para protegerem o seu mercado, é o que potencialmente leva à distopia.

Já tem ideias para um próximo livro?
Tenho falado muito sobre coisas que estão longe da minha área de especialização técnica em IA. Há mais de dez anos que penso sobre como estes problemas estão a afetar a sociedade, e como o jogo das grandes tecnológicas pode levar à distopia. Este livro foi uma tentativa de corrigir o que considero ser uma conversa sobre eugenia, revisitando ideias extremamente perigosas e simplistas. Mas acho que estou fundamentalmente otimista.

É o que parece...
Às vezes, não tenho a certeza. Quando falo sobre os problemas, parece que sou pessimista. Sinto que se me tornar demasiado polémico, isso enfraquece a mensagem. Penso que devemos sempre acreditar, porque as coisas mudam muito rapidamente. Se não estivermos otimistas, não vão acontecer. A única ideia que consigo ter para um próximo livro seria dar um passo atrás e fazer algo técnico, até para me afastar destas discussões sobre as quais sinto uma frustração pessoal, mesmo no meu país. Os bons argumentos não estão a passar e estamos a tomar decisões extremamente tolas. Se pensar no que quero fazer a seguir, tem de ser algo que me distraia e que me faça focar em ideias académicas interessantes para não ter de me preocupar com o que Donald Trump vai fazer amanhã [*Risos*]. cteixeira@visao.pt

INCERTO MUNDO NOVO

Sofia Santos Machado

— Jurista

Enfrentar o algoritmo editor

Quem determina o que lemos, vimos e falamos?

Nos meios de comunicação tradicional, o editor seleciona os temas de acordo com uma linha editorial predefinida. Conhecemos e sabemos o que cada jornal, TV, revista ou rádio pretende veicular, promover ou defender.

No estudo mais recente do Eurobarometer (2023), embora a televisão seja referida como o meio preferencial de informação para os portugueses (70%), há 40% que afirmam utilizar os meios online e redes sociais para se informarem. Esses números acompanham a tendência que se verifica nos Estados Unidos da América e na União Europeia, sobretudo entre os mais jovens, os principais utilizadores das redes sociais.

As redes sociais ganharam predominância, mas sem que lhes fosse imposto divulgar a sua linha editorial, assegurar transparência e que o utilizador tenha acesso a diferentes opiniões sobre temas controversos.

O algoritmo escortina e ordena as notícias e opiniões nos nossos telemóveis, ajustando as mesmas às nossas preferências e aos nossos desejos e receios. É um editor privado e sem custos que nos conhece tão bem. Parece bom?

Infelizmente, não é.

O Facebook e demais plataformas vendem a nossa atenção aos comerciantes. Por isso, o incentivo que norteia a programação do algoritmo não é o de informar, elucidar e encontrar um entendimento comum, mas o de nos manter online o máximo de tempo possível. O algoritmo infere preferências e ordena conteúdos. E, ao fazê-lo, condiciona a atenção de cada indivíduo e... a sua opinião.

Os meios de comunicação tradicionais são também condicionados, pois, para surgirem na página pessoal, têm de necessariamente produzir conteúdos dos temas mais populares... na net.

Estamos assim num círculo vicioso, onde o risco é vivermos condenados a uma bolha onde só nos chegam ecos da nossa opinião inicial, reforçada, continuamente, por mais artigos e vídeos de conteúdo semelhante ou mais extremo.

O resultado é conhecido: sociedades polarizadas pelo discurso extremista.

Estatisticamente, é hoje claro que a inversão da tendência de democratização do planeta (que se havia seguido à queda do Muro de Berlim) se encontra diretamente relacionada com a penetração das redes sociais.

O exemplo mais gritante são os Estados Unidos da América, onde este ano, no index Polity – em que, numa escala de -10 (Autocracia) a 10 (Democracia Plena) –, o seu sistema soma apenas cinco pontos, classificando-se como Anocracia.

Mas é inevitável que assim seja? Não!

Como já vimos, é falacioso o argumento de que a tecnologia é neutra e não mais do que um espaço onde cada um pode livremente expressar a sua opinião.

A Europa já está a reagir. O Regulamento Europeu dos Serviços Digitais (que entrou em vigor em 2024) obriga as plataformas a adotarem medidas que assegurem a moderação de conteúdos e a eliminação de discursos de incitação ao ódio. E perante o anúncio do Facebook de que iria eliminar a sua divisão de Fact Check, a Comissão Europeia reagiu, afirmando que a lei é para cumprir. E tem instrumentos poderosos para o fazer, desde a suspensão da plataforma no Espaço Europeu a sanções de até 6% do volume de negócios mundial da plataforma incumpridora.

Tal como acontece em Taiwan, cada Estado europeu pode criar fóruns online para discussão de temas relevantes para cada comunidade, onde o algoritmo prioritiza opiniões que permitem construir posições comuns. E, com base nesses resultados, definir políticas e medidas (seja a nível local, nacional ou europeu).

Individualmente, está ao nosso alcance domar o algoritmo editor.

Comece, por exemplo, por desligar, no seu telemóvel, as opções automáticas nos parâmetros de recomendação. Não deixará de estar informado e os conteúdos serão certamente mais variados. visao@visao.pt

É hoje claro que a inversão da tendência de democratização do planeta (que se havia seguido à queda do Muro de Berlim) se encontra diretamente relacionada com a penetração das redes sociais

LEWIS HAMILTON

Conseguiu finalmente o seu Ferrari vermelho

Ao trocar a Mercedes pela equipa mais bem-sucedida da história da Fórmula 1, o britânico que igualou os títulos e bateu o recorde de vitórias de Michael Schumacher quer cimentar o seu estatuto de melhor piloto de todos os tempos. Com a Scuderia, na primeira prova do campeonato de 2025, na Austrália, ficou em 10º lugar. Mas ele garante que tem o caminho bem definido para chegar aonde quer

— POR SEAN GREGORY, EM LONDRES E MARANELLO (ITÁLIA)

TIME

No Dia dos Namorados, Lewis Hamilton entra num amplo estúdio no Noroeste de Londres e olha atentamente para uma magnífica criatura ao longe. "Merda", diz ele, para ninguém em particular. "Estou nervoso."

Em breve, porém, o sete vezes campeão mundial de Fórmula 1 supera a ansiedade e vê-se frente a frente com um cavalo preto brilhante chamado *Aroma*. Acaricia-lhe o nariz, massaja-lhe o pescoço e passa a mão por todo o pelo espesso do *Aroma*. Está a testar as suas alergias, razão do medo inicial. Mas Sir Lewis Hamilton, que é literalmente um cavaleiro [da Ordem do Império Britânico, a mais alta condecoração no Reino Unido], está apaixonado e faz imensas perguntas ao dono do cavalo. De onde veio o *Aroma*? (Portugal). Consegue dormir deitado? (Sim). Quanto pesa? (Cerca de 590 quilos – apenas umas centenas menos do que o carro de corrida de Hamilton.)

Hamilton está a arriscar a saúde para comemorar a sua tão badalada mudança da Mercedes, onde ganhou seis dos seus sete títulos de piloto de F1, para a venerada equipa de corridas Scuderia Ferrari HP: posa para uma fotografia em frente a um verdadeiro cavalo preto, empinado sobre as patas traseiras, imitando o famoso Cavallino Rampante, logótipo do construtor automóvel italiano.

Tal como Hamilton, o *Aroma* – que está reformado, mas ainda faz sessões fotográficas ocasionais – tem um currículo interessante, incluindo participações nos filmes *Robin dos Bosques* e *Maléfica*, em anúncios da Hermès e da Burberry, e num vídeo de Dua Lipa. A ele junta-se *Theo*, um cavalo de acrobacias que reconhecemos da série televisiva *Bridgerton*, por exemplo. "Esta será uma foto icónica", alegra-se Hamilton, enquanto experimenta a roupa para a sessão fotográfica. "Super intemporal."

Isto depende, é claro, do que virá depois. Aos 40 anos, Hamilton pretende não apenas conquistar o seu oitavo título – consolidando o estatuto de maior piloto de Fórmula 1 de todos os tempos e acabar com a mais longa seca de vitórias em campeonatos da equipa de corridas mais famosa do planeta. Também quer realizar o sonho de uma vida.

A mudança para a Ferrari, anunciada antes da temporada de 2024, foi uma notícia chocante de primeira página em todo o mundo: Hamilton vestiu a camisola da Mercedes durante mais de uma década, ali ajudou a construir uma força de trabalho mais diversificada e esperava um dia adquirir uma participação acionista na equipa. Parecia que iria cavalgar até ao pôr do sol com os Silver Arrows (Flechas de Prata).

Lewis Hamilton tinha outras ideias. "Não podia ficar parado durante muito tempo", explicou à *Time*, na sua primeira entrevista de fundo sobre a decisão de trocar a Mercedes pela Ferrari. "Precisava de me lançar, mais uma vez, em algo desconfortável. Francamente, pensei que havia esgotado todas as minhas primeiras experiências. O primeiro carro, o primeiro acidente, o primeiro encontro, o primeiro dia de aulas. A emoção que senti por esta ser a primeira vez com o fato vermelho, a primeira vez com a Ferrari. Uau! Sinceramente, nunca me senti tão entusiasmado."

Durante a temporada de F1 de 2024, Hamilton, por respeito à Mercedes – com a qual ainda tinha contrato e pela qual corria – não falou muito sobre a mudança. Era uma situação estranha e sem precedentes. (Imaginem LeBron James preparar a sua mudança para os Los Angeles Lakers sabendo que, no ano seguinte, iria jogar para um rival como os Boston Celtics. Exato. Isso nunca aconteceria.)

Todas as partes parecem ter lidado com isto da maneira mais profissional possível: em julho, Hamilton terminou uma série de 945 dias de derrotas ao vencer a corrida no seu país natal, em Silverstone, na Grã-Bretanha, antes de voltar a vencer na Bélgica, três semanas depois. Carlos Sainz, o piloto da Ferrari que Hamilton substituiu este ano, ajudou a Scuderia a terminar em segundo lugar na classificação de construtores, apenas alguns pontos abaixo da McLaren, a campeã em 2024.

Sonho Aos 40 anos, Hamilton pretende conquistar o seu oitavo título de campeão mundial

O REI DE TODOS OS REIS

O caminho de Hamilton para um recorde de títulos não será fácil. Alguns críticos questionaram a estratégia da Ferrari de contratar um piloto envelhecido, cujos melhores dias poderão já ter ficado para trás. Perguntam-se se a Ferrari está mais interessada em marketing do que em ganhar – Hamilton continua a ser, de longe, o piloto mais popular da F1, bem como uma figura cultural conhecida internacionalmente, com experiência em moda, cinema e negócios. (Será coanfitrião da Met Gala, no próximo dia 5 de maio, juntamente com Colman Domingo, Pharrell Williams, A$AP Rocky e Anna Wintour; LeBron James é o presidente honorário.)

Também não se pode excluir que vários pilotos mais jovens, como Max Verstappen, 27 anos, tetracampeão pela Red Bull; Lando Norris, de 25, da McLaren; e Charles LeClerc, de 27, o novo companheiro de equipa de Hamilton na Ferrari, possam mantê-lo fora do pódio. [No domingo, 16 de março, o britânico Norris bateu o neerlandês Verstappen por 0,895 segundos ao ganhar o Grande Prémio da Austrália, prova de abertura do Campeonato do Mundo, tornando-se o primeiro líder do Mundial de Pilotos. Hamilton, que saiu na oitava posição da grelha de partida, terminou em décimo lugar.] "Velho é um estado de espírito", frisa Hamilton. "Claro que o nosso corpo envelhece, mas eu nunca serei um homem velho."

O campeonato de 2025, que começou em Melbourne, está repleto de intrigas. E Hamilton está no epicentro. A Ferrari é uma religião em Itália. Quando a equipa vence uma corrida de F1, repicam em celebração os sinos da Paróquia de Maranello, pequena cidade perto de Bolonha que alberga a sede da Ferrari. Assim, a busca de Hamilton para acabar com a agonia da Ferrari, ao mesmo tempo que bate o recorde estabelecido por Schumacher – que conquistou cinco títulos consecutivos com a Ferrari, de 2000 a 2004 –, terá de ser um espetáculo para se ver ao vivo.

Entretanto, Lewis Hamilton está a produzir, com Jerry Bruckheimer e outros, um filme sobre a Fórmula 1, com o nome apropriado de *F1*, que é, quase literalmente, um veículo de Brad Pitt. O filme, que se estreará em junho próximo, e mais uma corrida competitiva para o campeonato poderão dar maior popularidade a este desporto, especialmente nos Estados Unidos da América, onde a F1 cresceu, mas estagnou um pouco, dado o domínio agora previsível de Verstappen.

Se Hamilton vencer o campeonato de vermelho, no crepúsculo da sua carreira como piloto, isso seria nada mais nada menos do que um dos maiores momentos *mic drop* [sinal de triunfo] da história do desporto. "Não sei se consigo encontrar um adjetivo para qualificar isto", diz a lenda do automobilismo americano Mario Andretti, campeão de F1 em 1978, que correu pela Ferrari no início dos anos 1970. "Não falta nada no percurso de Hamilton. Mas qual a melhor maneira de descrever a sua carreira se tal acontecesse? Oh, meu Deus, ele seria o rei de todos os reis."

Duas semanas antes da sessão fotográfica com o cavalo *Aroma*, Hamilton está a lançar bolas de golfe para um simulador, num clube nas margens do rio Tamisa. (Tem um pronunciado *slice* [voo da bola quando vira demasiado para a direita.]) Hoje em dia, não joga muito golfe, mas Hamilton sendo Hamilton – um homem que aproveitou ao máximo as formas de jet set deste desporto para se tornar um dos mais destacados colecionadores de pessoas influentes do mundo –, jogou uma última partida com o ator Tom Holland, conhecido como "Homem Aranha". Outros parceiros no golfe são o também ator Samuel L. Jackson e Kelly Slater, "o melhor surfista de todos os tempos". Era suposto ter jogado uma vez com outro G.O.A.T. [Greatest of All Times], a estrela de basquetebol Michael Jordan, mas quando Hamilton chegou ao campo, diz ele, Jordan "já não estava lá".

Enquanto damos algumas tacadas, pergunto a Hamilton se já viu a TGL (The Golf League), a competição de golfe indoor fundada por Tiger Woods e Rory McIlroy, que acaba de lançar a sua primeira temporada nos Estados Unidos. Explico algumas particularidades – é uma liga de equipas, os jogos são transmitidos semanalmente pela estação ESPN – até lhe parecer familiar. Só que Hamilton está envolvido em tantos projetos – filmes, arte, coleções de moda, a [equipa profissional de futebol americano] Denver Brooks, uma empresa de alimentos para animais de estimação, uma cadeia de hambúrgueres vegetais promovida por Leonardo DiCaprio – que não se consegue lembrar se entrou com algum dinheiro para este novo negócio. "Talvez eu tenha investido", diz, rindo-se. (E investiu.)

Hamilton faz uma pausa no golfe, reclina-se num sofá e pede um café com leite antes de contar a história de como chegou a este momento. Tudo começou há muito tempo, quando era um miúdo a crescer num bairro social a norte de Londres. Ainda tem gravadas as suas primeiras memórias da Ferrari. Conduzia o carro de Schumacher em corridas de jogos de vídeo. A réplica da Ferrari apresentada no filme *O Rei dos Gazeteiros* [*Ferris Bueller's Day Off*, no original] – o 250 GT California Spyder, de 1961– continua a ser, até hoje, o favorito de Hamilton. "É o melhor carro para gozar a reforma", brinca. "Vejo-me com o *Roscoe*, ele com lenço e óculos de proteção, no banco ao

"Precisava de me lançar, mais uma vez, em algo desconfortável. Sinceramente, nunca me senti tão entusiasmado"

Ícone Hamilton continua a ser, de longe, o piloto mais popular da F1, bem como uma figura cultural conhecida internacionalmente

meu lado, a conduzir pela PCH [Pacific Coast Highway]." (*Roscoe*, o buldogue de Hamilton – que, tal como o dono, é vegan –, tem uma conta no Instagram com 1,1 milhões de seguidores.)

A McLaren contratou Lewis Hamilton como seu piloto em 1998, quando ele tinha 13 anos. Em 2006, Hamilton venceu o campeonato do que é hoje a Fórmula 2. "Já havia um pouco de vermelho no meu capacete", observa ele. Nessa temporada de F2, e na anterior F3, Hamilton corria sob a direção do chefe da equipa, Frédéric Vasseur, cujo estilo de gestão e a capacidade de recrutar os melhores talentos da engenharia de topo para os escalões inferiores impressionaram o jovem piloto. Hamilton imaginou que, um dia, Vasseur seria líder da F1.

Hamilton ganhou um primeiro campeonato de F1 em 2008, a sua segunda temporada com a McLaren. Competiu com este construtor britânico mais quatro temporadas antes de saltar, em 2013, para a alemã Mercedes, uma equipa mediana que Hamilton elevou ao auge do campeonato. Apesar de tudo, o piloto foi mantendo sempre relações cordiais com a liderança da Ferrari. Passava pela garagem da Scuderia durante as corridas, dizia *ciao* aos mecânicos e ouvia-os dizem *vieni Ferrari* ("Vem para a Ferrari"). Por volta de 2018, Hamilton reuniu-se com o presidente da Ferrari, John Elkann. Ambos manifestaram o desejo de ver Hamilton de vermelho. Mas, no final da temporada de 2020, Hamilton havia conquistado quatro campeonatos consecutivos com a Mercedes. Não tinha motivos para abandonar o barco. "Para ser realmente honesto, conformei-me com o facto de, provavelmente, não ir correr pela Ferrari", conta. "Sentia-me bem assim."

O MAIOR SONHO

Após a temporada de 2021, Hamilton quase abandonou as corridas. Ele, e milhões dos seus fãs, sentiram que o seu oitavo recorde de piloto lhe foi roubado quando, durante a última corrida do ano, em Abu Dhabi, nos Emirados Árabes Unidos, a decisão polémica do diretor da corrida, Michael Masi, permitiu a Verstappen ultrapassar Hamilton na última volta e conquistar o seu primeiro título.

Hamilton acabou por desistir sem dar luta [a FIA reconheceria depois "um erro humano"], mas não conseguiu ganhar uma única corrida enquanto Verstappen conquistava mais dois campeonatos. Hamilton assinaria uma extensão por dois anos do contrato com a Mercedes, no verão de 2023, mas o acordo permitiu-lhe a opção de sair ao fim de um ano.

Em 2016, cumprindo-se a profecia de Hamilton, o seu treinador de facto nas categorias F2 e F3, Frédéric Vasseur, assumiu o controlo de uma equipa de F1 e, antes da temporada de 2023, foi contratado para um novo cargo de chefe de equipa – na Ferrari. Vasseur ficou a saber da opção de saída no novo contrato de Hamilton – "ele contou-me, a dada altura" – e, perante as "boas notícias", exprimiu interesse em assinar um acordo com o piloto britânico antes da temporada de 2024.

Vasseur queria que os pilotos que contratara no ano passado – LeClerc e Sainz – não fossem alvo de rumores sobre o seu estatuto. Assim, num dia em que estava em sua casa no Colorado, em dezembro de 2023, Hamilton recebeu um telefonema de Vasseur a pedir-lhe que se juntasse à Ferrari a partir de 2025. "Lembro-me de desligar o telefone quase a tremer", revela Hamilton, que agora também quase estremece ao recordar aquele momento. "Eu exclamava: 'Oh, meu Deus!'"

Hamilton conversou sobre o telefonema com um amigo que estava com ele; em choque, os dois ficaram sentados em silêncio, no chão da casa de banho. "Eu senti-me tipo, que merda, ainda agora assinei com a Mercedes", adianta Hamilton. Romper com uma equipa que era quase família estava longe de ser uma decisão fácil. E ele não teve muito tempo para decidir. "Era muita coisa para digerir e as minhas emoções estavam ao rubro. Por isso, honestamente, tive de ir dar uma volta." Saiu de casa durante uma hora para descomprimir e, depois, passou alguns dias a meditar.

Inclinava-se para a Ferrari. "Sentia-me calmo, esta é a coisa certa para mim", diz. Quando trocou a McLaren pela Mercedes, Hamilton pediu demasiados conselhos. Desta vez, conversou apenas com alguns familiares e amigos de confiança. "Não se pode ignorar a influência da Ferrari no desporto, sobretudo aos olhos de uma criança", salienta Mellody Hobson, co-CEO da Ariel Investments e ex-presidente do conselho de administração da Starbucks, que é muito próxima de Hamilton. Durante as negociações, após cada telefonema com a Ferrari, ele saltava como uma criança.

"Estamos num tempo de reimaginar o futuro, de reimaginar o que significa realmente sonhar", realça Hamilton. "Vou para a Ferrari, pá, e isto é o maior sonho."

Nem toda a gente ficou entusiasmada. Um dia depois de informar o chefe de equipa da Mercedes, Toto Wolff, sobre a sua decisão, realizou-se o passeio anual de paintball com os mecânicos da equipa de Hamilton. Quando ele chegou, estava demasiado nervoso para sair do carro. "Eram tipos com quem eu trabalhava há muitos anos", diz Hamilton. Acabou por se sentar sobre uma mesa para comunicar a sua decisão. A equipa pareceu-lhe compreensiva e solidária. Mas vingou-se dele no paintball. "Pintaram-me com toda a força", queixa-se. "Foi tão doloroso!" A certa altura, estava escondido atrás de um barril a disparar [bolas de tinta] sobre outra equipa quando foi atingido por trás. Um membro da sua própria equipa acertou-lhe em cheio. "Um gajo tramado!"

Mais tarde, todos se riram do sucedido e superaram juntos a temporada. "Não há rancor", garante Hamilton. "De maneira nenhuma. Ganhámos tantos campeonatos." (A Mercedes recusou fazer comentários para este artigo)

Andrea Kimi Antonelli, um jovem de 18 anos, natural de Bolonha, ocupa agora o lugar de Hamilton na equipa titular da Mercedes. "Eles têm todos os ingredientes para vencer campeonatos do mundo e vão ganhar mais campeonatos do mundo", assegura Hamilton, referindo-se à Mercedes. "Não tenho dúvidas."

O PROBLEMA DO RACISMO

Num livro publicado em novembro, *Inside Mercedes F1 – Life in the Fast Lane*, Toto Wolff afirma que a decisão de Hamilton ajudou a empresa: "Porque evitou o momento em que temos de dizer ao piloto mais icónico que queremos parar. (...) Estamos num desporto onde a destreza cognitiva é extremamente importante, e acredito que todos têm um prazo de validade."

Estes comentários causaram polémica, o que levou Wolff a esclarecer que Hamilton ainda é "muito perspicaz". Hamilton garante que o comentário do chefe da equipa da Mercedes não o incomodou e referiu atletas como Tom Brady e LeBron James que alcançaram o sucesso aos 40 anos. "Nunca me comparem com ninguém", recomenda. "Sou o primeiro e único piloto negro que alguma vez praticou este desporto. Nasci diferente. Passei por muita coisa. Sigo o meu caminho. Não podem comparar-me com outro piloto de Fórmula 1 de 40 anos, do passado ou do presente, na história. Porque não são nada como eu. Eu tenho uma grande motivação. Não tenho mulher nem filhos. Estou focado numa coisa: ganhar. Essa é a minha prioridade número 1."

Hamilton também rejeita as críticas da comunidade automobilística em geral. Eddie Jordan, antigo proprietário de uma equipa de F1, disse num podcast, em dezembro último, que seria "absolutamente suicida" a Ferrari retirar Sainz da equipa, dada a forte relação de trabalho entre ele e LeClerc. (Sainz corre agora pela Williams.)

"Sempre reagi bem à negatividade", diz Hamilton. "Nunca respondo a nenhum dos homens mais velhos e, geralmente brancos, que comentam a minha carreira e dão conselhos sobre o que eu deveria estar a fazer. O modo como aparecemos, como nos apresentamos, como agimos, vai dissipando isso lentamente."

Outros, entre eles Jacky Ickx, antigo piloto da Ferrari, sugeriram que a Scuderia contratou Hamilton principalmente pelo seu valor comercial. "Acho realmente injusto, para Lewis, alguns comentários alegando que esta é uma operação de marketing", criticou John Elkann, o presidente da Ferrari. "Verdade seja dita, Lewis não precisa disto. A Ferrari não precisa disto. Do que precisamos é de ganhar campeonatos e fazer grandes coisas na pista. Se isso acontecer, o que fizermos fora da pista resolve-se por si só. As possibilidades são ilimitadas."

A pressão, interna e externa, que Hamilton enfrenta é imensa. Nenhuma equipa de F1 possui mais títulos de construtores do que a Ferrari, mas a última vitória foi em 2008. A Ferrari também detém o recorde de pilotos (15), mas o último a ganhar um título individual foi Kimi Räikkönen, em 2007. Os fãs da Ferrari são tão apaixonados que têm o seu próprio nome: tifosi. No Museu da Ferrari, há peregrinos que não contêm as lágrimas ou que fazem pedidos de casamento na Sala das Vitórias, onde estão expostos os carros das equipas em campeonatos e mais de 100 troféus.

Numa noite, no início de fevereiro, Andres Puttini, vendedor de materiais de construção natural de Nápoles, está a fumar com gosto à porta do Ristorante Montana, que exibe um tesouro de memorabilia da Ferrari na sua sala de jantar. "Em Itália, dizemos que não é importante dizer bem ou mal de uma coisa", explica Puttini. "Importante é falar sobre isso. E Hamilton, só por

"Eu tenho uma grande motivação. Não tenho mulher nem filhos. Estou focado numa coisa: ganhar. Essa é a minha prioridade número 1"

estar aqui, permite-nos falar da Ferrari a todo o mundo."

Hamilton relacionou-se com o maior número possível de novos colegas de trabalho na primeira visita que fez a Maranello, em janeiro. Deu apertos de mão até o braço latejar. "Disse tantos *ciaos*, *grazies* e *piaceres*!", conta. Após a primeira corrida de teste, saiu para cumprimentar os adeptos alinhados junto a uma ponte com vista para a pista privada da Ferrari. Algumas semanas depois, um deles, vestido com uma camisola vermelha da Ferrari e um chapéu de cowboy, cortou uma árvore para permitir que os tifosi assistissem a um treino de Hamilton.

Lewis Hamilton viu-se pela primeira vez num fato Ferrari quando se encontrava, imagine-se, numa casa de banho. Lavava as mãos, olhou-se ao espelho e pensou: "Estou vestido de vermelho, uau!" Parou por um instante para apreciar o reflexo. Gostou do que viu. "O fato assentava-me tão bem!", ri-se. Pensei: "Porra!" Ao sentar-se pela primeira vez num carro de corrida da Ferrari, fechou os olhos quando o motor arrancou e também sorriu. "As vibrações são diferentes", constata. Deixou-as percorrer o seu corpo. "Perguntamo-nos apenas qual é a sensação." Agora já sabe. "É um momento muito, muito, especial."

Ainda assim, Hamilton também sabe que alguns adeptos italianos nem sempre foram muito recetivos a atletas negros como ele. Competiu em corridas de karting quando era mais novo, começando por volta dos 12 anos, e sofreu abusos racistas, como acontecia em Inglaterra. Prefere não entrar em pormenores. "Não quero alongar-me." Mas ouviu cânticos racistas dirigidos especialmente a jogadores de futebol negros. "Não vou mentir, certamente que isto me passou pela cabeça enquanto refletia sobre a minha decisão", admite. "Como em tantas outras coisas, por vezes é um grupo pequeno de pessoas que define a tendência para muitas outras. Não creio que vá ser um problema."

A diversidade da Ferrari – ou a falta dela – era a preocupação mais premente de Hamilton. Na sequência do assassínio de George Floyd, em 2020, por um agente da polícia dos EUA, e como parte de um movimento mundial de protesto contra a injustiça racial, o piloto britânico criou a Hamilton Commission para recomendar mais representação negra no desporto automóvel no Reino Unido. A Mercedes lançou a sua própria iniciativa de diversidade, nos meses seguintes, e começou a contratar pessoas de grupos sub-representados, designadamente engenheiros negros. "Pensei: 'Oh, meu Deus, finalmente tenho o ambiente de trabalho mais diversificado dos últimos tempos'", salienta Hamilton. "Agora, estou a voltar ao início do meu tempo na Mercedes, quando não havia diversidade."

Em conjunto com todas as outras equipas da F1, a Ferrari assinou uma carta de diversidade e inclusão, em novembro de 2024. Embora a nova Administração Trump faça questão de atacar a diversidade – o Presidente dos EUA assinou várias ordens executivas que visam os programas DEI (diversidade, equidade e inclusão) –, Hamilton mantém-se firme. "Não vou mudar o que ele faz ou o que o governo faz. O que posso fazer é tentar garantir que, no meu espaço, no meu ambiente, estou a tentar elevar as pessoas", realça. "Haverá forças, ao longo do caminho, que não querem isto, por alguma razão que não consigo compreender, mas isso não é um impedimento para mim. É uma luta que continuarei a travar." Hamilton confia que a Ferrari também estará empenhada na inclusão.

BRAD PITT E "F1"

Isto é importante, concorda Frédéric Vasseur, mas não é o seu principal objetivo, avisa o novo chefe de Hamilton,

"Sou o primeiro e único piloto negro que alguma vez praticou este desporto. Nasci diferente. Passei por muita coisa. Sigo o meu caminho"

Austrália No primeiro Grande Prémio da temporada, a Ferrari ainda ficou longe do pódio

no escritório da sede da Ferrari, onde os segredos comerciais são tão bem guardados que os visitantes devem tapar com autocolantes (vermelhos, obviamente) as câmaras dos seus telemóveis. "Não é politicamente correto, mas primeiro está o desempenho", justifica. "Anseio seguir o caminho da diversidade, e assim por adiante. Estamos a dar o nosso melhor. Tentamos avançar nessa direção, mas o que pretendo é formar a melhor equipa."

Mostro a Vasseur, que nasceu em França, uma fotografia que encontrei na internet: vemo-lo, a ele, e a Hamilton, há cerca de 20 anos, a celebrar uma vitória. Mostra-me também algumas fotografias no seu telemóvel, dos filhos, já adultos, com Hamilton. O chefe está a apreciar este passeio pela estrada da memória. Mas alerta: "Não podemos ser sentimentais."

Mudar de equipa é difícil para qualquer piloto. O volante, o cockpit, a terminologia, tudo é diferente. "Estou, basicamente, a aprender tudo de novo", reconhece Hamilton. Os regulamentos da F1 permitem um tempo limitado para adaptação ao novo carro. Graças às aulas de italiano, Hamilton tem feito progressos, mas ainda não é fluente. Na sua primeira temporada com a Mercedes, precisou de mais de quatro meses para ganhar uma corrida.

O que dá a Vasseur a confiança de que Hamilton irá acelerar na curva da aprendizagem? "Poderia responder como se eu fosse um livro e dar-vos o que querem escrever", responde. "Mas, no final do dia, nesta parte da temporada, a sensação, a primeira vez, blá, blá, blá, não será nada quando comparada com a primeira corrida na Austrália. Esqueceremos tudo o que aconteceu antes. É tudo uma questão de pura performance." [Na primeira prova do campeonato de 2025, em Melbourne, ao ficar em 10º lugar e somando apenas um ponto, Hamilton teve "a segunda pior estreia pela Ferrari no século XXI, ficando atrás do colega de equipa Le-Clerc, na 8ª posição".]

Embora Lewis Hamilton jure devoção à Ferrari, a sua agenda continua bastante preenchida. Frequentador assíduo da Semana da Moda e das passadeiras vermelhas, tem a sua própria produtora, uma linha Dior e outros projetos. Diz que está na fase preliminar de desenvolvimento de guiões para uma comédia – que não envolve corridas – e um filme sobre animais de estimação. (Não adianta mais.) A maior novidade no horizonte, além, naturalmente, das 24 corridas do Grande Prémio da temporada 2025, é o próximo filme, *F1*.

Tom Cruise começou por apresentar Hamilton ao realizador Joseph Kosinski porque Hamilton demonstrara interesse em participar em *Top Gun: Maverick*. Kosinski estava disposto a contratá-lo, mas Hamilton ainda disputava campeonatos pela Mercedes e não podia dar-se ao luxo de se comprometer com tempo. Cruise organizou para Hamilton, em Londres, a exibição do seu filme – que arrecadou 1 500 milhões de dólares em todo o mundo quando se estreou em 2022. "Fiquei a chorar um pouquinho por dentro", confessa o piloto. "Ah, podia ter sido eu!" Assim, quando Kosinski ligou para lhe falar do projeto do *F1*, Hamilton aproveitou a oportunidade de ser produtor.

No início do processo, Brad Pitt, que no filme interpreta um piloto veterano de F1, foi passear com Hamilton numa pista perto de Los Angeles. "Numa só volta, ele pregou a Brad o susto de uma vida", revela Kosinski. "Brad arranhava as janelas, implorando para que o deixassem sair."

Hamilton também ajudou a selecionar o restante elenco e deu feedback instrutivo. "Os seus conselhos são muito pormenorizados", faz questão de sublinhar Jerry Bruckheimer. "Quando entras na próxima curva, se o carro vai em segunda velocidade, já devia estar em terceira. Eu consigo ouvir. Consigo ouvir o som."

Hamilton convenceu Hans Zimmer, compositor de *O Rei Leão*, *Gladiador*, *Duna* e outros êxitos, a fazer a banda sonora. A sua relação próxima com o CEO da F1, Stefano Domenicali, antigo diretor da equipa Ferrari, ajudou os realizadores a ter acesso às pistas e corridas de F1 para filmarem cenas. "Ele abriu-nos todas as portas deste mundo", elogia Kosinski. "Não teríamos sido capazes de fazer isto sem ele."

A previsão de Lewis Hamilton é a de que *F1* será um êxito de bilheteira. "Vai acabar com tudo o que foi feito antes sobre a Fórmula 1", assevera Hamilton. A série documental da Netflix acerca dos bastidores da Fórmula 1, *Drive to Survive*, mereceu o devido crédito por expandir a popularidade deste desporto, em particular nos EUA. Hamilton acredita que o seu filme *F1* obrigará os espectadores de todas as origens a tornarem-se fãs, ou até mesmo a seguirem uma carreira na F1.

"A [série da] Netflix é enorme", diz Hamilton. "Este filme será ainda maior, a uma escala mais global." Embora *F1* não possa ser considerado um filme de arte – "não pretendíamos fazer um filme vencedor de um Oscar" –, anota Hamilton, ele promete uma experiência memorável. "O objetivo é fazer com que as pessoas se sintam bem, queremos atraí-las, inspirá-las. Queremos que saiam do cinema e pensem: 'Uau, isto foi mesmo marado.'"

Mesmo com a criatividade ao rubro, Hamilton está mais determinado do que nunca a continuar as corridas. Por outras palavras, ao contrário do cavalo *Aroma*, cuja presença não ativou, aparentemente, as alergias de Hamilton, o piloto britânico não tem planos para abrandar. "A reforma não está no meu radar", frisa. "Posso ficar aqui até aos 50 anos, quem sabe?"

Lewis Hamilton acredita que ele e LeClerc são a dupla mais forte da modalidade e que Verstappen é "absolutamente" vencível. "Sei exatamente onde está a Estrela Polar. Sei para onde preciso de ir. Sei como lá chegar. É longe e será difícil, mas sei que tenho todos os ingredientes, todas as pessoas, uma equipa fantástica à minha volta. O que importa é quanto queremos isto. E não consigo exprimir o quanto quero isto."

visao@visao.pt

TIME
© 2025, TIME Inc. Todos os direitos reservados.
Traduzido da TIME Magazine
e publicado com autorização da TIME Inc.

26 IDEIAS PARA COMBATER O RESSENTIMENTO

Como melhorar a emoção individual e coletiva, com impactos sociais e políticos, que causa frustração e indignação? Historiadores, sociólogos, académicos, analistas, pensadores e comunicadores respondem

— POR MAFALDA ANJOS

JORNALISTA E AUTORA DO PROGRAMA "ANATOMIA DO RESSENTIMENTO" NA ANTENA 1

No início dos anos 90, parecia encontrada a fórmula ideal para uma organização social próspera e satisfatória. Juntava a paz, a democracia e o capitalismo numa combinação tão promissora que o politólogo Francis Fukuyama chamou-lhe mesmo o "fim da História".
Duas décadas depois, ficou claro que este casamento feliz não duraria para sempre ou, pelo menos, passaria por crises intensas. A ideia de fim da História era, mais do que otimista, um tiro ao lado.
A emoção do ressentimento, uma certa ideia de frustração e de deceção com as respostas que o sistema capitalista democrático entregou a grande parte das populações, catapultou uma crescente exigência de dignidade. Sendo um combustível poderoso, com impactos profundos na nossa sociedade e na nossa vida pública, estava aqui encontrado um filão aproveitado por muitos, que procuraram ser os porta-vozes deste descontentamento.
No programa *Anatomia do Ressentimento*, emitido na Antena 1 e disponível nas plataformas de podcast habituais, procurou-se "dissecar" esta emoção que perpassa pelas sociedades, e tentar perceber melhor as suas causas e os efeitos psicológicos, sociais e políticos. No final de cada episódio, os 26 convidados – com formações, experiências e ocupações muito distintas – deixaram ideias singelas para combater o ressentimento. Aqui estão elas.

1 ANDRÉ TEODÓSIO
Ator, escritor e encenador

"Gosto pelo desconhecido"

"A minha sugestão é saber ter surpresa sobre o desconhecido, uma pessoa desconhecida, uma obra de arte desconhecida, filtrando informações válidas sobre aquilo que estamos a pensar e sobre aquilo que estamos a ver. Cultivar o gosto por se deixar surpreender, não querer ter segurança em relação a esse desconhecido, deixar-se ir nesse desconhecido... seja um poema, seja um filme, seja um grupo de pessoas que está na nossa rua."

2 ANDREIA GALVÃO
Ativista climática, estudantil e antirracista e uma porta-voz do movimento Vida Justa

"Falar mais"

"O oposto de solidão é comunidade. Neste momento, em que as pessoas atravessam tantos desafios, é sempre bom percebermos que, qualquer coisa que seja, há sempre outras pessoas a passar pelo mesmo. Seja na nossa família, seja no nosso grupo de amigos, sejam as pessoas que encontramos na política ou no trabalho. Penso que precisamos de falar mais e de olhar um bocadinho mais pelas pessoas que estão à nossa volta."

3 ANTÓNIO ARAÚJO
Historiador e diretor de publicações da Fundação Francisco Manuel dos Santos

"Ler mais"

"Promover a leitura e promover também a Ciência e a divulgação de factos objetivos, de informação. As forças extremistas, de um lado ou do outro, gostam muito de se enredar nestas questões de guerras culturais, que já pertencem um bocadinho ao mundo de ontem. Ler livros, ler jornais, é uma forma de as pessoas começarem a perceber um pouco o mundo em que vivem."

4 ANTÓNIO BRITO GUTERRES
Assistente social e especialista em estudos urbanos

"Melhores serviços para todos"

"Melhores políticas públicas para todos. Melhores serviços para todos. Porque nos últimos anos, desde a austeridade, isto também tem contribuído para criar tensão entre grupos e tem fortalecido a questão do outro. A infelicidade geral de nós todos tem contribuído para nos dividirmos. Quanto melhor estivermos todos, mais disponíveis estamos também para que cheguem outros, e para considerar coletivamente todos."

5 ANTÓNIO COSTA PINTO

Politólogo e Professor convidado no ISCTE

"Devolução de bens sociais"

"Combater o ressentimento passa fundamentalmente por dois aspetos. Ao Estado, voltar num certo sentido à sociedade e à devolução de bens sociais. Aos partidos políticos, exatamente o mesmo."

6 BERNARDO PIRES DE LIMA

Especialista em relações internacionais e ciência política e conselheiro político do Presidente do Conselho Europeu

"Mais fazedores"

"Um programa praticável pelos líderes políticos responsáveis e maduros e moderados, de grande empatia com os cidadãos, ou seja, mais presença no terreno, serem mais ouvintes, serem mais fazedores do que faladores, terem uma noção de que há zonas do território nacional, europeu, por visitar. Há partes incríveis da Europa esquecida que têm um ressentimento próprio que vai acumulando e que depois se expressa muitas vezes em movimentos e partidos que querem outra coisa: destruir a convivência social e o saudável debate democrático. Sugeria que se regressasse ao terreno com uma mensagem de esperança com as pessoas, associando-se sempre a uma grande eficácia das políticas públicas, que precisam de monitorização, valorização e grande critério na sua aplicação."

7 CATARINA REIS DE OLIVEIRA

Professora auxiliar no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa e especialista em migrações

"No lugar do outro"

"É colocarmo-nos no lugar do outro. Portugal é um país de emigração. Bastava recordar a nossa experiência como emigrantes para pensar nos imigrantes que hoje recebemos."

8 DULCE MARIA CARDOSO

Escritora

"Rendimento básico incondicional"

"Sou há muito tempo defensora do rendimento básico incondicional, porque acho que todos nascemos com as mesmas necessidades, mas nem todos nascemos com as mesmas capacidades. Uma coisa sabemos: o trabalho, o bom trabalho, o trabalho que paga, que remunera dignamente está a escassear, e portanto, como acredito que todos nós temos direito a uma vida digna, creio que isso poderia ajudar a uma sociedade mais justa."

9 FILIPE DUARTE SANTOS

Docente na Universidade de Lisboa, e especialista em ambiente e alterações climáticas

"Temperar com o tempo"

"O ressentimento é uma coisa emotiva. E nós temos essas duas componentes, não é? A da emoção e a componente mais racional, mais calma, mais ponderada. O ressentimento tem a sua função, mas penso que temos de temperar isso com tempo. Sempre o tempo."

10 GUSTAVO CARDOSO

Professor de Ciências da Comunicação no ISCTE, investigador no CIES e diretor do Obercom

"Encontrar ponto de contacto"

"Em termos de lógica civilizacional, nós devíamos, pelo menos uma vez por semana, tentar encontrar algum ponto negocial possível com alguém de quem discordamos. Isto é válido para o que se passa dentro de casa, no trabalho, seja na universidade ou numa empresa... Tentar encontrar um ponto de contacto para iniciar qualquer tipo de negociação e não viver num mundo em que nos sentimos obrigados àquilo que o Umberto Eco chamava de divérbio – a ideia de que não é um debate, nem discussão, é uma coisa intermédia, ou seja, aquilo que nós vemos na televisão e que acaba por marcar o nosso dia a dia."

11 GUSTAVO JESUS
Psiquiatra

"Melhorar a literacia emocional"

"O nosso cérebro está programado para identificar injustiça, para identificar diferenças, porque o meu grupo vai estar prejudicado versus outros. Portanto, há vieses cognitivos que geram emoções de ressentimento, entre outras. Portanto, se eu pudesse tomar uma medida, seria melhorar a literacia emocional e, sobretudo, dar estratégias de gestão emocional, gestão de conflitos, gestão daquilo que o nosso cérebro produz e que toma conta de nós, que são as emoções. A maior parte das pessoas não percebe que as emoções estão a tomar conta delas e não percebe que os vieses com que analisam a realidade vão influenciar grandemente o seu comportamento, mas que, olhadas de fora, aparentemente há ali algumas incongruências na narrativa, por exemplo. Era muito importante educar as crianças, os jovens e os adultos com estratégias de gestão emocional, identificação de vieses cognitivos, de vieses na perceção das injustiças, porque isso, certamente, mesmo que o mundo fosse imperfeito, iria mitigar a sensação de ressentimento e as suas consequências."

12 JAIME NOGUEIRA PINTO
Politólogo e historiador

"Discurso menos hipócrita"

"O ressentimento tem muitas vezes uma base real entre as profundíssimas desigualdades que as nossas sociedades geram, e, ao mesmo tempo, o discurso completamente igualitário e de certo modo hipócrita das elites. Se o discurso fosse menos hipócrita e as políticas fossem mais verdadeiramente integradoras, portanto corrigindo exatamente aspetos de solidariedade nacional, de justiça tributária, se houvesse esse esforço da parte dos de cima... poderia também haver um esforço da parte dos de baixo para também olharem para aquilo que é positivo. Ou as elites se automudam ou são substituídas por outras elites – esse é o problema."

13 JOANA GUERRA TADEU
Ambientalista e comunicadora

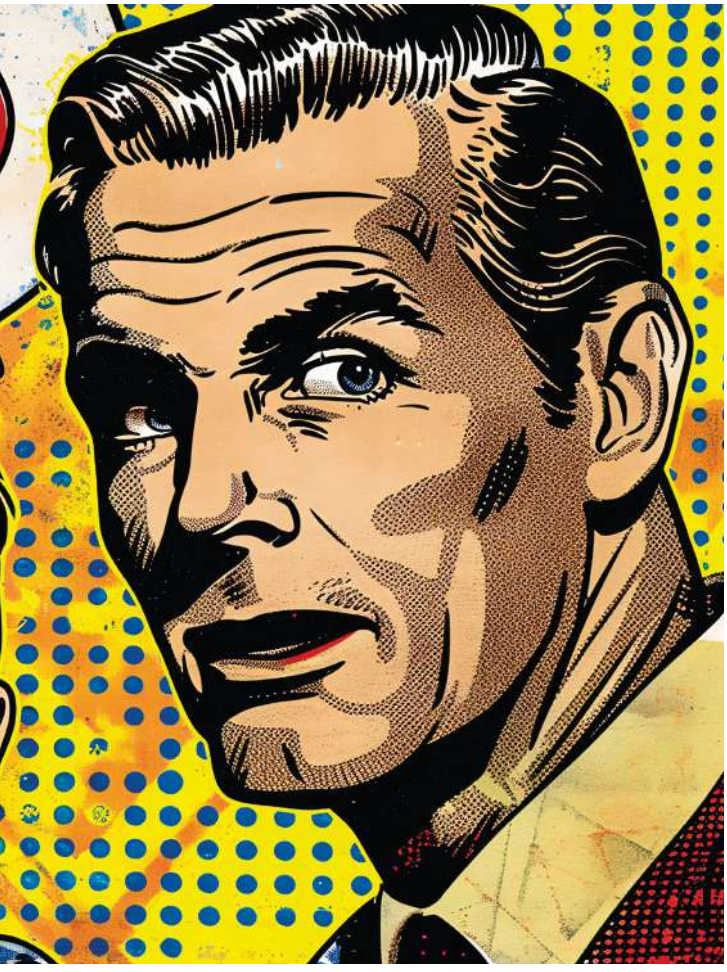
"Voltar ao coletivo"

"Organização popular. Acho que nós temos de voltar à rua, ao coletivo, a conhecer os nossos vizinhos e conhecer as pessoas que têm as mesmas preocupações que nós e unir-mo-nos a elas, tanto do ponto de vista emocional como do ponto de vista mais racional. Seja nas lutas seja depois, também, no processamento destas emoções, que são todas elas muito válidas. Lutar sozinhos é o mesmo que não estarmos a lutar, porque ninguém aguenta – cansamo-nos, temos vidas difíceis, a vida é dura, está caro viver, viver é cansativo. Temos de conseguir recapturar este sentido de solidariedade com o próximo e isso só se faz se nos juntarmos em coletivo, em espaços de diálogo, em que nós podemos questionar as coisas sem medo, em espaços de entendimento. Ao resgatar estes valores comunitários e lutarmos por estas mudanças em conjunto, vamos conseguir também fazer esta redistribuição do poder, do poder de decisão e do poder da ação. Já percebemos que infelizmente tudo nos está a levar para este abismo climático e outros, e podemos redistribuir esse poder e essas ações por todos – aí, sim, conseguiremos chegar a uma sociedade que deixe menos ressentimentos aos próximos."

14 JOÃO CANCELA
Cientista político e professor auxiliar de Ciência Política na nova FCSH

"Mudar a democracia"

"A minha ideia para combater o ressentimento passa pelo diagnóstico de que a democracia não é muito divertida. Fica difícil defender ativamente a democracia, quando ela pode parecer chata e repetitiva e pouco capaz de trazer coisas novas. A minha sugestão, talvez seja um pouco louca, é mudar aspetos da democracia – não todos, nem os mais fundamentais –, mas permitir que novas pessoas sejam ouvidas. Os jovens, em particular. Vários países europeus têm baixado a idade do voto, e isso pode também contribuir para introduzir assuntos no discurso e no debate político que tendem a ser ignorados, sobretudo num país envelhecido como é o caso português. Podia suscitar um debate na sociedade sobre quem é que devemos ouvir e quem é que devemos dar voz, e isso, só por si, suscitaria novas conversas, o que pode ser um bom antídoto para o ressentimento."



15 JOÃO MARIA JONET

Consultor político e comentador

"Conversas construtivas"

"Tem-me valido este raciocínio: com quantas pedras na mão é que eu estou a partir para esta conversa? Há sempre pessoas com quem nós partimos para conversar com muitas pedras na mão. Como tenho, socialmente, muitos amigos de esquerda radical e, familiarmente, muitas pessoas da direita radical, tento, quando estou a falar com elas, avaliar com quantas pedras na mão é que eu estou, e com quanta raiva, quanto ódio é que esta posição tem, e com quantas pedras na mão é que a outra pessoa está. Eu faço esta conta antes de começar a falar: estou a fazer isto porque eu quero ouvir esta pessoa, ou porque quero agora dizer que rebentei num argumento e os meus primos ouviram e foi um espetáculo...? Tentar ter conversas construtivas com quem se pode ter, com quem de quem nós gostamos, e tentar não dividir. Vê-se muito nos Estados Unidos – já há muitas famílias muito partidas por causa destes temas."

"A maior parte das pessoas não percebe que as emoções estão a tomar conta delas e que os vieses com que analisam a realidade vão influenciar o seu comportamento"

16 JOÃO RODRIGUES

Professor auxiliar da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e investigador do Centro de Estudos Sociais

"Redução das desigualdades"

"Um dos problemas que marca as democracias é o sentimento de impotência política e democrática. As pessoas sentem que a mobilização social já não produz resultados económicos significativos, e esse sentimento de impotência alimenta o sentimento de injustiça. O ressentimento nos países europeus combate-se através da redução das desigualdades económicas e sociais, particularmente aquelas que têm que ver com a posição e a situação das classes trabalhadoras. É preciso voltar ao tema clássico da história do capitalismo, que é a questão social. O que nós temos de fazer é relativamente simples: assegurar pleno emprego, direitos laborais, serviços públicos de acesso universal, dar à maioria da população um sentimento de segurança económica e social. Isso torna as pessoas menos avessas à mudança. E, sobretudo, levar a sério as queixas económicas e sociais da gente comum."

17 JOSÉ PACHECO PEREIRA

Historiador, analista político e fundador do arquivo Ephemera

"Mais liberdade"

"É preciso combater a desigualdade, mas vou passar do sofisticado para o bruto: mais dinheiro, mais escola, o mais cedo possível, melhor escola, ou seja uma escola difícil e que não mata a curiosidade, que são as duas coisas fundamentais, mais tempo livre para aqueles que não o têm e melhores procedimentos nas democracias. E que se respire mais liberdade, contra qualquer forma de censura."

18 JOSÉ PEDRO ZÚQUETE

Politólogo e investigador principal no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

"Ir às raízes"

"Qualquer solução para combater o ressentimento tem de ir às suas raízes. Temos obrigatoriamente de falar do impacto da globalização, porque ela aumentou o sentimento em muitas pessoas de perda de controlo sobre o destino das suas vidas e das suas comunidades, quer a nível socioprofissional quer a nível cultural. A nível socioprofissional, há um aumento da precariedade, da desigualdade e do desespero ligado à perda de estatuto e dignidade.

Na base do apelo antissistema estão emoções negativas, como o ressentimento, a cólera, mas também estão emoções positivas de autoestima, ou seja, de reconhecimento das ansiedades de uma parte substancial da população. E também de emoções como a nostalgia. O sucesso das forças antissistema está também ligado a esta tentativa de recuperar a segurança existencial. Não há uma ideia mágica, mas qualquer ideia para combater o ressentimento tem de partir desta premissa."

ANATOMIA DO RESSENTIMENTO

Nesta série da Antena 1, da autoria de Mafalda Anjos, o mote foi dissecar o fenómeno do ressentimento e mergulhar nas suas causas e nos seus efeitos sociais e políticos, com 26 convidados que ajudaram a fazer luz sobre o tema. Os 13 episódios estão disponíveis em antena1.rtp.pt e nas plataformas de podcast habituais.

19 LUÍS PAIXÃO MARTINS

Consultor de comunicação

"Ressentimento contra ressentimento"

"Vou responder na qualidade de propagandista reformado. Não estou aqui para mudar o mundo, estou aqui para perceber como é que o mundo funciona e agir em conformidade com a maneira como o mundo funciona. Vou pegar na ideia de Edward Bernays, que dizia que a única maneira de combater a propaganda é com mais propaganda ou melhor propaganda. Com o ressentimento é a mesma coisa, ou seja, se eu tiver alguma dificuldade comunicacional relacionada com o ressentimento adversário, tenho de criar uma situação para combater esse ressentimento com outro tipo de ressentimento."

20 PEDRO ADÃO E SILVA

Sociólogo e professor auxiliar do Departamento de Ciência Política e Políticas Públicas do ISCTE

"Atrasar as aprendizagens"

"A minha sugestão é muito concreta: atrasar as aprendizagens. Acho que se gerou nas nossas sociedades a precipitação de que é preciso começar a formalizar a realidade muito cedo, aprendendo a ler, a escrever, a fazer contas. Isso não só promove a miopia, isto é, diminui a nossa capacidade de olhar para o longe e de imaginar, que é aquilo que se espera de uma criança, como cria uma desigualdade de género que está associada às fases distintas de maturação dos rapazes e das raparigas. E, mais tarde, traduz-se num ressentimento que está muito presente nos nossos dias. Acho que precisamos de pensar e parar, e, se calhar, esta ideia de ter notas muito cedo, de avaliações, formalização das aprendizagens já quase no final, antes da primária, tem resultados políticos inesperados e negativos que vale a pena olhar."

21 PEDRO MAGALHÃES

Cientista político e investigador e coordenador do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

"Liderança política"

"Eu não estou muito interessado em combater o ressentimento. Porque o ressentimento, em muitos casos, é compreensível e é legítimo. O que eu acho que nos falta, talvez, é, por um lado, distinguir entre o ressentimento legítimo e o ressentimento baseado em coisas evidentemente falsas. Temos que nos perguntar quem é que não está a fazer o seu trabalho se as falsidades permanecem. E precisamos de alguém que mobilize o ressentimento num sentido produtivo. Sinto que falta liderança política que canalize esse ressentimento de forma construtiva."

22 RICARDO PAES MAMEDE

Economista e professor associado e diretor do Mestrado em Economia e Políticas Públicas do ISCTE

"Confiança nas instituições"

"Esta era do ressentimento não é fruto de um fator exclusivo. É fruto de uma conjugação de fatores económicos, culturais, políticos, mediáticos. E, portanto, também não acredito que seja uma medida que vá resolver esta situação e criar uma sociedade mais saudável na forma como as pessoas se relacionam e como os sistemas políticos funcionam. Há muito trabalho a fazer no combate às desigualdades, no combate à precarização da vida das pessoas, na menor instabilidade financeira, mas também há trabalho importante a fazer do ponto de vista de educação cívica, de promover informação rigorosa e também de fortalecer a confiança nas instituições. Isto pressupõe também critérios éticos elevados por parte de quem tem responsabilidades públicas e não podemos deixar de exigi-los."

23 ROSA MONTEIRO

Socióloga, professora auxiliar da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e investigadora do Centro de Estudos Sociais

"Mais justiça social"

"A minha visão é de que a democracia dá muito trabalho, exige conhecimento e coragem contra os taticismos, exige convicção, exige capacidade de implementação de políticas que nos permita recuperar a confiança nas instituições, na qualidade ou na capacidade do Estado como pilar fundamental da qualidade da democracia. E, portanto, a crença de que é possível continuar um projeto de promoção da justiça social em que os movimentos de emancipação dos indivíduos, das classes sociais, dos grupos subordinados como os movimentos feministas, antirracistas, anticoloniais, LGBTQI e outros, rompam esta ligação algo perigosa que criaram com forças de mercadorização e do capitalismo financeiro, tendo abandonado de alguma maneira a luta pela proteção social."

"O ressentimento nos países europeus combate-se através da redução das desigualdades económicas e sociais, particularmente aquelas que têm que ver com a posição e a situação das classes trabalhadoras"

24 SUSANA PERALTA

Economista, especialista em Economia Pública e Economia Política e professora na Nova SBE

"Mais redistribuição"

"Julgo que o que é mesmo muito importante é fazer mais redistribuição, ou seja, chegar ao sítio onde o ressentimento nasce, com políticas sociais de diferentes níveis que não envolve apenas dar dinheiro às pessoas. Envolve também uma educação de qualidade, desde a mais tenra idade. E, no fundo, não deixar que as comunidades se sintam abandonadas, o que envolve políticas de proximidade que são multifatoriais e que também têm uma dimensão cultural."

25 VICENTE VALENTIM

Cientista político

"Focar no lado positivo"

"A minha ideia passa pela forma como se fala dos grupos sociais que convivem numa sociedade e, principalmente, da forma como se fala do outro numa sociedade. Grande parte do ressentimento que leva ao voto da direita radical, por exemplo, vem de uma perceção errada acerca dos efeitos da integração das minorias. A partir do momento em que se fazem campanhas políticas focadas naquilo em que, por exemplo, a imigração tem para oferecer, como seja o foco em diferentes tipos de trabalho, o potencial em termos de inovação, o rejuvenescimento da população, etc., acaba com muito deste ressentimento e do medo infundado que há em relação às minorias e, assim, torna as pessoas muito mais positivas em relação a elas. A minha ideia é esta: as campanhas e a retórica política devem focar-se mais nos lados positivos da integração e nos pontos em comum que os vários grupos sociais têm."

26 VÍTOR MATOS

Jornalista e biógrafo de André Ventura e Marcelo Rebelo de Sousa

"Dignificação de todos"

"Lembro-me do livro *Tirania do Mérito*, do Michael Sandel, em que basicamente ele responsabiliza o discurso dos políticos mainstream de elogiar o sucesso das pessoas que se licenciam, que sobem na vida, e a ideia de que subir na vida é que é bom, o que cria todo um exército de derrotados, que são todos os que não conseguem isso. Isto leva à ascensão dos populismos, porque estas pessoas sentem-se excluídas desse sucesso social. Tanto o PS como o PSD deviam ter um discurso não só voltado para o mérito das elites e para o elevador social, que é muito importante, mas também para a dignificação daqueles que não são reconhecidos como tendo sucesso, mas que têm vidas que são bem-sucedidas e reconhecidas, independentemente de serem doutores, médicos ou engenheiros." visao@visao.pt

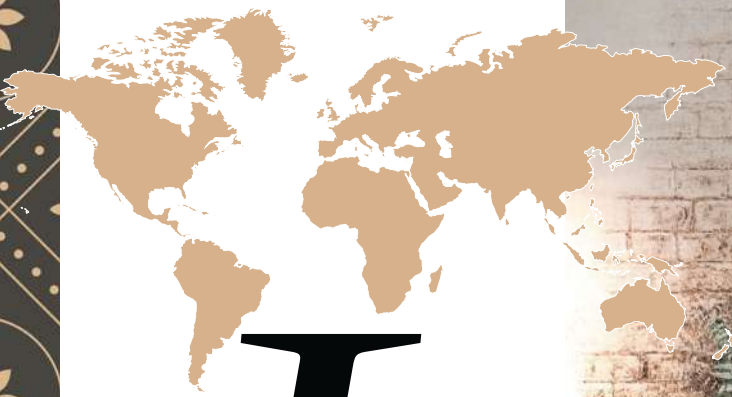
Júlio Verne

A viagem interminável

Cento e vinte anos depois da sua morte, o que tem o escritor francês mais traduzido de sempre para nos dizer? Porque é que os seus livros continuam nas prateleiras de livrarias obcecadas com novidades editoriais? Júlio Verne não previu exatamente o futuro, mas faz parte dele

— POR PEDRO DIAS DE ALMEIDA

ILUSTRAÇÃO: JCM



Jv

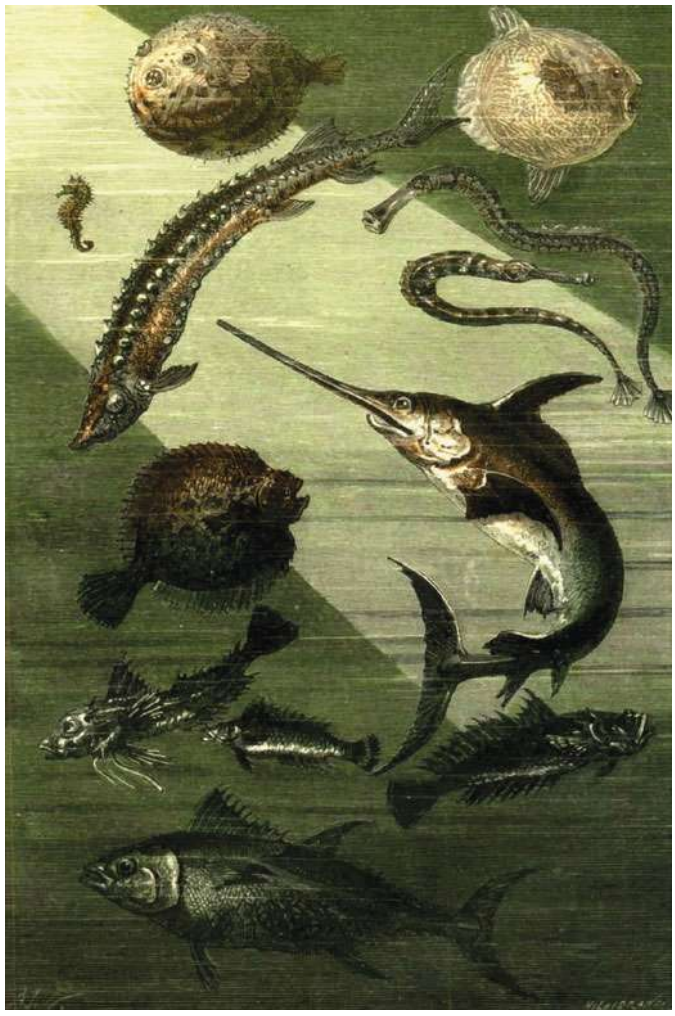
O futuro tem tendência para envelhecer mal. Expliquemo-nos: nada há de mais anacrónico e risível do que vermos antigas profecias que tentavam adivinhar, mesmo prever, os dias vindouros e não só falham rotundamente como nos fazem sorrir na sua ingenuidade ou nos seus traços que, praticamente sempre, falam mais das preocupações e referências do seu tempo do que do insondável porvir.

No extraordinário século XIX não terá havido ninguém que se tenha dedicado mais, ao longo da vida, a imaginar o futuro de forma tão continuada, pública e obsessiva. Falamos do francês Júlio Verne, desaparecido há 120 anos, a 24 de março de 1905, aos 77 anos. Mas não é exatamente por ter sido um profeta visionário, um certeiro adivinho barbudo, que o seu nome sobrevive tantos anos depois. Fascinado com os avanços tecnológicos e científicos do seu tempo, Júlio Verne refletiu bem o século em que viveu e deu-lhe uma forma literária única, que nos faz facilmente olhar para o seu nome como um pai, ou avô, da ficção científica, esse género fantástico e cheio de potencialidades que tanto se desenvolveu ao longo do século XX e chegou ainda entusiasmante ao XXI.

No meio de tantas maquinetas, mecanismos e profecias, é fácil encontrar elementos que ecoam no presente e nos anos que se seguiram à sua morte, mas é ainda mais fácil perceber que ele foi só mais um a espalhar-se ao comprido tentando, com seriedade, prever realidades.

Um exemplo? Com o fascínio e o entusiasmo provocados pelo dealbar

do século XX, alguém teve a boa ideia de encomendar a Júlio Verne, já um vetusto escritor de barbas brancas, um texto perspetivando as décadas que aí vinham. Essa prosa seria, mesmo, publicada em Portugal na novíssima revista *Magazine Bertrand*, em 1904. Centrando-se na temática dos transportes e na facilidade e na rapidez das viagens do futuro, o escritor prevê: "É



Mundo quotidiano e mágico
Júlio Verne e a mulher, na fase final das suas vidas, em 1900.
O imaginário do escritor, presente nas centenas de ilustrações que acompanharam os seus textos, marcaria os anos que aí vinham

fácil ver que a construção de caminhos de ferro vai tomar rapidamente um desenvolvimento colossal, que transformará a face da Terra." E imagina mesmo como certo um enorme túnel sob o Atlântico: "Há já quem se proponha abrir um túnel entre Nova Iorque e Brest. Calcula-se que a obra seja realizável em 30 anos, uma vez que se encontre financiamento para ela. É um axioma que o dinheiro não constitui obstáculo quando se impõe a necessidade de uma obra, e os engenheiros do futuro reduzirão facilmente os 30 anos a dois terços desse tempo", escrevia. Curiosamente, o desenvolvimento da aviação civil e a banalização do transporte aéreo ficavam praticamente de fora destas previsões. Nesse campo, Júlio Verne fantasiava, ainda, com a utilidade dos balões e sonhava com um par de asas individuais: "O balão não substituirá o caminho de ferro. Mas servirá para muitas coisas; por exemplo, para transportar os passageiros australianos que queiram tomar a linha férrea nas estações terminais de Singapura e de Bombaim (...) Em compensação, está reservado um grande futuro às máquinas voadoras. Pela minha parte, abrigo a persuasão de que virá o dia em que será tão vulgar ter em casa um par de asas como é agora possuir uma bicicleta."

Júlio Verne cresceu no centro de Nantes, junto às águas do Loire, "ponto de partida e de chegada de muitas viagens de longo curso"

Já quando era muito mais jovem, logo a seguir a publicar o seu primeiro sucesso literário, *Cinco Semanas em Balão*, com o editor que mudou a sua vida, Pierre-Jules Hetzel, não hesitou em tentar adivinhações certeiras. Apresentou-lhe, em 1863, um livro que tinha escrito anos antes, com um título muito direto e aparentemente comercial: *Paris no Século XX*. Recusado pelo editor, que tinha ficado entusiasmado com o carácter aventureiro e positivo do livro que fantasiava uma viagem de balão sobre o continente africano e não queria publicar algo com um teor mais pessimista e negativo, esse texto só seria publicado em 1994, muitos anos depois da morte de Júlio Verne. Aí, imaginava-se uma sociedade muito tecnocrata, mais focada no lucro e na eficiência do que

Cinco livros

Nem só de ficção científica avant la lettre *se fez a obra literária de Júlio Verne, autor incansável de milhares de páginas. À sua maneira, todos estes títulos foram marcantes no seu percurso*

Cinco Semanas em Balão 1863
O início de tudo, numa narrativa que já dava pistas para o manancial de aventuras que se seguiriam. *Cinco Semanas em Balão* é a primeira obra a resultar da profícua relação com o editor Pierre-Jules Hetzel e conta a história de três ingleses que sobrevoam África, de Zanzibar à costa atlântica no Senegal, num extraordinário balão chamado *Victoria*.

Vinte Mil Léguas Submarinas 1869
Talvez a obra que mais fez pelo imaginário visual ligado ao mundo literário de Verne, um pouco por todo o mundo. Isso deve-se, sobretudo, ao extraordinário *Nautilus*, o supersubmarino comandado pelo capitão Nemo. Como muitos outros dos romances do escritor, foi primeiro publicado em folhetins periódicos.

A Volta ao Mundo em 80 Dias 1872
A obra mais célebre do escritor e que, aos 44 anos, lhe deu fama internacional. As aventuras do gentleman Phileas Fogg apaixonaram o mundo. Prova disso foram as sessões esgotadas da sua adaptação teatral em Paris e em Nova Iorque, e o facto de duas jornalistas norte-americanas terem tentado cumprir o desafio do título do livro.

Miguel Strogoff 1876
A aventura deste mensageiro do Czar é uma referência quando se pensa em romances passados na Rússia – todo um manancial literário. Apesar de ter partido da mesma lógica da parceria com o editor Hetzel (foi publicado em folhetins na revista *Magasin d'Éducation et de Récréation*), distingue-se por ser menos centrado nas Ciências e mais na História.

Mistress Branican 1891
Foi preciso esperar por 1891, depois da invenção de muitas aventuras em todo o planeta, para Júlio Verne criar uma protagonista feminina num dos seus livros. A jovem viúva Branican não hesita em partir numa complexa e arriscada busca pelo seu marido que a leva à Austrália. A inspiração de Verne foi um caso real das buscas da viúva de um explorador inglês, John Franklin.

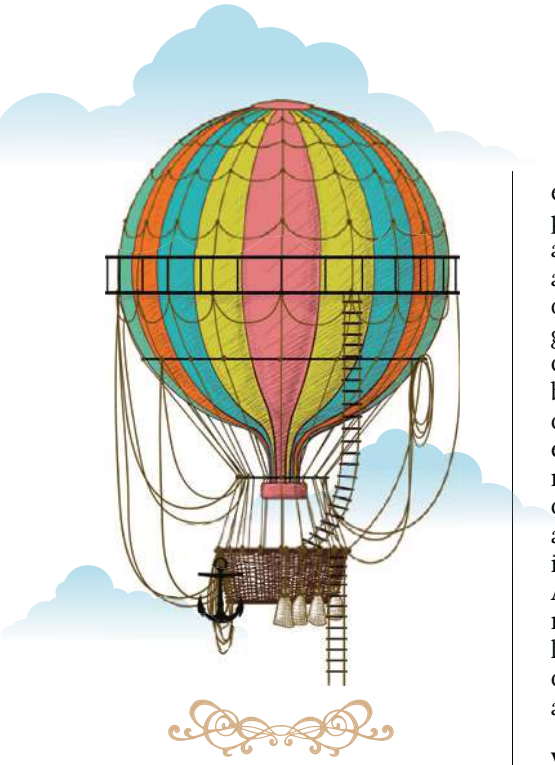
no conhecimento e nas artes, que são praticamente desprezadas, com as pessoas cada vez mais isoladas em grandes edifícios envidraçados, enquanto se movimentavam em carros a hidrogénio ou rapidíssimos comboios movidos a ar comprimido.

UMA INFLUÊNCIA AMERICANA

Se não é pelas suas capacidades mágicas de prever o futuro, qual Nostradamus, porque é que, 120 anos depois da sua morte, Júlio Verne continua a ser um nome presente e ainda fácil de encontrar em prateleiras de livrarias mais obcecadas com novidades? Por que razões continuamos a lê-lo e a ver a sua obra adaptada em filmes e séries? A resposta só pode estar no seu talento de escritor e contador de histórias que sobrevivem. E, no entanto, ele próprio tinha consciência de que não era visto, e provavelmente nunca seria, como um grande escritor, um nome maior da literatura do seu país. Em entrevista a um jornalista americano, Robert H. Sherard, em 1894, com a sua celebridade já bem estabelecida internacionalmente, diria: "O grande desgosto da minha vida é que nunca contei para a literatura francesa."

Esse aparente paradoxo, que foi atravessando as décadas até aos nossos dias, de ser o autor francês mais traduzido no mundo, suscitando interesse em muitos tipos de leitores, mas sem nunca ser equiparado aos grandes nomes da literatura francesa, como Balzac, Zola, Stendhal, o seu ídolo Victor Hugo ou Baudelaire, pode ter uma explicação simples. E ela prende-se com o modo como a sua carreira literária descolou, ao conhecer, em 1862, o já citado editor Pierre-Jules Hetzel, então uma figura já bem estabelecida. Entusiasmado com o talento de Júlio Verne, ele criou mesmo uma revista literária e de divulgação científica para publicar os seus textos: *Magasin d'Éducation et de Récréation* (algo como "revista de

Ficções Mesmo quando fantasiava com criaturas míticas, a ciência era um alicerce



Em entrevista a um jornalista americano, em 1894, Júlio Verne diria: "O grande desgosto da minha vida é que nunca contei para a literatura francesa"

educação e divertimento"), com objetivos didáticos e a pensar, sobretudo, num público juvenil. Quase todos os célebres romances de Júlio Verne foram publicados, periodicamente, em folhetins nessas páginas e só depois chegaram às livrarias num só volume (nalguns casos, em dois). A coleção que englobava todas as aventuras criadas por Verne e publicadas por Hetzel chamava-se *Voyages Extraordinaires* (*Viagens Extraordinárias*) e almejava sempre ter um grande contributo educativo, sobretudo na área da geografia. Ou seja, a obra de Júlio Verne foi sendo vista, muitas vezes, como mais próxima da literatura infanto-juvenil, e várias adaptações ao longo do século XX em banda desenhada ainda contribuíram mais para esse facto. Mas a verdade é que Verne foi muito mais do que isso e foi, mesmo, ao longo da História, recolhendo bastantes elogios dos seus pares. A pesquisa científica que fazia antes de se atirar a um novo romance era séria e intensa e gostava de cultivar o seu próprio estilo, aprendendo algo com as suas primeiras experiências como autor de peças de teatro. O facto de os textos saírem em fragmentos obrigava-o a criar motivos de interesse e de suspense a cada capítulo, contribuindo para uma leitura rápida e voraz do resultado final. E se Victor Hugo e Alexandre Dumas eram grandes referências na língua francesa, com quem não ousava comparar-se, um autor norte-americano seduziu-o, e influenciou-o, pelo seu estilo: Edgar Allen Poe (1809-1849), que terá conhecido pelas traduções que Baudelaire fez para francês da obra do autor d'*O Corvo*, muito mais apreciado, na altura, na Europa do que nos EUA.

VIAJANTE, MAS POUCO

Mas como tudo começou? O cenário que rodeou a infância de Júlio propiciava facilmente o lado sonhador com grandes viagens, aguçando a curiosidade sobre mundos longínquos. Nascido em Nantes a 8 de fevereiro de 1928, foi o primeiro filho de Pierre-Gabriel Verne, advogado, e da sua esposa, Sophie. Paul, irmão de quem Júlio foi sempre próximo, nasceria um ano depois, e seguiram-se três irmãs: Anna, Mathilde e Marie. A família vivia bem no centro da cidade, na ilha Feydeau, no meio do rio Loire, então com muitos cais frequentados por

Celebridade Júlio Verne foi muito popular na sua época. Escreveu mais de 60 romances, muitos deles rapidamente traduzidos noutras línguas

Verne Gyula, o "húngaro"

História caricata, com epicentro na Hungria, de um escritor que viu o seu nome traduzido em várias línguas (incluindo a portuguesa)

Com os autores e filósofos da(s) Antiguidades(s), o fenómeno é comum. Conhecemo-los por um nome português e noutras línguas têm outras nomeações: Sócrates, Horácio, Ovídio e tantos outros... Mas em escritores celebrizados a partir da modernidade isso já não é tão comum. Certo é que Júlio Verne afirmou-se assim mesmo, Júlio, nas edições portuguesas para jovens e adultos (hoje já há capas que optam pelo Jules original). Na Hungria, onde a adaptação incluiu a inversão dos nomes, como lá é habitual, o autor de *Viagem ao Centro da Terra* foi sempre Verne Gyula. Somando a isso o facto de em muitas edições não haver menção a nenhum tradutor, e de a sua popularidade ser sobretudo grande entre os leitores mais jovens, espalhou-se na sociedade húngara a convicção natural de que este Gyula era um autor local – pois se até tinha escrito várias vezes sobre o rio Danúbio e chamou a um dos seus livros e heróis Sándor Mátyás (tradução do romance *Mathias Sandorf*, de 1885)... Durante os anos do poder comunista e da cortina de ferro, quando muitos autores ocidentais estavam proscritos no país, as aventuras de Verne Gyula continuavam a ser muito populares e permitidas (com algumas alterações...). Várias gerações de húngaros foram descobrindo, a dado momento, que este Gyula não era um herói nacional, mas sim um francês. E, se calhar, ainda há quem por lá viva nessa ilusão... Podia ser um excelente ponto de partida para uma novela.

Cinco Filmes

São muitas as adaptações, mais ou menos livres, de obras de Júlio Verne para cinema e televisão. O seu imaginário é praticamente inesgotável e muito sedutor, num mundo cheio de ecrãs

Viagem à Lua 1902
Esta pérola de George Méliès, 14 minutos fantásticos produzidos num momento em que o cinema ainda procurava a sua identidade e todo o seu potencial, baseava-se tanto na novela *Da Terra à Lua* (1865), de Verne, como em *The First Men in the Moon* (1901), de H. G. Wells.

20.000 Léguas Submarinas 1954
Para muitos, este filme da Disney, realizado por Richard Fleischer, é a melhor adaptação de um texto de Júlio Verne ao cinema. James Mason (como Capitão Nemo), Kirk Douglas e Paul Lukas são os protagonistas deste filme, que venceu dois Oscars, nas categorias de efeitos especiais e direção de arte.

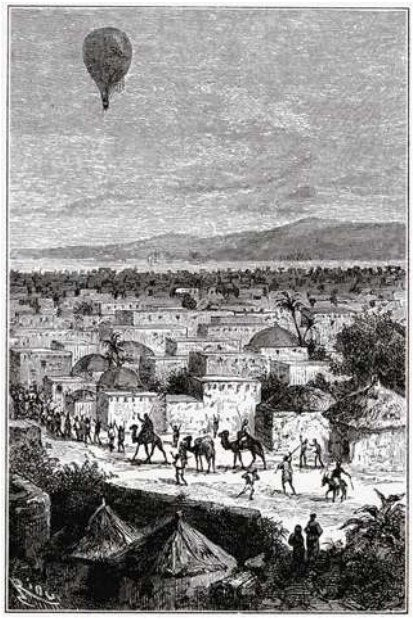
A Volta ao Mundo em 80 Dias 1956
Uma das mais bem sucedidas adaptações de sempre de um livro de Júlio Verne. Com David Niven, Cantinflas e Shirley MacLaine nos principais papéis, este filme realizado por Michael Anderson seria o grande vencedor na cerimónia dos Oscars de 1957, conquistando cinco estatuetas douradas (incluindo o triunfo como Melhor Filme).

Nádia e os Mistérios do Mar 1990/91
Há vários exemplos de séries e filmes de animação baseados em Júlio Verne. Esta série japonesa de 39 episódios foi uma das mais populares e mostra como o escritor francês a tornou universal. *Nádia e os Mistérios do Mar* partiu de um projeto do lendário Hayao Miyazaki e inspirou-se nas *20.000 Léguas*

Viagem ao Centro da Terra 3D, 2008
Os avanços tecnológicos abrem sempre novas perspetivas nas adaptações cinematográficas de mundos oníricos e textos de ficção científica. Com um argumento muito livre, este filme norte-americano tentou tirar partido da tecnologia 3D, apostando num filme de aventuras, com o imaginário de Verne, para os jovens do século XXI.

grandes embarcações. "Vivi dentro do movimento marítimo de uma grande cidade comercial, ponto de partida e de chegada de muitas viagens de longo curso", escreveria.

Mas a sua primeira grande viagem, mais no sentido simbólico do que geográfico, foi na direção de Paris, aos 20 anos, onde, depois de dois desgostos de amor, decidiu ir acabar o curso de Direito, agradando ao pai, mas já sabendo que não queria seguir-lhe as pisadas. Quando termina os estudos de leis, em 1951, não regressa a Nantes nem, para desilusão do progenitor, procura trabalho nessa área em Paris... O mundo dos salões literários e do teatro é muito mais sedutor. Avança por aí, temerário. A sua peça *Les Pailles Rompues* estreia-se no teatro que pertencia a Alexandre Dumas (pai) e Júlio torna-se amigo de Alexandre



Dumas (filho). Arriscará ainda, sem grande sucesso, a escrita uma opereta. Os estudiosos da sua obra afirmam que este início na dramaturgia, já ambientada no espírito de *vaudeville*, lhe foi muito útil na escrita de diálogos e nas tramas das suas "viagens extraordinárias". Escreveu, por essa altura, as primeiras novelas breves, *Martin Paz* e *Un Voyage en Ballon*.

Uma personagem que encontrou por essa altura em Paris, e com quem conviveu bastante, foi fundamental para o colocar nos carris da glória literária baseada no fascínio com as viagens. Jacques Arago (1790-1854) já estava cego quando Júlio Verne o conheceu, mas isso não o impedia de

ser um excelente contador da sua vida aventurosa de explorador, escritor, dramaturgo e ilustrador, que aos 27 anos embarcou numa viagem de circum-navegação (num barco chamado *Uranie*) que acabaria em naufrágio. O jovem Verne sonhava alto: com o mundo desconhecido, a glória literária e... um casamento. Olhando para a sua biografia, percebe-se sempre uma tensão entre o apelo de aventura e a tendência para uma pacata vida de burguês, cheia de rotinas quotidianas obrigatórias. Este lado prevaleceu e, depois de se casar, em 1857, com uma jovem viúva de 26 anos, Honorine Devianne, sentiu que tinha os alicerces certos para a sua vida de escritor. Apesar de ter escrito sobre os quatro cantos do mundo (era mesmo esse o contrato com o seu editor), Júlio Verne não foi um grande aventureiro, sempre em busca da próxima viagem aos confins de um deserto, de uma floresta ou de uma cidade longínqua. Viajou, é certo, e o que foi ganhando com a escrita permitiu-lhe comprar três barcos (todos com o mesmo nome, em homenagem ao filho: *Saint-Michel I, II* e *III*, este último com 31 metros de comprimento, o que lhe permitiu ir até à costa espanhola, ao Magrebe e a Inglaterra, para grande incómodo da mulher, que detestava navegar): foi até à Escócia, à Escandinávia e, com o irmão Paul, em 1867, aos Estados Unidos.

Um dos episódios mais dramáticos da sua vida impediu-o mesmo, a partir de 1886, de pensar em viajar. Nesse ano, a 9 de março, recebeu em Amiens, para onde se tinha mudado com a esposa já em 1871, a visita do sobrinho Gaston, então com 26 anos, filho de Paul, que muito admirava o tio. No que foi descrito, na altura, como um golpe súbito de loucura, Gaston disparou dois tiros de revólver e com um deles feriu Júlio Verne no pé esquerdo, provocando um ferimento que iria afetá-lo profundamente no resto da vida. O sobrinho seria internado numa instituição psiquiátrica e Paul Verne diria que o que o seu filho tinha querido era atrair a atenção da sociedade para Júlio Verne para que ele pudesse entrar na prestigiada Academia Francesa... Não foi esse o único episódio traumatizante com a segunda geração dos Verne. A relação de Júlio com o filho Michel foi, também, para dizer o mínimo, muito atribulada. O pai considerava-o "insuportável" e "sem regras" e não hesitou, quando ele tinha 15 anos, em enviá-lo para uma instituição penitenciária; quando daí saiu, Michel foi enviado pelo pai numa viagem de barco para Calcutá com a duração prevista de 18 meses... Surpreendentemente, Michel, já adulto, e também com ambições literárias, conseguiu reaproximar-se do pai e depois da morte deste, em 1905, publicou (e completou...) manuscritos de Júlio Verne que tinham ficado inéditos. Para a relação difícil de pai e filho contribuiu, certamente, a disciplina férrea a que o escritor francês se obrigava para cumprir o contrato assinado com Hetzel em 1865 e que implicava a publicação de três aventuras/romances por ano. De alguma forma, Hetzel e Verne, editor e autor, como uma dupla, criaram uma fórmula vencedora que chegou até aos dias de hoje. No século do positivismo e da crença quase infinita no potencial da tecnologia aliada à racionalidade, juntaram as grandes descobertas e pesquisas científicas a enredos aventurosos e escritos com agilidade e realismo, passados nos cinco continentes, estimulando e alimentando a curiosidade dos leitores. Gerações após gerações, em todo o mundo, foram sucumbindo a esse fascínio. Hoje, lendo muitas das obras de Júlio Verne, talvez invejemos, sobretudo, essa velha confiança inabalável num mundo melhor, apoiado na ciência, na tecnologia e na razão humana. palmeida@visao.pt

Olhando para a sua biografia, percebe-se sempre uma tensão entre o apelo de aventura e a tendência para uma pacata vida de burguês, cheia de rotinas

ANTÓNIO PEDRO SANTOS/LUSA

PARLAMENTO
REESTRUTURAÇÃO NA VÉSPERA DA QUEDA

Assembleia da República aprovou novas chefias e benesses depois de já ser evidente que o Presidente iria dissolver o Parlamento

— POR MARGARIDA DAVIM

Anabela Leitão Cabral Ferreira Secretária-geral da AR passa a poder dispor de três adjuntos, em vez de dois, aumenta o número de dirigentes e permite que se lhes pague um nível acima do escalão de vencimento

MARCOS BORGA

Na véspera do dia em que Marcelo Rebelo de Sousa anunciava ao País a já mais do que previsível convocação de eleições antecipadas, o conselho de administração da Assembleia da República aprovava uma reestruturação dos serviços do Parlamento. As novas regras permitem à secretária-geral, Anabela Leitão Cabral Ferreira, passar a poder ter três adjuntos em vez de dois, aumentar o número de dirigentes e fazer com que todas as direções de serviço da Assembleia da República possam ter até 10% de coordenadores de equipas ou projetos a ganhar um nível acima do seu escalão de vencimento.

A proposta aprovada criou nove direções de serviço e 22 divisões, com um aumento de dois cargos de direção e cinco chefias de divisão. Mas, ao contrário do que chegou a ser falado, a UTAO (Unidade Técnica de Apoio Orçamental) não passou para a dependência direta da Secretaria-Geral.

REQUISITADOS COM BENESSES DA AR

As mudanças não se ficam por aqui. Segundo as regras aprovadas nas vésperas da dissolução do Parlamento, a Secretaria-Geral da Assembleia da República garantiu que não só vai continuar a poder ir buscar trabalhadores através da figura de cedência por interesse público (sem concurso público), como estes funcionários, que por lei mantêm o vencimento que tinham no lugar de origem, podem ainda somar-lhe todas as benesses a que têm direito os funcionários parlamentares.

Como a VISÃO já tinha noticiado, desde dezembro, foram admitidos na Assembleia da República seis trabalhadores por cedência de interesse público. Entretanto, e já depois dessa notícia, foram feitas mais duas propostas de requisição através desta figura de cedência por interesse público.

Uma dessas propostas, a que a VISÃO teve acesso, foi feita a 3 de fevereiro, para requisitar à Direção-Geral do Território uma funcionária que tinha estado de 1 de março de 2020 a 31 de janeiro de 2025 no Ministério da Administração Interna (MAI), de onde veio também a secretária-geral, Anabela Leitão Cabral Ferreira. De resto, o regime de requisição por cedência de interesse público tinha também já sido usado para ir buscar uma funcionária para o Gabinete de Comunicação do Parlamento que tinha sido assessora de imprensa no MAI, com Margarida Blasco, menos de um mês antes de ter sido requisitada por Anabela Leitão Cabral Ferreira a uma empresa de Espinho, que tem como objeto a produção de filmes, de vídeos e programas de televisão, mantendo o vencimento de origem, no valor de cerca de 5 700 euros.

Contactado pela VISÃO, o gabinete da secretária-geral da Assembleia da República não deu qualquer justificação para o facto de ter decidido fazer aprovar esta reestruturação aos serviços nas vésperas da dissolução do Parlamento nem avançou se tem uma estimativa de quanto pode representar em termos de custos este novo organograma.

Em fevereiro, o gabinete de Anabela Leitão Cabral Ferreira tinha justificado a necessidade de recorrer a requisição de funcionários através de cedência por interesse público com a dificuldade em conseguir recrutar através de concurso público. "Apesar de terem sido abertos procedimentos concursais de recrutamento nos últimos dois anos, designadamente, para desenvolvimento aplicacional, comunicação digital, administração de redes informáticas e administração de sistemas, os mesmos foram concluídos sem ter sido possível recrutar quaisquer trabalhadores", explicava na altura a Secretaria-Geral da Assembleia da República, notando as saídas que têm pesado no quadro de pessoal parlamentar. "No segundo semestre de 2024 e até ao final de janeiro de 2025, cessaram

Secretária-geral convocou os funcionários do Parlamento para lhes explicar as razões das alterações, os métodos escolhidos e os resultados previstos

Plenário fatídico A sessão em que foi chumbada a moção de confiança do Governo

ou suspenderam o respetivo contrato de trabalho parlamentar com fundamentos diversos 19 funcionários parlamentares", sublinhava fonte oficial da Secretaria-Geral.

Para a secretária-geral, "o recurso à cedência de interesse público permite assim colmatar as necessidades urgentes e possibilita que se possam abrir e concluir procedimentos concursais de ingresso para as carreiras parlamentares, os quais duram, aproximadamente, 24 meses desde a sua abertura até à sua conclusão, partindo do pressuposto de que os mesmos não ficam desertos aquando da sua abertura e/ou os candidatos chegam até ao fim do procedimento concursal".

UM EMAIL AOS FUNCIONÁRIOS

Com a dissolução do Parlamento, cessam todas as cedências de interesse público, exceto aquelas que dizem respeito a cargos dirigentes, que se mantêm, independentemente da duração da legislatura, durante três anos, a mesma duração das comissões de serviço na Administração Pública.

Quando respondeu à VISÃO, em fevereiro, o gabinete da secretária-geral garantiu que "a abertura de procedimentos concursais de recrutamento para preenchimento dos postos vagos, considerada prioritária, será aberta progressivamente ao longo do primeiro semestre de 2025, embora se encontrem já em curso cinco procedimentos de recrutamento". Agora, não foram dadas quaisquer informações sobre quantos concursos foram abertos entretanto.

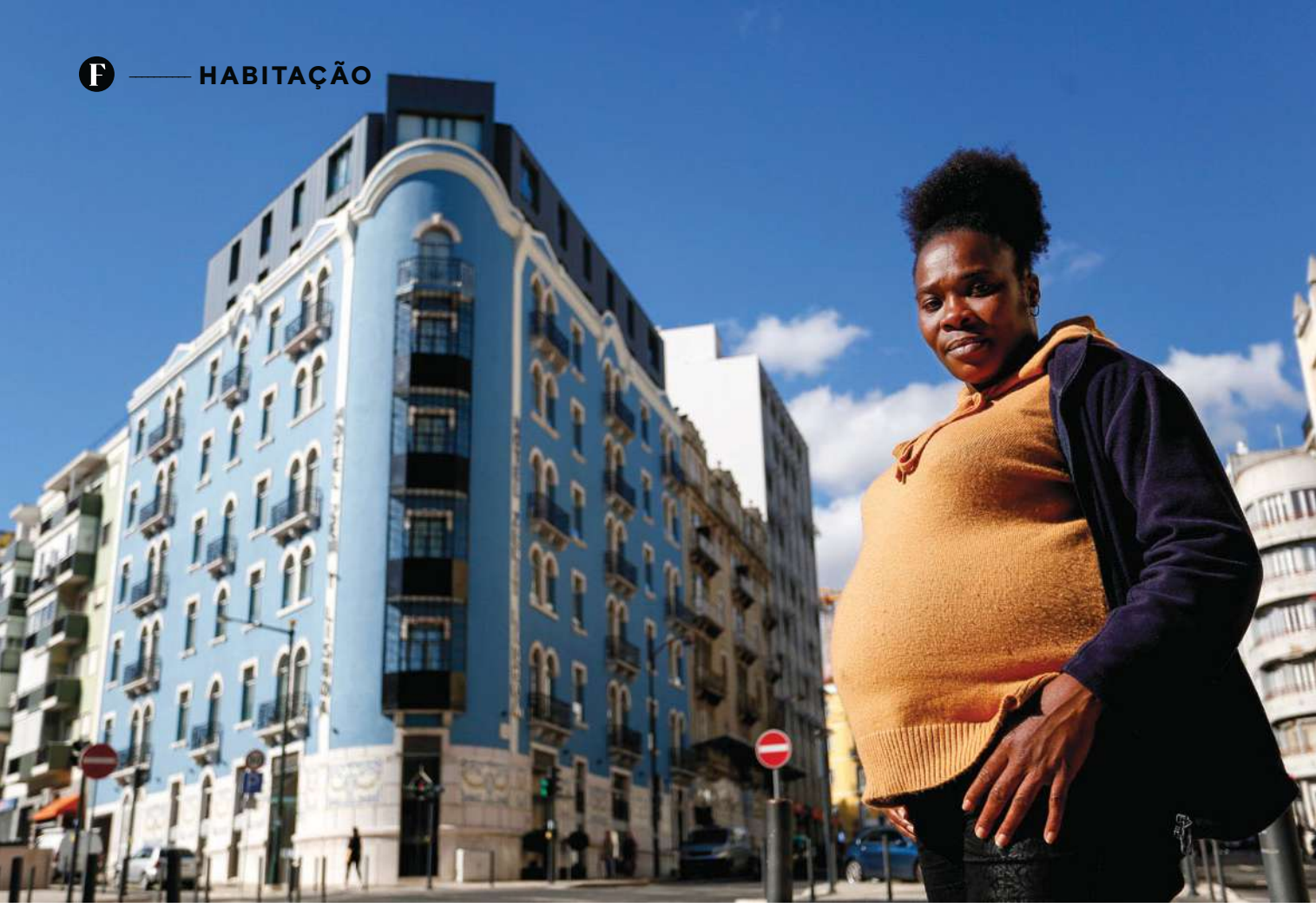
Dois dias depois de esta reestruturação dos serviços parlamentares ser discutida em conselho de administração e um dia depois de ser aprovada em plenário da Assembleia da República, Anabela Leitão Cabral Ferreira enviou um email aos funcionários do Parlamento. Nessa mensagem, a secretária-geral convocou os trabalhadores para uma reunião para transmitir "as razões que estiveram subjacentes a estas alterações, os métodos escolhidos para o fazermos e os resultados que pretendemos obter".

Depois de todas as decisões estarem tomadas e aprovadas, Anabela Leitão Cabral Ferreira justificou a reunião com os trabalhadores do Parlamento com a vontade de os envolver no processo. "Isto, porquanto privilegiamos uma cultura institucional transparente, aberta e colaborativa", lê-se na mensagem a que a VISÃO teve acesso.

UM CONCERTO DE 140 MIL EUROS

Também apenas um dia antes da queda desta legislatura, foi adjudicado por despacho da secretária-geral da Assembleia da República e com parecer favorável do conselho de administração um contrato para "a aquisição de concerto de Rui Veloso com a Banda Sinfónica da Guarda Nacional Republicana", no valor de 140 mil euros. A proposta foi aprovada em conferência de líderes com a abstenção do Chega, da IL e do BE, estando ausente o deputado do Livre.

A notícia foi avançada pelo jornal digital *Página Um* e o contrato é consultável através do site Base.Gov, onde estão registados todos os contratos públicos. De acordo com esse documento, Rui Veloso dará um concerto com oito arranjos musicais de John Beasley, com a duração mínima de 100 minutos, no dia 24 de maio, pelas 21h, ou seja, apenas seis dias depois das eleições de 18 de maio. O espetáculo acontecerá nas escadarias da Assembleia da República. visao@visao.pt



Estas rendas não são para mães solteiras

A viver com as três filhas numa pensão, desde que a sua casa foi demolida, Ana Paula sai da maternidade, onde há dois dias teve o seu mais recente bebé, sem ter para onde ir. Que vai ser desta família?

— **POR LUÍSA OLIVEIRA** TEXTO **MARCOS BORGA** FOTOS

Daqui a nada, pelas seis da tarde desta quinta-feira, 20, "faça chuva ou faça sol", conforme diz a convocatória da manifestação, haverá um grupo de pessoas indignado em frente à Maternidade Alfredo da Costa, em Lisboa. Cada uma levará o que comer e beber e participará numa "roda de conversa" até às dez e meia da noite, a propósito do caso de Ana Paula, mostrando assim a sua solidariedade para com esta história de contornos inexplicáveis e pedindo a resolução desta e de outras situações idênticas.

Lá dentro, estará ainda esta são-tomense a olhar, embevecida, para Heitor, o seu quarto filho, o primeiro do género masculino. Não faltará muito para que tenha de deixá-lo ali, com dois dias, aos cuidados da equipa da maternidade, até que a Comissão de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ) tome conta da ocorrência. O pai é figura ausente neste processo.

Ana Paula não tem para onde ir e os serviços da Segurança Social não permitem que o recém-nascido saia da maternidade sem local certo para viver. Por outro lado, as três filhas, com idades entre os 4 e os 18 anos, também terão de sair da pensão lisboeta em que estão alojadas há seis meses. Como se chegou até ao risco de esta família se desmantelar?

O descalabro começou quando Ana Paula dos Santos, 38 anos, teve de deixar a casa que alugava em Loures, um T1 que lhe custava mais de 400 euros mensais. Além de ser pequeno para as quatro (as duas mais velhas dormiam na sala), e de ter muita humidade, em janeiro do ano passado o senhorio informou que a renda iria disparar para cima dos 500 euros. Nem é preciso fazer muitas contas para perceber que o ordenado mínimo (€870) que ganha como auxiliar num lar de idosos não chegaria para fazer face a todas as despesas de uma mãe solteira com três para quatro filhos.

CONSTRUIR E DESTRUIR

Ana Paula contraiu então um empréstimo de quase quatro mil euros e tratou de mandar construir, muito rapidamente, uma casa de tijolo com mais espaço, dois quartos e melhores condições no bairro Talude Militar. Em maio já lá estava, junto a outros tantos que também seguiram a mesma via. Era tudo ilegal e as demolições não têm parado de acontecer por ali e por outros bairros de características idênticas.

Em setembro de 2024, a polícia apareceu e colou um papel na porta da casa recém-construída, a avisar que a família teria 48 horas para arranjar uma alternativa. Ana Paula, já grávida de Heitor,

Incerteza Ana Paula, apreensiva, antes de entrar na maternidade para dar à luz o seu quarto filho. Quando sair, conseguirá levar o bebé consigo?

teve uma crise de hipertensão e foi parar às urgências da maternidade (desde então ficou referenciada como grávida de risco).

No dia anunciado, nem mais uma hora nem menos uma hora, a mãe e as três filhas, estudantes no concelho, assistiram ao derrubar da sua morada, com tudo lá dentro. "O pouco que consegui tirar, fiquei sem um sítio onde o pudesse guardar", lembra esta imigrante, há sete anos a viver, trabalhar e descontar em Portugal.

A solução encontrada pela Segurança Social de Loures foi alojá-las na Pensão Midi, em Lisboa, em dois quartos pequenos. "Só podemos lá dormir, não dá para cozinhar nem para lavar roupa", lamenta. Resultado: há meio ano que ela e as três filhas se alimentam em restaurantes e recorrem a lavandarias para terem limpo o que vestir. Todos os dias, as meninas vão e vêm de camioneta para o concelho de Loures, a partir do Campo Grande, para as suas escolas.

Quando estão na pensão, pouco podem mexer-se ou dar largas à sua condição de crianças, porque há logo quem bata à porta dos quartos a queixar-se do barulho. Isto apesar de haver outras famílias nas mesmas condições neste alojamento, que tem um contrato com a Segurança Social para fazer face a situações desesperadas como esta.

A LEI NÃO SE APLICA?

Dizer para Ana Paula arranjar uma casa para a sua família parece evidente. Mas, atualmente, no caso de uma mãe solteira, com poucos recursos e sotaque que denuncia a sua condição de imigrante, essa tarefa torna-se impossível. Já lhe exigiram três meses de renda em avanço ou um fiador. Às vezes, quando percebem que é imigrante, deixam de lhe responder às chamadas.

De qualquer forma, como poderia ela pagar os 750 a 1 100 euros que lhe pedem por um T2 em Loures, na Amadora ou na Margem Sul, quando só conta mensalmente com 870 euros do salário e €324 do abono de família das três filhas?

Maria João Costa, da Habita, associação pelo direito à habitação e à cidade, que apoia pessoas como Ana Paula, lamenta que neste caso e noutros não se encaminhem logo as famílias para a habitação social. "Além de ser muito difícil fazer uma candidatura para o concelho de Loures, pois envolve imensa papelada e documentos, depois fica-se numa fila de espera imensa", lamenta. Neste momento, Ana Paula já está nessa fila imensa e também na do Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (IHRU).

> **"O Estado não deve demolir uma casa sem que haja uma solução de realojamento. Tem de se articular ajuda antes de um ato de despejo, que é algo violentíssimo"**
>
> **MARIA JOÃO COSTA**
> **membro da associação Habita**

Até agora não teve respostas.

"O Estado não deve demolir uma casa sem que haja uma solução de realojamento. Tem de se articular ajuda antes de um ato de despejo, que é algo violentíssimo de se presenciar, com polícias armados", afirma a ativista, que neste dia acompanhou Ana Paula nas consultas da maternidade, que determinaram o seu internamento antes do tempo, para fazer de tudo para lhe baixarem a tensão e vigiar de perto a diminuição de líquido amniótico. Maria João também esteve ao seu lado no dia do parto, que acabou por acontecer na manhã de terça-feira, dia 18.

Até à hora de fecho da revista, as meninas continuavam na pensão, a mãe e o bebé na maternidade, sem que se vislumbrasse uma resolução do problema. No protesto agendado, explica Maria João, vai pedir-se a aplicação da legislação Porta de Entrada, que "permite, em situações de emergência, que a Câmara possa alugar uma casa para a subalugar a preços sociais. A diferença é suportada pelo Estado, através do IRHU". Além do mais, segundo dados recolhidos nos Censos de 2021, note-se que existem mais de nove mil fogos vazios, para venda, aluguer ou devolutos, só no concelho em questão.

Contactada pela VISÃO, a assistente social encarregue deste imbróglio remeteu-se ao silêncio. Até quando terá Ana Paula de esperar para reunir a sua prole debaixo do mesmo teto? loliveira@visao.pt

Assinaturas indignadas

A petição que pede uma solução para Ana Paula não para de recolher signatários

A Habita, a Rede 8 de Março, a UMAR e a Vida Justa foram os quatro primeiros coletivos dos 59 que assinaram uma petição a oporem-se à retirada de crianças a famílias como as de Ana Paula. Esses agregados de baixos recursos são os exemplos mais evidentes de quem não consegue ter acesso à habitação, apesar de trabalharem, por culpa da especulação imobiliária dos últimos anos.

"O problema da Ana Paula é o mesmo de muitas mulheres, homens e crianças que o vivem em silêncio", denuncia o abaixo-assinado, que também recolheu mais de mil assinaturas de particulares. Calam-se porque têm medo das ameaças que se seguem aos despejos, feitas pelos "serviços sociais deste País, associados às câmaras municipais, ao Governo, à CPCJ, que os penalizam e culpabilizam por não conseguirem prover as necessidades básicas fundamentais com o rendimento do seu trabalho, devido ao rumo das políticas e do modelo económico e social seguido".

O documento, que pede "que acabe este modo de verdadeira perseguição às famílias", já foi entregue ao primeiro-ministro, ao Presidente de República, ao Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social, à Câmara de Loures e ao provedor de Justiça.

Um jornal-instituição

Quarenta e cinco anos depois da fundação, nos idos de março de 1981, o JL – Jornal de Letras, Artes e Ideias *permanece uma referência no jornalismo cultural*

— POR SARA BELO LUÍS

Onésimo Teotónio Almeida conta a história na sua coluna *Times & Tempos* da mais recente edição do *JL – Jornal de Letras, Artes e Ideias* (*JL*): revela que, há muitos anos, num seminário realizado no cenário "idílico e espantoso" da Arrábida, quando tentava explicar a um grupo de norte-americanos o que era exatamente o *JL*, o comparara ao *The New York Review of Books*. Escreve o professor radicado nos EUA e colaborador do jornal desde o número 8: "No período de diálogo, alguém da assistência admoestou-me severamente. Que não senhor! O *JL* ficava muito aquém daquele paladino norte-americano do jornalismo cultural. Discordei e lancei na mesa as minhas razões que se perderam no ar."

Mais adiante, Onésimo Teotónio Almeida nota ainda que "o *JL* pode não ser o *New York Review of Books*, mas é o nosso *JL – Jornal de Letras, Artes e Ideias*": "Não gosto de pensar que um dia o *JL* possa faltar-nos porque isso significaria um sério empobrecimento da cultura portuguesa e lusófona em geral." E remata, com o humor que se lhe conhece: "E, já agora, mandem cumprimentos e bons votos ao *New York Review of Books*, de que também sou assinante vai para 45 anos ou mais, e digam que o *New York Review of Books* nunca conseguiria vir a lume com os parcos meios financeiros do *JL*."

A edição do *JL* a que aqui fazemos referência celebra, justamente, os 45 anos do jornal. Lançado a 3 de março de 1981, o *JL* foi para as bancas

JL
jornal de letras, artes e ideias
JORGE AMADO, um velho marinheiro da vida e da prosa. Entrevista de José Carlos de Vasconcelos ■ THOMAS MANN: os «Diários» enfim revelados. Artigo de ILSE LOSA ■ JORGE VIEIRA, «próximo de Rosa Ramalho» ■ FERNANDO PESSOA em imagens ■ Música portuguesa — mas qual? ■ CAMÕES: 30 anos Sena o serviu. A crítica de ALBERTO PIMENTA ■ LISTOPAD: quem as meias pretas calça... ■ APE: prepara II CONGRESSO DE ESCRITORES ■ «Grande Sertão: Veredas», 25 anos depois ■ Ilustrações de JOÃO ABEL MANTA

JL
jornal de letras, artes e ideias
JÚLIO POMAR, um diálogo com a pintura ■ HENRY MOORE: as palavras do escultor ■ O conflito de gerações em «Romeu e Julieta», por EURICO FIGUEIREDO ■ DOSTOIEVSKY e RAUL BRANDÃO num ensaio de GUILHERME DE CASTILHO ■ O Festival Internacional de Poesia visto por EUGÉNIO DE ANDRADE ■ A política da cultura em foco: balanço do secretário de Estado (que sai!) BRAZ TEIXEIRA e programa do ministro (que entrou) LUCAS PIRES ■ Galeria de Arte Moderna: depois do fogo, o silêncio ■ PEPETELA: o outro lado da guerra colonial ■ MOISÉS ESPÍRITO SANTO: o que nos revela uma aldeia em estado de festa

JL
jornal de letras, artes e ideias
50
Dossier
Portugal, o estado das coisas
Documento 1939: um texto de Álvaro Cunhal sobre a vida, a felicidade e a morte
Entrevista José Saramago sobre "Memorial do Convento"
Actualidade "Depois do Modernismo" ou os limites da modernidade

JL
jornal de letras, artes e ideias
A política
Às vezes chegam cartas...
Paulo Quintela, Prémio Europeu de Tradutor: "Eu só traduzi os poemas que queriam ser traduzidos"
A Beat em espectáculo e Haikais de Jack Kerouac

JL
jornal de letras, artes e ideias
NO VERÃO É ASSIM
AS VIAGENS DE ROY CINATTI
Ocelma e os humores
AS MÚSICAS DE VERÃO
O amor no Outono da vida

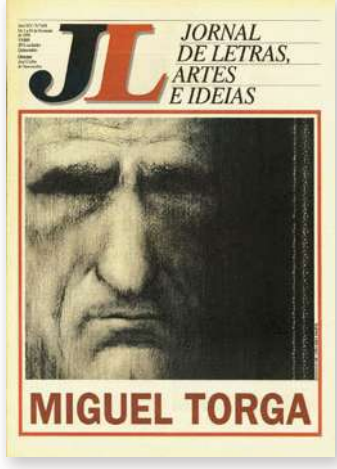
jornal de letras, artes e ideias
1
JOSÉ CARDOSO PIRES confessa-se: «Fui claro?» ■ JORGE DE SENA revisitado por EDUARDO LOURENÇO. Três poemas inéditos ■ JÚLIO POMAR: a(s) palavra(s) do pintor ■ VERGÍLIO FERREIRA: novas páginas de «Conta-Corrente». O balancete de EDUARDO PRADO COELHO ■ FERNANDO BELO — Os católicos e a esquerda ■ Textos de AGUSTINA BESSA LUÍS, ALEXANDRE PINHEIRO TORRES, AUGUSTO ABELAIRA, DAVID MOURÃO-FERREIRA e NUNO BRAGANÇA ■ Ilustrações de JOÃO ABEL MANTA

> **Número 1** Assinada por João Abel Manta, a primeira capa do *JL* é mítica; a que agora inicia o 45.º ano do jornal foi criada por José Manuel Castanheira (*ver nas páginas seguintes*)

Semanal
jornal de letras, artes e ideias
Umberto Eco em Lisboa
O perfume da "Rosa"...
García Márquez: regresso a Macondo
Miró: perfil de um catalão
Igreja e sexo

Número Número
jornal de letras, artes e ideias
FERNANDO PESSOA
Inéditos: um conto fantástico e um texto político sobre o regicídio
Ensaio de Eduardo Lourenço

jornal de letras, artes e ideias
194
LISBOA, PALCO DA CULTURA
Entrevista com Vítor Constâncio
A música em destaque, texto de Nuno Barreiros
O Cinema renovado, fotos de João Ribeiro



O "JL" aos olhos deles

Testemunhos de oito figuras da política e da cultura

MARCELO REBELO DE SOUSA
Presidente da República

O *JL* a tudo resistiu, tudo fazendo para não envelhecer, para acompanhar Portugal e a Democracia Portuguesa. E conseguiu.

ONÉSIMO TEOTÓNIO ALMEIDA
Escritor e professor

O *JL* é um herói da resistência porque tem por trás de si a rija têmpera de um José Carlos de Vasconcelos que consome imenso do seu tempo ao leme desse barco, enfrentando com frequência tempestades ameaçadoras e devoradoras de noites e fins de semana.

ANTÓNIO CARLOS CORTEZ
Escritor e professor

Há, como é costume em Portugal, o hábito de menoscabar o que é antigo. No afã de sermos sempre muito modernos, somos, amiúde, provincianos. O *JL* tem uma marca, um *lettering*. Foi mudando quando achou que devia mudar.

LÍDIA JORGE
Escritora

O *JL* é contemporâneo e desenrola-se ao longo do nosso espaço histórico de paz e liberdade. Alimentou-as. Aqui nos temos encontrado, pela escrita, os elementos famosos e não famosos da nossa pequena tribo.

com uma capa assinada por João Abel Manta – que entretanto se tornou uma capa mítica – e ainda sob o efeito da liberdade conquistada e do espírito do 25 de Abril. A lista de jornalistas e colaboradores que participavam nesse primeiro número ainda hoje impressiona: Augusto Abelaira, Eduardo Prado Coelho, Fernando Assis Pacheco, Agustina Bessa-Luís, David Mourão-Ferreira, Manuel António Pina, Eduardo Lourenço, Nuno Bragança, Fernando Belo, João de Freitas Branco... Dessa edição inaugural imprimiram-se 30 mil exemplares, que rapidamente se esgotaram, dando por isso lugar a nova reimpressão, de mais dez mil exemplares. Nasceu como um jornal quinzenário, mas depois, durante 11 anos, entre novembro de 1983 e abril de 1994, ganhou periodicidade semanal. Hoje mantém-se quinzenal.

EDIÇÃO DE ANIVERSÁRIO

Fundado por José Carlos de Vasconcelos, que até hoje o dirige, em março de 1981, o *JL* tinha como o objetivo ir além dos vários suplementos literários então existentes na Imprensa nacional. Pela primeira vez, existia um jornal cujas páginas eram integralmente dedicadas aos temas da cultura, da literatura ao teatro, às artes plásticas e ao cinema, sem esquecer também "as ideias", o pensamento. "Logo no seu número um, defini as razões do nosso aparecimento e o que visávamos com a publicação de um jornal diferente de todos os outros", escreve o diretor no editorial da edição que está agora nas bancas. "Um jornal diferente na sua génese, no seu conteúdo, no que defendia no domínio da cultura e da língua portuguesa, da sua valorização e divulgação, com eficácia e sem elitismos de nenhuma espécie", continua.

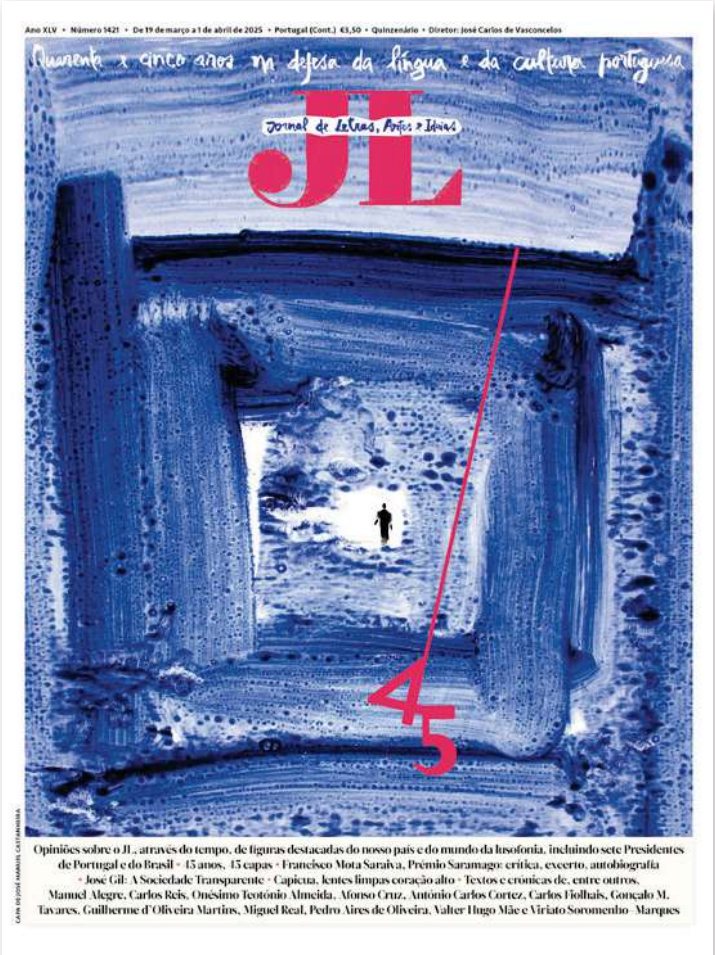
Além das páginas que evocam o próprio jornal, a edição de aniversário integra um texto de Manuel Alegre sobre a língua portuguesa. "Levávamos mercadorias, armas, gente. Mas também palavras. E a maior de todas as riquezas, a língua. Uma língua que transformava e deformava outras línguas e por elas foi, também, deformada e enriquecida. Levávamos palavras e trazíamos palavras novas. Como disse um poeta angolano, a língua portuguesa é uma língua de viagem e mestiçagem", afirma o autor de *Praça da Canção*.

Nas páginas dedicadas às novidades literárias, sai ainda uma pré-publicação de *Morramos ao Menos no Porto*, de Francisco Mota Saraiva, vencedor do Prémio Saramago. Sobre o romance escreve o professor e crítico literário Manuel Frias Martins. Em exclusivo, Mota Saraiva assina também a sua *Autobiografia*, que se tornou uma das secções mais notáveis do *JL*: "Tenho esta ideia de morrer numa certa ilha dos Açores. Assim, meio à Napoleão. Compro lá um casinhoto, um pedaço de terra, chamo-lhe Elba ou Helena, dois ou três sentinelas de atalaia, exército e conquistas sonhadas, e fico a ver o mar. Preso. Até morrer. Para lá donde o undabundo que o mar."

O número – com capa da autoria do reconhecido cenógrafo José Manuel Castanheira – inclui também uma entrevista com Capicua, que este mês apresenta o disco *Um Gelado Antes do Fim do Mundo*, um artigo sobre a primeira retrospetiva de Rui Moreira, no MAAT, e outro ainda sobre *Lá*, a peça com texto original de José Luís Peixoto em cena no Teatro Meridional. Por fim, nas "ideias", o filósofo José Gil assina um texto de reflexão, intitulado *A Sociedade Transparente*, no qual defende que "uma espécie de totalitarismo imanente da sociedade coadjuvado pela ação de um líder parece ser o destino da organização política da futura sociedade digital". Permitam-nos a provocação: como diria Onésimo, quem dera ao *New York Review of Books*!

sbluis@visao.pt

JL
JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS
A Feira do Livro de Lisboa
Paulina Chiziane, Prémio Camões
os cem anos de Eduardo Lourenço



Opiniões sobre o JL, através do tempo, de figuras destacadas do nosso país e do mundo da lusofonia, incluindo sete Presidentes de Portugal e do Brasil • 15 anos, 15 capas • Francisco Mota Saraiva, Prémio Saramago: crítica, excerto, autobiografia • José Gil: A Sociedade Transparente • Capicua, lentes limpas coração alto • Textos e crónicas de, entre outros, Manuel Alegre, Carlos Reis, Onésimo Teotónio Almeida, Afonso Cruz, António Carlos Cortez, Carlos Fiolhais, Gonçalo M. Tavares, Guilherme d'Oliveira Martins, Miguel Real, Pedro Aires de Oliveira, Valter Hugo Mãe e Viriato Soromenho-Marques

VALTER HUGO MÃE
Escritor

Chegar ao *JL* é chegar ao país dos livros. E enquanto forem estas as pessoas que o fazem parece-me fundamental que se saiba da lisura e do empenho que a publicação usa. Que me tenham permitido transformar o *JL* que tanto me conduziu em menino no espaço onde também defendo a humanidade em que acredito.

CARLOS MONJARDINO
Presidente da Fundação Oriente

As nossas letras são a procura do belo, do justo e da verdade que caracterizam as sociedades abertas, assentes na liberdade de criar, de inventar e de investigar. As nossas letras são as do *Jornal de Letras*, de que precisamos, hoje mais do que nunca.

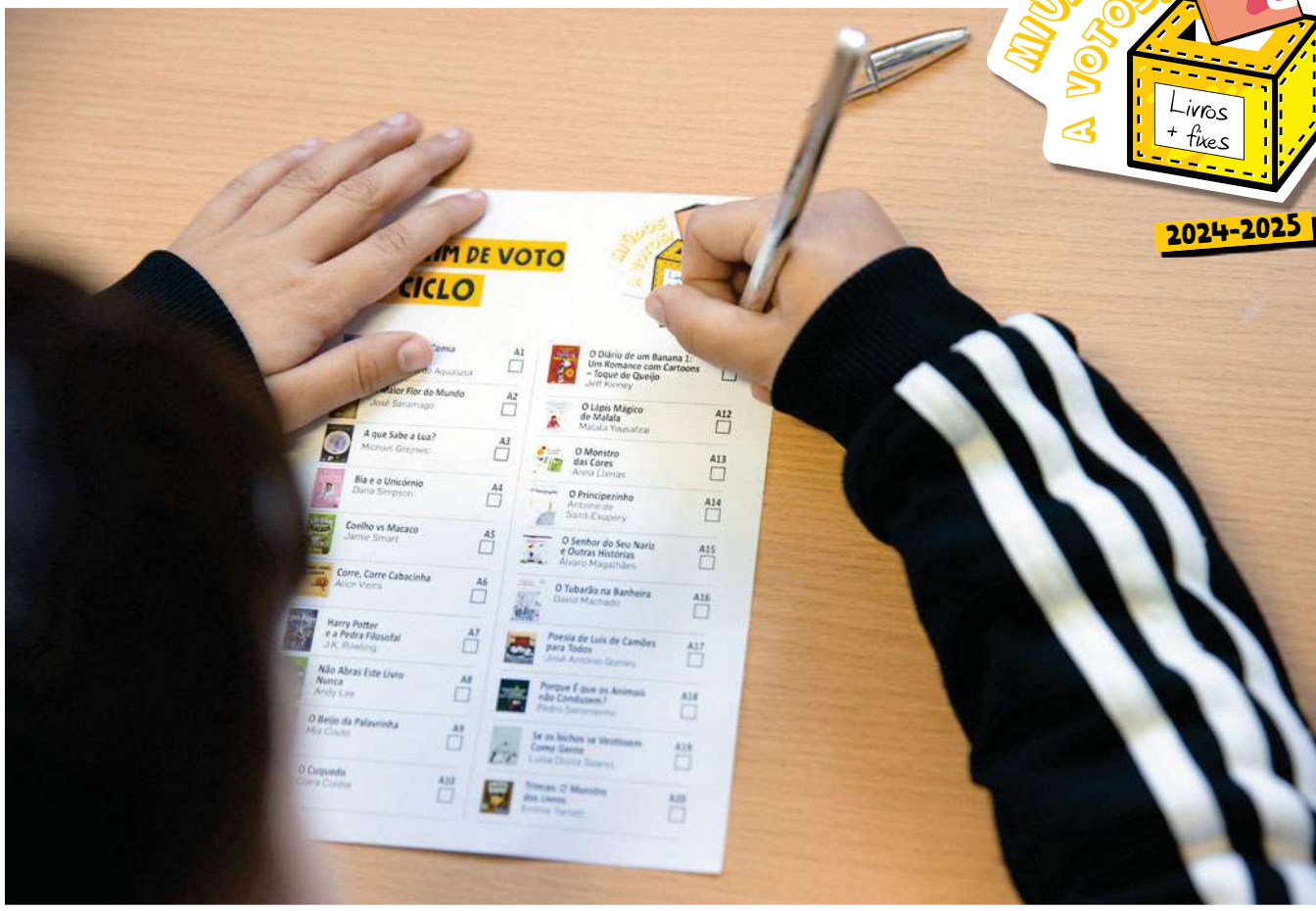
NUNO VASSALO E SILVA
Presidente da Fundação CCB

Será o *Jornal de Letras* hoje uma realidade anacrónica, nem que seja por privilegiar o formato em papel, ou será essa resistência a sua força contemporânea e interventiva? Inclino-me para esta segunda leitura.

ANTÓNIO GOMES DE PINHO
Presidente da Fundação Arpad Szenes – Vieira da Silva

No *JL* reúne-se um conjunto de características que o tornam único e insubstituível no panorama da comunicação social portuguesa e em particular na cultura, área onde, com poucas exceções, infelizmente, se vem rarefazendo a reflexão e a crítica.

Votar "Esta é uma maneira de perceber como tudo funciona e de também termos voz", afirma Diana, aluna do 6.º ano



JOSÉ CARLOS CARVALHO

Os miúdos já foram às urnas

Na 9ª edição de Miúdos a Votos!: Quais os Livros Mais Fixes?, *uma parceria da VISÃO Júnior com a Rede de Bibliotecas Escolares, milhares de alunos votaram nos seus livros preferidos*

— POR PAULA BARROSO

Depois de uma campanha eleitoral que agitou recreios e salas de aula, eis que alunos do 1º ao 12º ano de escolaridade, de mais de 800 escolas públicas e privadas portuguesas (e duas em França), foram chamados a votar. São as nonas eleições de *Miúdos a Votos!: Quais os Livros Mais Fixes?*, uma iniciativa da VISÃO Júnior, em parceria com a Rede de Bibliotecas Escolares, que mais uma vez mobilizou milhares de estudantes de todo o País.

As bibliotecas das instituições de ensino que aderiram à campanha encheram-se, no dia 12 de março, de miúdos ansiosos por exercer o seu direito de voto e escolher aquele que, na sua opinião, é o livro "mais fixe". Na EB 2/3 Conde de Oeiras, em Oeiras, as turmas dirigiram-se à vez para a biblioteca, de cartão de estudante na mão. "Eu já sabia mais ao menos como eram umas eleições porque costumo acompanhar os meus pais quando vêm à escola votar, mas não fazia ideia de que era tudo tão complicado, como a organização, a contagem dos votos...", admite Penélope, 11 anos, uma das alunas que deram nas vistas na escola, graças à campanha eleitoral que levou a cabo, em defesa d'*O Diário de Anne Frank*.

Uma campanha que parece ter dado frutos, já que grande parte da turma do 6º B decidiu apoiar o livro proposto por Penélope. "Ficámos com vontade de o ler e decidimos votar nele", conta Lourenço, entusiasmado. Filipa e Diana, da mesma turma, já colocaram o boletim na urna e explicam o ar satisfeito: "Nós, crianças e jovens, nunca votamos, e esta é uma maneira de percebermos como tudo funciona e de termos voz, porque também somos importantes."

UMA AULA DE LITERACIA E CIDADANIA

A poucos quilómetros dali, na EB1/JI de Vila Nova de Caparica, concelho de Almada, Madalena, 9 anos, é da mesma opinião. Enquanto espera na fila com duas amigas, lá nos vai dizendo: "Devíamos poder também votar em assuntos da escola, como ter ou não baloiços no recreio." A ideia é geral, porque logo

LUCÍLIA MONTEIRO

MARCOS BORGA

Hora de participar As bibliotecas encheram-se com alunos do 1.º Ciclo ao Secundário que não quiseram perder a oportunidade de exercer o seu direito de voto

Constança, 9 anos, acrescenta: "Escreva que as crianças não precisam de votar em presidentes, mas em coisas nossas, sim!" Está dado o recado. *Miúdos a Votos!* trata de livros, mas não só. Alia literacia e cidadania e, ao longo de vários meses, as escolas participantes trabalham com os alunos as duas vertentes. Sílvia Jardim, 55 anos, professora bibliotecária da EB 2/3 Conde de Oeiras, é uma acérrima defensora da iniciativa. "Ao longo da campanha, discutimos sobre a importância de votar e realizámos atividades de sensibilização e debates. A maioria dos alunos não tinha noção das etapas de um processo eleitoral e, graças a esta iniciativa, ficaram a par de tudo. Sentiram-se empoderados e estão excitados com a contagem dos votos e os resultados." Na EB de Vila Nova de Caparica, duas turmas do 3º ano vivem uma experiência nova. É a primeira vez que participam, mas estão bem informados. Ao longo de meses, aproveitaram os *10 Minutos a Ler* com as professoras Sandra Ribeiro e Tânia Lopes para conhecerem os livros-candidatos do 1º Ciclo. O entusiasmo sentido na campanha contaminou outros miúdos e professores, por isso, "no próximo ano é provável que a escola em peso participe", acredita Manuela Agostinho, professora bibliotecária.

NA MESA DE VOTO

Para Manuela Pargana Silva, coordenadora da Rede de Bibliotecas Escolares (RBE), o dia das eleições de *Miúdos a Votos!* é sempre especial. "O entusiasmo e a curiosidade que aqui vi dão-me esperança de que continuemos a fazer leitores. É uma batalha que devemos prosseguir, porque não é fácil. Mas quando a promoção dos livros é feita entre pares, tem muito mais impacto; por outro lado, os alunos aprendem o valor da participação num processo democrático."

'O entusiasmo e a curiosidade que aqui vi dão-me esperança de que continuemos a fazer leitores. É uma batalha que devemos prosseguir, porque não é fácil'

Manuela Pargana Silva, coordenadora da Rede de Bibliotecas Escolares

Para que todos os alunos das mais de 800 escolas, de norte a sul do País, pudessem votar, houve muitos que, com a ajuda de professores, tiveram de organizar as eleições. Escolheram-se os membros das mesas de voto, estudou-se o regulamento, construíram-se urnas e montaram-se cabinas de voto. Com as listas de votantes inscritos em mão, os boletins lá foram sendo entregues, e àqueles que não sabiam bem o que fazer, os colegas da mesa davam uma ajuda.

Em Vila Nova de Gaia, na EB D. Pedro I, a biblioteca estava apinhada. Toda a escola se mobilizou na campanha eleitoral e, no dia das eleições, as 40 turmas dos 2º e 3º anos foram chamadas às urnas. "São quase 800 alunos, e não parece que tenha havido muita abstenção!", conta-nos a professora Ana Paula Oliveira. Que os miúdos sejam um exemplo para os pais. pbarroso@visao.pt

"MIÚDOS A VOTOS!" EM NÚMEROS

DEPOIS DAS ELEIÇÕES, CABE AGORA À PORDATA O APURAMENTO DOS RESULTADOS NACIONAIS

804
ESCOLAS INSCRITAS
Ensino público e privado

38 446
CANDIDATURAS RECEBIDAS
Número de livros propostos por alunos

70
LIVROS QUE VÃO A VOTOS
No total, participam os quatro ciclos, do primeiro ao Secundário

16 de maio
DIVULGAÇÃO DOS RESULTADOS NACIONAIS
Festa final na Fundação Calouste Gulbenkian

José Carlos de Vasconcelos

— Fundador da VISÃO

À MARGEM
... E A RESPONSABILIDADE DOS JORNALISTAS

O esclarecimento ou não dos portugueses durante a campanha eleitoral, se depende em primeira mão dos políticos que a protagonizam, depende muito também da qualidade da cobertura jornalística. Que tem sido boa, por exemplo, na rádio pública, na Antena 1, e menos boa ou deficiente em outros média.

Mas sobretudo nas entrevistas aos líderes partidários e aos debates entre eles, o que mais influirá nas opções dos eleitores, o mais importante são as televisões. Ora, em eleições anteriores o panorama foi em geral deficiente, quando não deplorável. Espera-se que desta vez isso não aconteça.

No entanto, já a entrevista da RTP1, no dia 17, a Pedro Nuno Santos foi muito mal conduzida, mormente por incidir a maior parte do tempo no mesmo de sempre, no que é mais do que claro, indo até coisas tão absurdas como, a propósito dos problemas com a empresa "familiar" criada por Montenegro em 2021, questionar o líder do PS sobre a empresa – com décadas de existência, dimensão e (dizem) prestígio no setor – de que o pai é um dos sócios.

PS e PSD: responsabilidade da defesa da democracia

1. Bom senso, tolerância, equilíbrio, capacidade de diálogo – parecem-me ser sempre, e ainda mais neste momento, muito importantes para o exercício e a defesa da democracia. Depois, claro, do intransigente integral respeito pela liberdade e pelos direitos humanos. E de par com a transparência, a seriedade em todos os campos e sob todos os ângulos, o que pressupõe o combate aos *clientelismos* de qualquer espécie, em particular os partidários. No conjunto, aquilo a que sempre chamei "a ética na política". Pela qual – e por outro indeclinável direito humano que é o "direito à esperança" – sempre me bati, mormente ao ser o primeiro, em 1984/5, a escrever sobre, a *teorizar*, a necessidade da criação de uma força cívica que, plural dentro de um bem definido mas alargado quadro ideológico, tivesse como objetivo essencial lutar por tais valores e objetivos.

E uma razão decisiva para a sua constituição foi um estudo de opinião mostrar que grande parte dos portugueses já não confiava na democracia: não só não havia *alternativa*, como não havia sequer possibilidade de *alternância*, pois PS e PSD eram governo (o bloco central).

Ora eu *sinto* que hoje, no referente àquela confiança, a situação é ou tende a ser semelhante, o que não se pode ignorar e tem de ser combatido. Em relação a 1985 há, de positivo, uma diferença: a possibilidade de alternância/alternativa. Porque hoje as diferenças entre os dois partidos são mais notórias do que naquela altura, e porque o PSD está no Governo e o PS na oposição. Mas há, de negativo, um partido extremista, o Chega, que constitui uma ***ameaça*** à democracia.

2. E aqui temos um grande "problema": o resultado mais provável das próximas legislativas é que nem se o partido mais votado for o PS fará maioria (com BE, PCP, Livre e PAN), nem se for o PSD a fará (com IL e CDS). Assim, se o PSD mantiver o "não" em relação ao Chega – e se o não mantiver sofrerá as consequências... – a única maioria de governo possível será PS-PSD. Hipótese até agora fortemente rejeitada por todos, com argumentos de peso. Um dos quais é tal solução beneficiar a prazo os extremos ***perigosos*** – hoje, de facto, só o Chega.

Então, *quid juris*? Não sei. Sei é que: a) não se devem usar argumentos antigos para realidades novas; b) é normal em muitos países, em situação semelhante, os dois maiores partidos entenderem-se, como agora na Alemanha; c) para isso se poder verificar, PS e PSD têm de mudar muito a forma de se relacionarem. E sei, principalmente, que PS e PSD têm uma enorme responsabilidade na defesa da Constituição e do regime democrático. Também por isso, e para isso, comecei por referir a necessidade de bom senso, tolerância, equilíbrio, capacidade de diálogo...

3. Isto dito, espero que na campanha eleitoral haja um debate sério dos problemas mais prementes do País. E sem a condenável agressividade, a batota e os ***golpes*** que vêm sendo prática sobretudo de André Ventura. Neste particular a responsabilidade, em geral, é também ou sobretudo do jornalismo e de jornalistas, como já aqui sublinhei.

Não vale a pena é discutir a responsabilidade pela queda do Governo: ela é do próprio Governo. Porque o PS desde o programa de Governo sempre o viabilizou, mas sempre afirmando que não o faria em relação a uma moção de confiança (onde alguma vez se viu o maior partido da oposição fazê-lo?...). Moção que o Governo apresentou – e não retirou, mesmo quando, na sessão em que foi votada, ia "inventando" propostas para dar a ideia de que a culpa era do PS...

Deixando de lado coisas tão condenáveis como as declarações do presidente do Parlamento, o *avesso* do que lhe competia fazer, subsistem problemas, questões e dúvidas relativas ao primeiro-ministro. Mas volto a salientar que não está em causa "corrupção". E é inqualificável que o Chega tenha feito um cartaz com essa palavra/acusação, as fotos de Luís Montenegro e José Sócrates. Se ainda não o fez, o PSD devia de imediato fazer uma queixa à CNE e requerer a retirada do cartaz. E Montenegro avançar com uma queixa-crime contra os seus responsáveis.

visao@visao.pt